

## Resumo

No presente trabalho de dissertação, centramo-nos nos hábitos privados da corte portuguesa, nomeadamente a higiene e a *toilette*, nos reinados de D. Maria I e de D. Luís I, os soberanos que mais tempo permaneceram no Alto da Ajuda, na Real Barraca e no Paço Novo.

A existência de prata em abundância e variedade, a “prata da casa”, era tradição na casa portuguesa da elite. A corte portuguesa não fugia à regra.

As peças abordadas servem de ponto de partida para uma contextualização sobre os rituais diários nos Paços da Ajuda nos séculos XVIII e XIX, no âmbito da História dos Costumes: as vivências no quarto, centro vital da casa em setecentos, o local da recepção, das refeições, da *toilette*, do banho, da hora de dormir, e da escrita e o aparecimento no século seguinte, do conforto “à inglesa”, das preocupações pela sanidade, com a criação dos *water - closets*, das casas de banho e dos aquecimentos, no novo Paço.

Em épocas de mobilidade, em vilegiaturas e nas viagens ao estrangeiro que se prolongavam por vezes por grandes temporadas, a corte fazia-se acompanhar de todos os bens necessários para o seu conforto diário, acondicionados em estojos.

Num contexto internacional, onde Portugal se enquadra, abordamos a história do aparecimento dos estojos de viagem, das suas tipologias e evolução, bem como os artistas fabricantes e as Grandes Exposições Universais, onde exibiam as novidades.

Com este estudo, damos a conhecer igualmente, parte de uma colecção única em Portugal: os estojos com serviços de toucador e escritório do Palácio Nacional da Ajuda. Para cada peça foi realizado um estudo individualizado, que reflecte os novos contributos alcançados.

## **Abstract**

In this dissertation, we focus on the private habits of the Portuguese court, particularly on the hygiene and toilette, in the reigns of D. Maria I and D. Luís I, the sovereigns who remained longer in top of Ajuda at the Real Barraca and the New Palace.

The presence of silver in abundance and variety, the “silver of the house” was a tradition among the Portuguese elite. The Portuguese court was no exception.

The pieces addressed in this work serve as a starting point for a contextualization of the daily rituals in the Ajuda Palace in the XVIII and XIX centuries, in the scope of the History of Private Life: the experiences lived in the bedroom, the vital centre of the house in seven hundred, the place of reception, meals, toilette, bath, sleeping time, writing and the emergence in the following century of the “English” comfort, worries with health issues, the creation of the water-closets, the toilets and the heating, in the new palace.

In times of mobility, vacations and during the trips abroad that sometimes could last for big seasons, the court would bring all the necessary items for their daily comfort, all packed in cases.

In an international context, where Portugal fits, we address the history of the emergence of travelling cases, their typologies and evolution, as well as the artists who manufactured them and the Great Exhibitions where novelties were showed.

With this research, we also pretend to make known, a part of a unique collection in Portugal: the cases with toilet and office services from the National Palace of Ajuda. For each piece was made an individual study, which reveal their new achievements.

**Pai**

**Zé**

**José Eduardo, Sebastião e Luísa**

## **Agradecimentos**

Aos meus orientadores, a Professora Doutora Isabel Mendonça e Professora Doutora Maria João Neto, o meu agradecimento por todo o apoio científico, pelas sugestões e pelo tempo que me dispensaram.

Ao meu professor, Prof. Doutor Vitor Serrão, pelo apoio e interesse que demonstrou neste tema.

À Dr.<sup>a</sup> Isabel Silveira Godinho, Directora do Palácio Nacional da Ajuda, o meu sincero agradecimento por todo o apoio e incentivo prestados desde o início, neste projecto.

À Dra. Teresa Maranhas, conservadora da colecção de ourivesaria do Palácio Nacional da Ajuda, pela sua dedicação e sempre pronta disponibilidade no acesso às reservas e pelo apoio científico prestados, nomeadamente a cedência de bibliografia e fichas de inventário e pelo auxílio no registo fotográfico das peças dos estojos do Palácio Nacional da Ajuda, o meu sincero agradecimento, com amizade.

Ao Dr. João Vaz, meu primo, conservador da colecção de Pintura do Palácio Nacional da Ajuda, o meu agradecimento pela sua paciente e cuidada revisão do texto e pela transcrição dos manuscritos do estojo/escritório de D. Pedro.

À Dra. Cristina Neiva Correia, conservadora da colecção de cerâmica do Palácio Nacional da Ajuda, o meu agradecimento amigo por todas as sugestões, informações, orientações e empréstimo de bibliografia, essenciais para este trabalho.

Às Dras. Manuela Santana, conservadora da colecção de têxteis e Maria do Rosário Jardim, investigadora, do Palácio Nacional da Ajuda, e à Dra. Isabel Abecassis, pela cedência de documentação dos Séculos XVIII e XIX, agradeço com amizade.

Às minhas colegas do Palácio Nacional da Ajuda, que me incentivaram a começar e a prosseguir este estudo, em particular a Dra. Maria Saldanha, conservadora

da colecção de escultura, à Dra. Maria José Gaivão Tavares, do departamento de comunicação e à Dra Teresa Pinhal, assessora da Direcção.

Ao Dr. Miguel Metelo de Seixas, Professor na Universidade Lusíada de Lisboa, o meu agradecimento pelo estudo heráldico de peças do estojo do Marquês de Valada.

Ao Dr. Jorge Fialho, heraldista, pelo estudo heráldico do sinete de D. Pedro IV, o meu agradecimento.

Agradeço igualmente a Nathalie Dupuis, Conservadora do Musée des Arts Décoratifs de Paris, pelas sugestões de bibliografia e informações sobre os estojos de Biennais.

Ao Dr. Manuel Bairrão Oleiro, um dos amigos que desde o início se interessou, me incentivou e me apoiou inteiramente na concretização deste estudo, de igual modo dirijo os meus agradecimentos sinceros.

Pela tradução do resumo inicial, agradeço à Maria Gil, a prontidão com que se disponibilizou a ajudar.

Aos meus colegas e amigos do curso de mestrado em particular, à Dra. Olinda Rodrigues e Dr. Nuno Grancho, o meu agradecimento por toda a colaboração e ajuda prestadas.

À minha prima Helena Ribeiro Daget, agradeço a hospitalidade e a forma como me acolheu em Paris, em sua casa, por ocasião do meu trabalho de pesquisa na Bibliothèque des Arts Décoratifs.

A todos os amigos da minha geração, em particular à minha sobrinha Alexandra Guerra Tavares e à Maria Forjaz, que sempre me acompanharam e encorajaram, agradeço do coração.

E por fim à minha preciosa família, muito particularmente à minha Mãe, ao Zé,

meu marido e aos meus filhos, José Eduardo, Sebastião e Luísa, que me deram apoio total, mostraram interesse e que perdoaram as minhas ausências ao convívio em casa.

## **“Utilidade e gosto” na corte portuguesa**

### **A Higiene e *Toilette* nos séculos XVIII e XIX**

**Estojos com serviços de toucador e escritório do Palácio Nacional da Ajuda.**

#### **INDÍCE**

- Resumo.....p.1**
- Siglas e Abreviaturas.....p.9**
- Nota Introdutória.....p.10**

#### **I – A *toilette* e a escrita nos séculos XVIII e XIX. Objectos de uso no quotidiano e em épocas de mobilidade. Do Antigo ao Novo Regime**

- 1.1. Os dois paços da Ajuda.....p.13**
- 1.2. Regras e hábitos de sociabilidade na corte e em Portugal.....p.20**
- 1.3. A alimentação e a higiene.....p.25**
- 1.4. A hora do toucador: cosmética e o penteado.....p.55**
- 1.5. A escrita.....p.69**

#### **II – Os estojos**

- 2.1. Algumas tipologias, as suas funções e evolução.....p.81**
- 2.2. Alguns artistas–fabricantes do século XIX: executantes das necessidades diárias, do gosto e do luxo.....p.100**
- 2.3. As Grandes Exposições: Exposições Nacionais, Industriais e Universais. O conceito de arte aplicada à Industria.....p.114**
- 2.4. Os visitantes/viajantes Reais.....p.120**

#### **III – Estojos do Palácio Nacional da Ajuda:**

- 3.1. Estojos e malão de viagem da casa Paul Sormani:**
  - 3.1a – Serviço de toucador da rainha Maria Pia de Sabóia.....p.124**
  - 3.1b – Serviço de toucador em tartaruga, da rainha Maria Pia de Sabóia.....p.128**
  - 3.1c – Malão de viagem da rainha D. Maria Pia, da casa Sormani.....p.129**

<b>3.2. Estojos com serviços de toucador / <i>toilette</i>:</b>	
<b>3.2a – Serviço de toucador da rainha Adelaide da Sardenha.....</b>	<b>p.139</b>
<b>3.2b – Serviço de toucador do iate “Sírius”.....</b>	<b>p.140</b>
<b>3.2c – Serviço de toucador com as armas de Sabóia, da casa “Aucoc”.....</b>	<b>p.145</b>
<b>3.2.d – Serviço de toucador “MBV” (do Marquês de Valada).....</b>	<b>p.147</b>
<b>3.3. Escrivanhinha de viagem:</b>	
<b>3.3.1 - Escrivanhinha de viagem do rei D. Pedro IV.....</b>	<b>p.150</b>
<b>- Considerações finais.....</b>	<b>p.156</b>
<b>- Fontes e Bibliografia.....</b>	<b>p.159</b>
<b>- Origem das Imagens.....</b>	<b>p.167</b>
<b>- Anexo I - Fichas Analítico Descritivas e Documentação suplementar</b>	

## **Siglas e Abreviaturas:**

AHMF – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças.

ANTT – Arquivos Nacionais da Torre do Tombo.

CIM – Collection Iconnographique Maciet (Paris)

BA – Biblioteca da Ajuda.

BNE – Biblioteca Nacional de Évora.

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

PNA – Palácio Nacional da Ajuda.

Cx. – Caixa.

Doc. – Documento.

Fig. – Figura.

Nº - Número

Op. Cit. – Obra citada

p. – Página

pp. - Páginas

## **Nota Introdutória**

No presente trabalho de dissertação, centramo-nos particularmente nos hábitos privados da corte portuguesa nos Séculos XVIII e XIX, nos reinados de D. Maria I e de D. Luís I, na Real Barraca e no Paço Novo.

As peças do dia-a-dia referidas ao longo do texto foram o ponto de partida, para uma contextualização dos rituais diários nos Paços da Ajuda nos séculos XVIII e XIX. Numa abordagem interdisciplinar entre a História de Arte e a História dos Costumes descrevemos as vivências no quarto, centro vital da casa em setecentos, local da recepção, das refeições, da toilette, do banho, da hora de dormir, e da escrita e o aparecimento no século seguinte, do conforto “à inglesa”, com a separação das divisões e das preocupações pela privacidade, pela sanidade, da criação dos *water - closets*, das casas de banho e dos aquecimentos, no novo Paço.

Relativamente aos rituais do quotidiano e aos objectos utilizados para o conforto diário das elites, nos Séculos XVIII e XIX, serviram-nos de base os estudos recentemente realizados em França, que consultámos na Bibliothèque des Arts Décoratifs, em Paris, dado que em Portugal a bibliografia relacionada com esta temática é escassa.

Das obras consultadas, destacamos os contributos lançados por Bernard Chevalier, Director do Museu-castelo de Malmaison e Bois-Preau, Gerard Mabilie, conservador do mesmo museu e Anne Dion-Tenembaum, conservadora do Museu do Louvre, no catálogo da exposição “Indispensables Nécessaires”, realizada em 2008/2009, bem como o catálogo da exposição “Les Heures du Jour”, realizada em Dijon, no Museu Magnin, em 2009. Foi a bibliografia determinante para o conhecimento dos estojos de viagem, para estudo dos artistas representados no núcleo de estojos do Palácio Nacional da Ajuda e por último, para a compreensão dos rituais diários nos lares das elites.

Na mesma biblioteca procedemos também a uma consulta da Collection Iconnographique Maciet, que serviu de base para a selecção de algumas imagens ilustrativas, que actualmente se conseguem obter *on line*.

Em Portugal, são de realçar os estudos de Leonor D'Orey, publicados pela Fundação Ricardo Espírito Santo em 1998 e nas Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria, publicadas em 2009. No que se refere à bibliografia nacional, ainda consultámos as obras de Ana Vicente, de 2001 e de Filipa Lowndes Vicente, de 2003, importantes para o estudo sociológico das mulheres de todas as classes, da literatura de viagens e da educação dos príncipes portugueses.

Obviamente que, num tema integrado na História de Costumes, uma área tanto tempo desmerecida no âmbito da historiografia, foram consultadas duas obras de referência, fundamentais para a compreensão dos rituais quotidianos e do papel da mulher na sociedade: “História da Vida Privada” de Philippe Ariès e Georges Duby, e a “História das Mulheres no Ocidente”, igualmente de autoria de Duby, em parceria com Michelle Perrot.

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda consultámos documentação respeitante às despesas da Casa Real: do século XVIII, os inventários do período compreendido ente 1771 e 1785; do século XIX, toda a documentação relativa aos fornecedores e despesas, em Portugal e no estrangeiro, bem como alguma correspondência.

Nos dois reinados, em épocas de mobilidade, em vilegiaturas e nas viagens ao estrangeiro que se prolongavam por vezes por grandes temporadas, a corte fazia-se acompanhar de todos os bens necessários para o seu conforto diário, acondicionados em baús e estojos.

Num contexto internacional, onde Portugal se enquadra, abordamos a história do aparecimento dos estojos de viagem - dando especial destaque aos que continham serviços de *toilette* e escritórios - das suas tipologias e evolução, e os artistas fabricantes, executantes das necessidades diárias das elites, do gosto e do luxo. Para isso consultámos também autores ingleses, como Timothy Schroder, e Philipa Glandville, nas obras publicadas em 1996 e 2006, respectivamente.

As Grandes Exposições Universais, visitadas pelas pessoas Reais, locais onde eram exibidas e adquiridas as novidades e o conceito de Arte aplicada à Indústria, são temas igualmente abordados.

Com este estudo, damos igualmente a conhecer parte de uma colecção única em Portugal: os estojos com serviços de toucador e escritório do Palácio Nacional da Ajuda. Dos conjuntos existentes no acervo seleccionámos seis serviços de toucador, um grande malão de viagem que acomoda vários agrupamentos de peças utilitárias e uma escrivaninha de viagem. São conjuntos de grande qualidade estética e artística, com tipologias e materiais variados. Foi realizado um estudo individualizado em que após fotografarmos todas as peças, reunimos informações a partir de elementos técnicos obtidos através das fichas do inventário, de pesquisa nos arquivos e consulta bibliográfica. Essa análise reflecte os novos contributos alcançados.

A variedade tipológica dos estojos do Palácio da Ajuda é não só reveladora dos hábitos, dos gostos e das necessidades da corte portuguesa nas suas deslocações, em situações distintas, como também, portadora de memórias; caso do curioso escritório de viagem da casa *Giroux* que acompanhou D. Pedro IV nas suas viagens frequentes, numa época conturbada e de conflito armado: o período de lutas entre liberais e miguelistas

A grande maioria das peças pertencentes aos conjuntos em estudo são provenientes de França, não obstante há também peças portuguesas e espanholas, tal facto justifica-se pela nítida afirmação da França em termos de produção artística e de vendas, na segunda metade do século XIX, particularmente a partir das Grandes Exposições Universais de Paris em 1844 e Londres em 1851. Nas frequentes deslocações de D. Maria Pia ao estrangeiro, nomeadamente a Paris, a rainha tomou contacto com as mais prestigiadas casas comerciais e antiquários, de onde provém alguns estojos do Palácio da Ajuda.

## **I – Os dois paços da Ajuda. A *toilette* e a escrita nos séculos XVIII e XIX. Objectos de uso, no quotidiano e em épocas de mobilidade. Do Antigo ao Novo Regime.**

### **1.1. Os dois novos paços da Ajuda.**

O Paço Real da Ajuda, designado como Real Barraca, cuja construção se iniciou logo um ano após o terramoto de 1755, foi habitado pela família Real - que até aí tinha permanecido acampada em tendas - no mês de Julho de 1756. Lá permanecerão por um período de quarenta anos, tendo sido palco de grande parte da vivência da corte portuguesa.

Na segunda metade do século XVIII, numa Lisboa ferida pelo grande terramoto e em reconstrução, a corte portuguesa distanciou-se dos objectivos vividos pelos soberanos antecessores, que tinham habitado em palácios reais com esplendor e magnificência, verdadeiros cenários de poder, onde se desenvolviam os rituais cortesãos e onde o rei era uma figura intangível. O Paço da Ribeira, com D. João V, tinha alcançado o seu apogeu e fausto em pompa e aparato. O soberano foi, ao longo do seu reinado, efectuando melhoramentos, como a construção de uma nova ala e a decoração de vários aposentos, requisitando para tal o trabalho de artistas como o arquitecto italiano António Canevari, o pintor, Quillard e Messonier.<sup>1</sup>

Em termos culturais, a corte francesa era modelo de inspiração no XVIII e XIX. Alguns dos seus hábitos e costumes eram transpostos para outras cortes, de acordo com cada realidade nacional. Com as devidas adaptações, a corte portuguesa não fugiu à regra.

O Duque de Chatelet, um dos viajantes estrangeiros que a visitou no ano de 1778 afirmou que “Toute la cour s’habille à la française”<sup>2</sup>. De França chegavam numerosos

---

<sup>1</sup>Citado por FRANCO, Carlos, *O Mobiliário das elites de Lisboa na segunda metade do Século XVIII*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, p.33.

<sup>2</sup>Citado por ABECASIS, Maria Isabel Braga, *A Real Barraca, A Residência na Ajuda dos Reis de Portugal após o Terramoto (1756-1794)*, Tribuna da História, Lisboa, 2009, p.79.

bens, sobretudo na segunda metade do século XVIII, como peças de ouro e prata, móveis e vestuário, encomendados a artistas de renome.<sup>3</sup>

De acordo com testemunhos coetâneos, o Paço de Madeira não tinha nada de grandioso. D. José (1714-1777), seguramente mais preocupado em reconstruir uma cidade delapidada, não deu grande importância à aparência dos seus palácios. Durante o seu reinado, os paços já existentes e que resistiram à catástrofe, não sofreram obras ou acrescentos relevantes.

O Paço da Ajuda do século XVIII era decorado com algum fausto mas com discrição. O mobiliário e todos os outros bens eram adquiridos pelo Real Bolsinho de Sua Majestade. Operou-se uma mudança de mentalidade para a qual Pombal teria contribuído, ao afirmar que deveria haver “menos palácios, menos quadros, menos móveis ricos.”<sup>4</sup> Na verdade, o paço de Queluz, considerado como o mais rico, com contínuas remodelações, acrescentos e restauros, ao longo do reinado de D. Maria I e de seu filho D. João, era uma sombra de outros palácios europeus. Alguns estrangeiros avaliaram o seu aspecto exterior desprovido de ordem arquitectónica, mais parecendo uma casa digna de “um rico particular” e não um palácio.<sup>5</sup>



Fig.1 - Retrato de D. José I, Rei de Portugal, Miguel António do Amaral, 1773, Esc. Port. Óleo sobre tela, Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia.

Após a morte de D. José, Portugal assistiu, com sua filha, D. Maria I (1734 – 1816), a importantes alterações políticas e sociais, iniciou-se o período designado como “a Viradeira”, que teve como consequência a queda de Pombal e a reabilitação da família Távora. A instabilidade mental da rainha, que já se verificava desde há muito, agravou-se a partir de 1799, sobretudo após a morte do seu marido D. Pedro (1786), e de seu filho

<sup>3</sup>ABECASIS, *Op. Cit.*, p. 79.

<sup>4</sup>FRANCO, *Op. Cit.*, p.32.

<sup>5</sup>IDEM, p.35.

primogénito, o Príncipe Real D. José (1788). Também os ecos da Revolução Francesa e decapitação de Luís XVI e Maria Antonieta terão afectado fortemente a soberana portuguesa. D. Maria I permitiu o acolhimento de numerosos aristocratas franceses, fugidos do regime do Terror, na sequência da revolução de 1789. Por fim, em 1807, deu-se a partida apressada da corte para o Brasil, provocada pela primeira invasão francesa.

Embora a época de reconstrução e de austeridade que se vivia, a soberana não negligenciou o embelezamento da sua residência. No setecentista Real Paço da Ajuda, os aposentos não tinham uma decoração de carácter permanente, sobressaindo o trabalho sistemático e continuo de Pedro Alexandrino Nunes, Mestre Armador da Casa Real Portuguesa. Eram regulares as intervenções daquele artista, com vista a redecorar os aposentos Reais, armando e desarmando as suas obras, consoante as ocasiões da vivência quotidiana das Pessoas Reais.



Fig. 2 - D. Maria I e D. Pedro III, 1777/1785, Oleo sobre tela, 2300 x 1897 mm, Museu Nacional dos Coches, Lisboa, Portugal

Apesar de tudo, era incessante a aquisição pela Casa Real de peças de prata, civil e religiosa, para funções diversas. Aliás, era tradição na casa portuguesa da elite, a existência de prata em abundância e variedade: a prata da casa. Era um investimento seguro, que poderia ser revertido em dinheiro nas alturas de necessidade. No caso da corte portuguesa, deu-se a aquisição de *peças de grande aparato* a ourives estrangeiros como Thomas Germain, entre outros, e peças designadas como de *produção corrente*, igualmente de boa qualidade, executadas por ourives nacionais,<sup>6</sup>

<sup>6</sup> D'OREY, Leonor, «Mestres Ourives de Lisboa que trabalharam para a Casa Real, Séculos XVIII e XIX», in *Actas do Colóquio Português de Ourivesaria*, Porto, Universidade Católica do Porto, 2009, p.99.

como os que referimos neste estudo, nomeadamente António Rodrigues de Leão e Bernardo Soares.

Sempre que a corte se deslocava em “jornada”, para os paços de Queluz, Salvaterra, Mafra, Sintra, acarretava todos os bens necessários para o seu conforto diário. Móveis, tapeçarias, tapetes, tecidos, e a prata da casa, que era acondicionada em estojos.

No século XVIII, o quarto era o centro vital da casa, o local onde todas as actividades diárias decorriam: a recepção, as refeições, a hora de dormir e o trabalho. Os quartos dos membros da Família Real, que observamos na planta da Real Barraca, eram aposentos que contemplavam um conjunto de divisões, cada uma com a sua função, de carácter mais privado ou público, onde estavam incluídas as zonas das refeições, dos banhos, os toucadores das senhoras, os espaços para os jogos, a música, as recepções, etc. Conforme a planta da Real Barraca, podemos apurar que a maior parte dos quartos da Família Real, se sucediam na ala Sul, por questões térmicas e de luminosidade, mais penosas nas épocas mais frias. (Planta 1 e 2, Anexo I, p. 163). Tal disposição foi seguida mais tarde pelos arquitectos, na concepção do novo Paço Real da Ajuda, onde encontramos os aposentos de D. Luís e de D. Maria Pia, com a mesma orientação. (Doc. Planta 3, Anexo I, p. 164)

Na Real Barraca, habitada desde 1756 até 1794, viveram, para além do rei D. José, que a mandou erigir, sua mulher a Rainha D. Mariana Vitória, o infante D. Pedro, irmão do soberano e sua mulher, a princesa D. Maria Francisca Isabel. Também ali viveu a filha de D. José, a futura rainha D. Maria I, seus filhos, o príncipe herdeiro D. José e o infante D. João e as irmãs de D. Maria I, as princesas D. Maria Francisca Benedita, Maria Ana Francisca Josefa e Maria Francisca Doroteia.



Fig.3 – Retrato de D. João VI ainda infante, Século XVIII, Museu da Iconfidência, Ouro Preto, Brasil

Finalmente, D. Carlota Joaquina, infanta espanhola, futura mulher do infante D. João e

futura rainha de Portugal,<sup>7</sup> vinda para Portugal no ano 1785, com apenas dez anos de idade.

Em 1794, um grande incêndio deflagrou e destruiu completamente o Paço de Madeira. No entanto, conseguiu salvar-se bastante recheio. Parte do qual é conhecido, graças a inventários realizados após a catástrofe. Algumas peças fazem hoje parte do acervo do Palácio Nacional da Ajuda.

Por ordem do príncipe regente, D. João um novo Paço da Ajuda foi iniciado, em 1796, no mesmo local do antigo. A obra, de gosto barroco, foi entregue ao arquitecto Manuel Caetano de Sousa, que a conduziu até ao ano de 1802. Nesse ano, foi substituído de uma forma polémica, por dois novos arquitectos, Francisco José Fabri e José da Costa e Silva, que trouxeram a feição neoclássica ao projecto, de acordo com os cânones da época. No entanto e infelizmente, só uma terça parte do projecto foi construída.



Fig. 4 - D. Carlota Joaquina de Bourbon  
Mariano Salvador Maella, 1775-1778,  
Escola espanhola, Óleo sobre tela,  
Museo del Prado, Madrid.

Ali residiram pontualmente no início várias Pessoas Reais: logo após a morte de D. João VI (rei de 1826-1834), em 1826 e até 1828, a infanta Regente D. Isabel Maria, suas irmãs a infanta D. Maria da Assunção, D. Ana de Jesus Maria e a princesa D. Maria Francisca Benedita, viúva de D. José, Príncipe Real, irmão mais velho de D. João, que morreu prematuramente com varíola.<sup>8</sup> No seu regresso a Portugal, no ano de 1828, o rei D. Miguel escolheu aquele paço para residir. Ali foi aclamado Rei absoluto e lá permaneceu por um período de cerca de seis meses. Em 1833, um ano antes da implantação definitiva do regime liberal, uma parte da família Real espanhola, nomeadamente o infante D. Carlos, sua mulher, D. Francisca de

<sup>7</sup> ABECASIS, *Op. Cit.*, pp. 64, 65 e 66.

<sup>8</sup> BURNAY, Maria João; PORTUGAL, Mafalda Castro, «A família Real na Ajuda no século XIX e o gosto pela natureza», in *Património Estudos*, Lisboa, IPPAR, Ministério da Cultura, 2005, nº8, p. 212

Assis e filhos, a princesa da Beira, filha de D. João VI, já viúva de seu marido, o infante D. Pedro Carlos e seu filho, o infante D. Sebastião, foram acolhidos na Ajuda temporáriamente, pela expulsão do Infante D. Carlos por seu irmão, o Rei Fernando VII. Com a entrada das tropas liberais em Lisboa, em 1834, a família Bourbon abandonou aquele paço, que permaneceu desabitado durante um longo período. Tão só permanecia aquela grande mansão, que um visitante estrangeiro, o príncipe Félix Lichnowsky afirmou, em 1842: "Que interesse poderá excitar em mim essa enorme, e fria massa de pedra, que permanece tão deserta, sem passado, e sem presente – incompletas ruínas modernas, que nada apresentam e nada recordam!"<sup>9</sup>

Durante esse período de solidão, ocorreram aí ocasionalmente, algumas solenidades. Durante o reinado de D. Maria II (1834-1853), cerimónias de beija-mão; com D. Pedro V (1853-1861), um banquete, um beija-mão e a festa de gala organizada por ocasião do seu consórcio, com a princesa D. Estefânia de Hohenzollern-Sigmaringen. Mas D. Pedro morreu prematuramente a 11 de Novembro de 1861. Sucedeu-lhe seu irmão, o infante D. Luís, a 22 de Novembro do mesmo ano. O novo soberano, D. Luís I, elegeu o novo paço da Ajuda como residência permanente, onde entrou a 16 de Novembro de 1862 e onde residiu até ao ano da sua morte, em 1889.



Fig. 5 - Palácio Real da Ajuda, Postal, Edição M.I.R, nº 6, Lisboa, s.d.

O casamento do novo rei foi uma prioridade e a escolha recaiu numa princesa da Casa de Sabóia: D. Maria Pia. A princesa, após o casamento por procuração na cidade de Turim, chegou à Ajuda no dia 6 de Outubro de 1862, e naquele lugar permaneceu com seu marido e seus dois filhos, o príncipe Real D. Carlos (este, até ao ano de 1886, ano do seu consórcio com D. Amélia de Orléans) e o Infante D. Afonso, até à sua precipitada

<sup>9</sup> BURNAY; PORTUGAL, *Op. Cit.*, p. 212.

partida para o exílio, a 5 de Outubro de 1910.<sup>10</sup>

A partir da escolha da nova princesa e enquanto decorria o período de noivado, D. Luís promoveu obras de renovação e melhoramentos nos seus aposentos, com todo o entusiasmo. O empenho com que acompanhava as mudanças, para agradar à sua prometida, transparece na correspondência trocada entre ambos.

Apesar de tudo, a rainha recém-chegada, com apenas 16 anos de idade, ao conhecer a nova residência, não deixou de demonstrar algum desapontamento nas suas impressões. Propôs-se desde logo executar um renovamento completo, tarefa que levou a cabo, durante quase toda a sua permanência no Paço Real da Ajuda.

Fortemente influenciada pelo gosto francês, em especial o ditado pela corte de Napoleão III e Eugénia de Montijo, conforme os cânones seguidos na decoração de interiores naquele período, contou nos primeiros tempos com o precioso trabalho do arquitecto – decorador, Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896), de 1862 a 1865. Discípulo de Percier e Fontaine introduziu no novo plano de distribuição das divisões uma nova concepção, baseada numa noção muito burguesa de conforto e de privacidade, orientado igualmente pelo cunho muito pessoal da soberana. Os aposentos do rei e da rainha eram separados, e criou igualmente uma divisão entre os espaços de representação, públicos, e os privados.<sup>11</sup> O ecletismo predominava na decoração dos seus interiores onde os estilos mais valorizados eram os franceses, Luís XV e Napoleão III, de acordo com o gosto vigente.

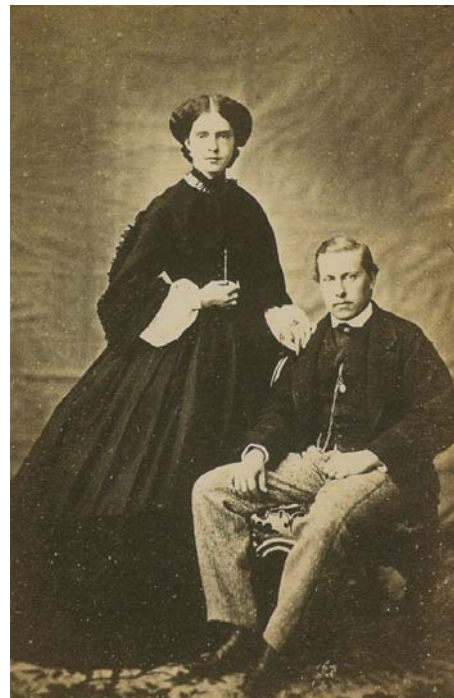


Fig. 6 – D. Luís e D. Maria Pia, 1865, PNA, Invº F55304.

No século XIX, o quarto perdeu progressivamente a sua dimensão pública e

---

<sup>10</sup> IDEM, pp.214, 215.

<sup>11</sup> IDEM, p. 215.

converteu-se definitivamente no quarto de dormir, passando a ter essa designação. Outrora em quartos separados, foi sobretudo a partir de 1830, que os esposos começaram a utilizar a mesma divisão durante a hora do sono. Tal situação aconteceu no Paço da Ajuda de oitocentos, não deixando, apesar de tudo, de cada um ter os seus aposentos pessoais, privados.

Nos aposentos do rei, da rainha e dos príncipes, nomeadamente nos do infante D. Afonso, foram criadas duas novas divisões: a casa de banho e o W.C. Nos aposentos da rainha, totalmente renovados em 1887, essas divisões, consagradas à *toilette* e higiene diária, eram um prolongamento do seu quarto de *toilette*.

Neste período de permanência de D. Maria Pia no paço da Ajuda, foram numerosas as encomendas e aquisições de peças do recheio, não só de luxo, fabricadas segundo métodos tradicionais, como também outras, de carácter decorativo e utilitário, igualmente escolhidas através de catálogos, naquela época muito completos. Entre as aquisições destinadas à higiene e ao arranjo pessoal da Família Real de oitocentos, encontram-se modernos equipamentos de casa de banho e W.C., peças de *toilette* e escrita, acondicionados em estojos, onde se incluem os que temos como objecto de estudo, no presente trabalho. Essas peças completavam o conforto e supriam as necessidades diárias da corte, sempre associadas ao gosto e ao luxo.

## **1.2. Regras e hábitos de sociabilidade na corte e em Portugal.**

Na corte portuguesa do século XVIII, o comportamento e as regras de protocolo diário dentro dos aposentos privados das Pessoas Reais eram rígidos. Frei Manuel do Cenáculo transcreve no seu “Diário”<sup>12</sup> os preceitos a observar nos aposentos do príncipe Real, D. José, estabelecidas por seu avô, o rei D. José. Assim, o príncipe era assistido por vários funcionários da Câmara pessoal de seu avô, nomeadamente os Gentis-Homens, os Moços, o Reposteiro, e até o Varredor. Quanto ao acesso ao Quarto do príncipe, D. José deliberou: “A elle não subirão Pessoas algumas, que não sejam Reais,

---

<sup>12</sup> Biblioteca Nacional de Évora, CXXX/1-17, f.232, Frei Manuel do Cenáculo, Diário, *Cópia de Instrução, e Ordens que Sua Magestade foi servido para dar para se observarem no Quarto do Príncipe Nosso Senhor.*

de qualquer estado, e Condição que possam ser, além das acima nomeadas sem especial Ordem Minha.” Neste último caso, o rei referia-se aos ministros “que tem assento, e voto no Meo Concelho de Estado; o Confessor do mesmo Príncipe Fr. Manoel do Cenáculo; o Instructor de Ler, e escrever António Domingos do Passo (...)”. Relativamente à *toilette*, o cabeleireiro Carlos Sousa era chamado ao paço, “(...) quando (...) necessário para executar o que pertence ao seu offício. Logo porem que houver feito o Serviço para que for chamado, será immediatam.te despedido, sem que se lhe permita fazer mais dilatação.” E o rei justifica:” A dignid.e a decência, e o costume das Cosas fazem necessário que as conversações com o Príncipe sejam reduzidas som.te aos Gentis homens da Câmara, Moços do Guarda Roupa que servem, e aos Ministros do Meo Conselho de Estado, sem que se possa permittir que os Reposteiros, Varredores, Cabeleireiros, ou quaesquer outras Pessoas destes, e sem os [?]foros, tenham como mesmo Princepe a menor prática. Antes pelo contrario deverão sahir do quarto logo que houverem feito.” D. José afirmava ainda que seu neto deveria costumar-se “desde logo a repartir as horas para viver com methodo, que em tão Altas Pessoas se faz indispensável.”<sup>13</sup>

A família Real Portuguesa, pós-terramoto, mantinha-se num círculo social restrito e extremamente fechado. Não privava com muitos estrangeiros na corte e só se mostrava em público nas cerimónias solenes, como actos religiosos ou alguns espectáculos musicais. Ao contrário dos soberanos franceses, e segundo descrições da época, vestiam-se de forma modesta e deslocavam-se também modestamente em caleches antigas. D. José não apreciava grandes protocolos, nem queria uma corte numerosa. A Igreja, dominante, levava a corte portuguesa a ter, por devoção e humildade cristã, uma atitude discreta perante os seus súbditos, mesmo os nobres.<sup>14</sup>

Relativamente aos hábitos de sociabilidade em Portugal, as mulheres de todos os extractos sociais viviam confinadas às quatro paredes da casa. Geralmente só saíam para os officios religiosos que se realizavam na rua ou nas igrejas, usualmente acompanhadas por uma mulher negra. Após o terramoto, verificou-se uma mudança em relação ao traje, na sequência do qual algumas mulheres adoptaram trajes garridos, sem atender a

---

<sup>13</sup>IDEM.

<sup>14</sup>BRAGA, Piedade; RODRIGUES, Teresa; NOGUEIRA; Margarida Sá, *Lisboa Setecentista vista por estrangeiros*, Lisboa, Livros Horizonte, 1996.

normas impostas anteriormente.<sup>15</sup> Segundo um viajante estrangeiro, era habitual nas casas portuguesas encontrar os homens numa sala e as mulheres noutra, normalmente sentadas no chão, sobre uma esteira.<sup>16</sup>

Outros realçam a beleza da mulher portuguesa:” As portuguesas são muito formosas, bastante cheias, a pele branca, possuindo, em geral, lindíssimos olhos e muita vivacidade. Algumas damas de condição vestem-se e penteiam-se à francesa, mas o mais usual é o penteado simples, a casaca de talhe masculino, bordada, agaloada ou simples, segundo a condição e fortuna da Dama. Usam (...) um grande manto preto franzido na testa por forma que a cara e o corpo só podem ser vistos por aqueles a quem elas desejam conceder tal favor. (...) As damas de grande categoria saem de liteira seguidas por um escudeiro a cavalo e as filhas de burgueses em cadeira com rodas ou então a pé, acompanhadas de suas criadas.”<sup>17</sup> Embora este relato se repórter a 1730, a vida da mulher de condição estava sujeita a austeras regras e assim permaneceu, ao longo de todo o século XVIII. Um viajante francês, J.F.Carrère, na sua obra *Panorama de Lisboa*, no ano de 1789, constatava que Portugal, em relação a outros países europeus, tinha um atraso de cerca de cinquenta anos. Enquanto as mulheres das elites continuavam privadas de liberdade, e até em casa, perante a presença de visitantes, se mostravam pouco, mantendo velhas tradições e costumes, as outras, de baixos extractos sociais e as estrangeiras (mulheres de usos mais avançados) saíam à rua.<sup>18</sup> Carrère relata que o traje das damas de classes elevadas era luxuoso, inspirado nas modas francesas e que em geral as damas em Lisboa andavam bem calçadas, com sapatos de cetim.<sup>19</sup>

O Duque de Chatelet foi mais um dos viajantes que elogiou a beleza e graça da mulher portuguesa, num relato de finais do século XVIII: “ Quanto à mulher portuguesa, podemos sem exagero, muito gabar os seus encantos. Não há outras mulheres na Europa que tenham melhor tez. Têm dentes brancos, cabelos muito belos, e fartos, que geralmente chegam aos seus calcanhares (...) todas têm belos olhos negros

---

<sup>15</sup> VICENTE, Ana, *As mulheres Portuguesas vistas por viajantes estrangeiros (Séculos XVII, XVIII e XIX)*, Lisboa, Gótica, 2001, p.p.49 e 50.

<sup>16</sup> IDEM p.55.

<sup>17</sup> «Descrição da Cidade de Lisboa, 1730», in *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*, Tradução, prefácio e notas de Castelo Branco Chaves, 2ª edição, Lisboa, Biblioteca Nacional 1989, citado por VICENTE, *Op. Cit.*, pp. 59, 60.

<sup>18</sup> VICENTE, *Op.Cit.*, pp. 89, 90.

<sup>19</sup> IDEM, p.91.

muito expressivos. (...) Têm mais espírito e talvez mais vivacidade que as francesas. (...) As mulheres de certo estatuto vestem-se à francesa, com excepção da cabeça que arranjam à moda do seu país. As mulheres costumam sentar-se sobre os tornozelos, como os Turcos.”<sup>20</sup>

Durante o século XIX, por todo o continente europeu, incluindo Portugal, o grupo bio-social das mulheres, foi adquirindo a devida importância e deu-se relevância à sua verdadeira influência na história e na humanidade. Porém, na primeira metade da centúria, as mulheres, permaneciam no seu recolhimento caseiro, só sendo vistas em procissões ou outras cerimónias religiosas. Eram as únicas oportunidades para a sociabilidade.



Fig. 7 - Passeio Público em Lisboa, Século XIX. Litografia de Anunciação, Panorama, 1943.

Na segunda metade do século, operou-se uma viragem nos costumes. Com o aparecimento de acontecimentos sociais, como os bailes, as festas, as *Kermesses*, as mulheres da elite, ainda bastante recatadas nos seus lares, tinham agora outros meios e outras oportunidades para a convivência. A partir do reinado de D.Maria II, com o aparecimento do Passeio Público, as rainhas mostravam-se nas ruas de Lisboa com maior frequência, a par da burguesia emergente e da aristocracia.

D. Maria Pia, oriunda de uma corte estrangeira com outros hábitos, era vista com assiduidade em público, a passear com seus filhos, D. Carlos e D. Afonso, e a frequentar os estabelecimentos comerciais da moda, sobretudo os que iam surgindo no Chiado.

Em relação ao exagero das modas lisboetas, uma inglesa, Lady Jackson, na sua obra *A formosa Lusitânia*, publicada em 1887, comentou:

---

<sup>20</sup>*Voyage du Duc du Chatelet en Portugal*, 2 tomes, revu par J. Fr.Bourgoing, Paris, chez F.Buisson, an VI de la République, [1797], Tomo I, pp. 72, 73, Citado por VICENTE, *Op. Cit.*, pp. 81, 82.

“ O Chiado (...) As *senhoras* n’esta questão de calçado pequeno reclamam a primasia sobre qualquer francesa ou americana: ao passo que magnanimamente concedem às inglezas bastante juízo e conhecimento para se incluírem entre as suas rivais. Porém, contra esta pretensão, oferece-se-me ensejo de vir com embargos, pois que fui agora favorecida com a amostra de umas botinhas de certa *bella condessa* e de uma donosa *senhorita*. Pois solemnemente protesto que muitas inglesas da mesma estatura podiam meter ambos os pés em cada uma das botas, sem contar com o que há de illusório nos saltos. (...) A altura que lucram com o tacão perdem-na com a curvatura, que às vezes lhes dá uma irrisória e insólita proeminência ao *puf* do vestido, e muita exageração nas sobresaías, à grega, provocando o riso, como muitas vezes presenciei, dos profanos espectadores do outro sexo.”<sup>21</sup>

Na literatura europeia contemporânea, Proust, na sua obra “À Procura de um Tempo Perdido”, caracterizou uma sociedade em transformação, onde a aristocracia entrou numa época de declínio e a burguesia, em ascensão, inovou e inventou, impondo os seus gostos e a moral.<sup>22</sup> A sociedade em transformação privilegiava agora os valores da família. A importância que se dava ao lar, ao património, à virtude e ao asseio (uma característica de moralidade) determinava uma nova forma de viver.

A mulher devia ser a perfeita “fada do lar”, a perfeita educadora da sua prole e era seu apanágio zelar pelo bem-estar do lar e da família. A rainha, apesar das suas obrigações de soberana, adoptou alguns hábitos burgueses e não fugiu à regra. D. Maria Pia foi uma rainha com hábitos inovadores e mundanos.

Também na segunda metade do século XIX se observou o aparecimento do conforto “à inglesa” nas habitações. As preocupações pela sanidade das cidades, levam alguns autores a afirmar que o século XIX é o século dos *water-closets*, das casas de banho e dos aquecimentos.

Com o desenvolvimento do caminho-de-ferro, a partir do reinado de D. Pedro V,

---

<sup>21</sup>VICENTE, *Op. Cit.*, p. 178.

<sup>22</sup>BEAUTHEAC, *Op. Cit.*, p. 5.

as grandes viagens que incluíam a permanência de temporadas nas estâncias termais e de banhos de mar tornaram-se um hábito geral das elites, em que a corte portuguesa se incluiu. A rainha D. Maria Pia tinha como locais de eleição estâncias, como Nice e Aix-les-Bains, onde procurava as melhores terapias.

A consciência de sanidade levou as mulheres a adotarem um estilo de vida mais liberto. Surgiu não só o gosto pelas vilegiaturas, como igualmente pelas longas viagens, pelo desporto e vida ao ar livre. D. Maria Pia desde o início do reinado tinha um gosto especial em praticar desportos, como ginástica e equitação. Nos paços da Ajuda, Mafra, Queluz e Cascais, dava longos passeios a pé e de “velocípede” e organizava piqueniques, seguida pela sua habitual comitiva, quase até ao final da sua permanência em Portugal. Hábitos de vida ao ar livre que a maior parte das mulheres portuguesas só viriam a adoptar, décadas mais tarde.

### **1.3. A alimentação e a higiene.**

Foi em função de várias subtilezas sociais, económicas ou religiosas, que se observou ao longo da História o estabelecimento de horários nos rituais do quotidiano das elites, tais como a *toilette*, as refeições, as orações, o estudo e a escrita. Cada classe social apresentava os seus códigos de conduta.

O século das Luzes foi estratégico na evolução dos hábitos diários. Foi uma época de grandes mudanças em relação às épocas que a precederam, nos domínios da higiene, da *toilette*, da educação, da vida familiar, da leitura. Uma evolução de que os séculos seguintes serão depositários.<sup>23</sup>

Por esse motivo, o historiador Pierre Chanou afirmou : « de tous les legs du passé qui commandent nôtre présent, le leg du XVIII siècle est un des plus importants.»<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> AA.VV. *Les Heures do Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à la République*, Musée National Magnin, Dijon, Exposition du 19 Novembre 2009 au 14 février 2010, Paris, Réunion des Musées Nationaux, 2009, pp 13, 14.

<sup>24</sup>IDEM, p. 14.

Nos últimos anos do Antigo Regime, na hora de levantar, a aristocracia e a alta burguesia só principiavam o seu dia de acordo com o seus horários pessoais, variáveis, ao contrário dos camponeses ou dos serviçais, obrigados a regular as actividades diárias, entre o nascer e o por do sol, de acordo com as suas obrigações de trabalho. No entanto o dia-a-dia das elites era tão diversificado e preenchido, que parecia quase impensável acordar tarde.

No século XVIII, logo após o levantar, tomava-se uma primeira refeição. O quarto era ainda um local de convivência, onde se desenrolavam diversas actividades diárias. Por essa razão, o quarto era guarnecido com todo o recheio necessário. Fabricavam-se serviços completos, que contemplavam conjuntos para a *toilette*, higiene e conforto, para as refeições, a escrita, iluminação, e oração. Estes conjuntos eram designados em Portugal, como a “pratta do quarto”. A título de exemplo, no inventário da prata fabricada pelo ourives António Roiz (Rodrigues) de Leão, “para o Quarto da Senhora Infanta D. Carlota”,<sup>25</sup> recém chegada a Portugal, para a refeição, constavam cafeteiras de diferentes tamanhos, “leiteiras com as suas tampas”, açucareiros, “faqueiros de 12 aviamentos”, colheres para caldo, para arroz e guisados, bule para chá, colheres para chá, tenazes, e escumadeiras, chocolateiras, “pires com suas tampas para pôr chicharas de chocolate”, um oveiro e finalmente para a higiene das mãos, “pratos e jarros para água às mãos.” (Doc.1, p. 165 e ss, Anexo I.)

Em Portugal, o artesão fabricante de estojos aparece-nos em documentação de finais do século XVIII, com a designação de *bainheiro*. O Dicionário de Bluteau define-o como: “oficial que faz bainhas de espadas”.<sup>26</sup> Houve no entanto um alargamento do conceito e, para além da produção de bainhas, fabricava igualmente as caixas ou estojos para acondicionamento das peças. Em documentação de 1801, surge já a designação “estogeiro”. As caixas mais pequenas, para jóias “ (...) como anéis, fivelas e brincos (...) ” eram fabricadas por José de Faria.<sup>27</sup>

As peças essenciais de uso diário da Família Real eram abrigadas em caixas,

---

<sup>25</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 3137, *Despesas de Março de 1785*.

<sup>26</sup> BLUTEAU, R., *Vocabulário Português e Latino*, 1712, Tomo II, p.16.

<sup>27</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 3137, *Despesas de Março de 1785*

fabricadas à medida, usadas para um transporte seguro desses objectos, sempre necessários nas suas deslocações, como foi o caso da encomenda de um baú, em 1782, para “a jornada”<sup>28</sup> de uma das princesas. Outras surgem para as ocasiões solenes ou festivas. No ano de 1785, ano da “função das Passagens”, ou seja, da troca das princesas D. Mariana Vitória de Portugal e D. Carlota Joaquina de Bourbon, foram executadas algumas peças por Manuel José de Barros, *bainheiro* da Casa Real. Por “uma caixa com seus repartimentos, para guardar a prata do Quarto da Senhora Infanta D. Carlota”<sup>29</sup> auferiu 42\$970 réis. Noutra encomenda, por mais três “caixas em madeira com seus repartimentos à proporção da peça, madeira e feitio a 8\$000 cada uma, cobrou 24\$000 réis”. Na lista de material utilizado no fabrico dos últimos três estojos, para além obviamente da madeira, constavam “ferragens de ferro”, “16 côvados<sup>30</sup> de baeta<sup>31</sup>”, e “galão de retrós<sup>32</sup> para guarnecer as ditas.”<sup>33</sup> Também se apresentavam os custos relativos às deslocações do artesão ao local das peças, a fim de efectuar as medições de cada uma. Esses trajectos eram feitos em carretos e seges. (Doc. 2, p. 169, 170, Anexo I)

Bernardo Rodrigues Soares, outro ourives da Casa Real, fabricou para a “função das Passagens”, bacias e urinóis, peças essenciais para a viagem.<sup>34</sup>

No que diz respeito aos artefactos utilitários da “prata do quarto” que serviam à higiene e à escrita



Fig. 8 – Perfumador, António Firmo da Costa, Reg. 1793, Lisboa, Portugal, Prata e pau-santo, Col. Particular.

<sup>28</sup> IDEM, Cx. 3122, *Despesas de Novembro de 1782*.

<sup>29</sup> IDEM, Cx. 3137, *Despesas de Março de 1785*.

<sup>30</sup> “Côvado - Medida de três palmos com a qual se mede seda & pannos de cor”, in Bluteau, 1712, Tomo II, p.592.

<sup>31</sup> “Baeta – Pano de lã, a que ou com o uso, ou com instrumentos se levanta o pelo. Há de muitas castas (também das diferentes terras aonde se fabrica, toma a Baeta o nome. Baeta de Inglaterra, de Olanda, de França, etc.”, in Bluteau, 1712, Tomo II, p. 11.

<sup>32</sup> “Retroz – Fios de seda torcidos.”, in Bluteau, 1720, Tomo VII, p.310.

<sup>33</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 3137, *Despesas de Março de 1785*.

<sup>34</sup> IDEM.

e ao conforto das pessoas Reais, constavam nos aposentos do paço da Ajuda, peças como: “bacia de pés grande redonda”<sup>35</sup> “prato redondo gomado pela borda com armas reais”, (...) “candeeiro de velas, com todos seus pertences, tesoura, e 8 canudos”, (...) “jarro grande de boca larga (...) com sua máscara na boca, asa de figura de sereia, e o pé gomado”, (...) “caneca (...) de feitio ouvado, com sua tampa, e asa de figura de sereia”, (...) “pratos, e jarros para água às mãos”, bacia, e ferro para sangria, “esquentadores com suas cobertas” ou seja escalfetas de leite, “perfumadores com suas tampas transfuradas”, (...) “bacias de tripeça, e de cama”, (...) roleira, castiçal de bandeira e castiçais para o Cravo, acrescente-se no caso dos quartos masculinos, os aparelho da barba, e ainda urinóis.<sup>36</sup>

Os perfumadores eram peças empregues para a purificação do ambiente. Os perfumes consideravam-se “bons contra a peste”<sup>37</sup> e para “exhalar o cheiro, com que se perfuma a roupa, os vestidos, etc.”<sup>38</sup> Os preferidos para o efeito eram “o incenso, pastilhas” e “pevides.”<sup>39</sup>

Os jarros com bacia (gomil com lavanda), muitas vezes designados como “jarros



de água às mãos”, eram usados não só para a higiene das mãos na ocasião das refeições (a água vertida por vezes continha alfazema perfumada ou água-de-rosas),<sup>40</sup> mas também para a higiene diária. Eram peças de grande

Fig. 9 – Gomil e lavanda, Século XVII, Portugal (?), Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Prata, Inv<sup>o</sup>10712 e 10713.

<sup>35</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 3137, *Despesas de Março de 1785*.

<sup>36</sup> IDEM 3126 [1], *Despesas de Maio de 1783*.

<sup>37</sup> BLUTEAU, 1720, Tomo VI, p.422.

<sup>38</sup> IDEM.

<sup>39</sup> IDEM.

<sup>40</sup> D'OREY, Leonor, *Ourivesaria*, Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Museu Escola de Artes Decorativas Portuguesas, 1998, Lisboa, pp.143, 144.

beleza, consideradas “de aparato” e que muitas vezes, pelas suas formas e ornamentação, exibiam o virtuosismo e a arte dos seus autores. O gomil era uma peça com pé elevado, sustentando um bojo largo, com boca larga, a partir do século XVII. A lavanda oval era uma bacia para amparar a água, igualmente de uso litúrgico, para os baptizados, que podia ser também de “águas à barba” ou para a sangria.<sup>41</sup>

Até ao século XVIII, à semelhança das refeições, a higiene e a *toilette* eram rituais que se realizavam no quarto, ou seja, nos aposentos privados. A mesa “era posta” no sentido literal, conforme a conveniência e muitas vezes nos aposentos privados. Por essa razão, no rol da “prata do quarto”, estava incluída a prata para serviço das refeições.

Em finais do século XVIII, com a influência burguesa, esses hábitos modificaram-se, nomeadamente com a criação de novas divisões com funções específicas: a casa de banho e WC, para a higiene e a casa de jantar como divisão própria para as refeições com carácter fixo e exclusivo. Também se assistiu a uma mudança de horários das refeições e conseqüente reformulação de terminologia. O pequeno – almoço, outrora inexistente como refeição propriamente dita, tal como foi



Fig. 10 – Bule, Manuel Dias Ferreira, reg. 1787, Século XVIII (2ª metade), Porto, Portugal, Prata e ébano, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Invº4367.

referido, passou a tomar-se ao levantar e consistia numa chávena de leite, de chá, de café ou chocolate acompanhado de uma torrada ou pão fresco.

O hábito do consumo do chocolate, do café e do chá, na primeira refeição, generalizou-se em setecentos. Todas estas bebidas exóticas eram

<sup>41</sup>TEIXEIRA, Maria Emília Anaral, *A prata da casa*, in «Ourivesaria do Norte de Portugal», Cat. Exposição, Porto, Casa do Infante, 1987, p. 230.

tomadas no quarto e muito apreciadas pela corte portuguesa, nos séculos XVIII e XIX. Prova disso são as numerosas chocolateiras, cafeteiras e bules que constavam no recheio da prata dos Paços Reais. Com o aparecimento destas bebidas, surgiram portanto novos recipientes, cada um com a sua função. O chá foi uma bebida adoptada em Portugal, no século XVII, o mesmo em que D. Catarina de Bragança o teria levado, como parte do seu dote, para Inglaterra. Os bules portugueses mais antigos são exemplares do século XVIII, designados primeiramente como “chaleiras” e já na época de D. Maria I, como “bule”.

No Paço Real de Nossa Senhora da Ajuda em 1783, o chocolate consumido pelas pessoas Reais, era importado da cidade de Génova em caixas.<sup>42</sup> No final desse mesmo ano, uma das infantas encomendou “16 arrates de chocolate”<sup>43</sup>. Prova de que



Fig. 11 – Chocolateira, Século XVIII [1760-1761], François Thomaz Germain, Paris, França, Prata e madeira (?), Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Inv<sup>o</sup>1872 Our.

também era apreciadora e consumidora daquelas bebidas, a Rainha D.Maria I guardava no seu quarto, em “caixas grandes”<sup>44</sup> em folha-de-flandres, o seu chocolate e o seu chá.

O almoço era uma refeição ligeira. No século seguinte, o almoço, que até aí fora a primeira refeição do dia, passou a decorrer por volta do meio-dia, tomando inicialmente o nome de “almoço de garfo”, distinguindo-se assim da anterior.

Mantém-se no entanto uma refeição leve e rápida, para os padrões da época. A definição do Dicionário de Bluteau, de 1712 corrobora esta ideia: “ (...) a palavra almoço parece derivar do arábico *Al* e do Latim *Mortos* que valem o mesmo que mordedura porque almoçar he dar quatro mordedura e comer quatro bocados.”<sup>45</sup>

<sup>42</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 3124, *Despesas de Fevereiro de 1783*.

<sup>43</sup> IDEM, Cx. 3130, *Despesas de Dezembro de 1783*.

<sup>44</sup> IDEM, Cx. 3131, *Despesas de Fevereiro de 1784*.

<sup>45</sup> BLUTEAU, 1712, Tomo I, p.273.

O jantar, designação atribuída anteriormente à refeição do meio-dia, passou para um horário mais tardio, por volta das cinco e meia da tarde, avançando ao longo do século até às oito horas da noite. Na corte portuguesa de 1862 em diante, vamos encontrar estes horários.<sup>46</sup> Em 1892, o almoço de garfo era às 10h da manhã, o jantar às quatro, e uma refeição ligeira constituída por chá, pão e manteiga seria às 10h00 da noite. As refeições eram assistidas por pessoal numeroso. Em 8 de Novembro de 1892 para dar assistência a uma refeição, na designada “primeira mesa”, estavam ao serviço duas criadas secundárias, um criado de quarto, um criado de quarto do Infante D. Afonso, um criado do veador, um criado do oficial às ordens, um porteiro da cozinha e “quatro pretos”.<sup>47</sup>

Na segunda metade deste século a refeição da noite tornou-se propícia aos encontros mundanos e um momento estratégico para a sociabilidade. Criada para o efeito, a casa de jantar e a sala da ceia, no Paço da Ajuda do século XIX, eram divisões fundamentais para a convivência da corte e da elite social.

No século XVIII, logo após a primeira refeição e da oração, seguia-se a hora da *toilette*. O conceito de higiene, tal como é conhecido nos dias de hoje, não existia então. Homens e senhoras efectuavam uma limpeza seca ao seu corpo, depois de acordar. A operação era feita com um simples pano branco. Nesse tempo, a limpeza seca era efectuada apenas nas extremidades visíveis, como a cara, mãos e peito, que eram esfregadas com água perfumada. Cabia esconder ou camuflar os maus cheiros utilizando perfumes, quase sempre em excesso. A cosmética, aplicada na face a fim de esconder a sujidade, para além de embelezar, era considerada um factor de protecção.

Antes do século XVIII, a Igreja considerava a água, um elemento provocatório dos prazeres lascivos e também causador de outros grandes males, como epidemias de doenças. Por exemplo, a rainha Cristina da Suécia (1626-1689) mostrava as suas mãos habitualmente tão sujas, “que nunca se poderia observar nelas qualquer beleza.”<sup>48</sup> Se a água tinha alguma virtude terapêutica, era somente aconselhada nalguns casos, por vezes absurdos, como por exemplo no tratamento de doenças como a raiva, cujas

---

<sup>46</sup> CORREIA, Cristina Neiva, «A Etiqueta à mesa», in *Ecos de Belém*, Fevereiro», 1996.

<sup>47</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 7331, Relações.

<sup>48</sup> Citado em LA VARENDE (Jean Viconte de) *Anne d'Autriche*, Flammarion, Paris, 1938, p. 207

terapias aconselhadas eram banhos de mar. Só na segunda metade daquela centúria, os médicos começaram a reconhecer as propriedades benéficas da água e a recomendar o banho para reparação dos males. Tronchin (1709-1781), físico suíço, prescrevia banhos de água fria para os casos de histeria feminina e para o atrofiamento muscular.

Os banhos eram preparados com arte e era obrigatório o repouso, antes e depois. A hora do banho, que se podia prolongar por algumas horas, tornou-se um verdadeiro momento de descontração e de descanso, de terapia para o corpo e para a mente. E até a hora do banho era encenada, na segunda metade do século XVIII. Nos lares das elites, a banheira era colocada de uma forma estudada, numa divisão, a casa de banho, ou numa alcova, sobre um tapete rico e decorada com dossel. Enquanto se banhavam tranquilamente, homens e senhoras envergavam por vezes uma longa camisa de algodão. Nessa hora de repouso era servida uma bebida exótica e revigorante, como o chocolate.



Fig. 12 - *Le Bain*, Romanet a partir de Freudeberg, Terceiro quartel do século XVIII, água – forte, Museu do Louvre, Paris.

Foi no reinado de Luís XVI (1754-1793), que a divisão apropriada para os rituais do banho, a casa – de – banho se divulgou em França, mas só nas casas abastadas. A banheira, colocada na zona central da sala ou encostada à parede, era considerada mais uma, entre as peças de mobiliário de luxo. As banheiras, fabricadas em materiais como a pedra, cobre, madeira ou folha-de-flandres, podiam ter formas diversas.

Chegou a ser de bom-tom, em França, receber na hora do banho. Tal situação

ocorria na mansão da condessa de Genlis, que na hora da recepção, nos seus «bains-salon», tinha o cuidado de mandar diluir leite na água do banho, para que esta se tornasse opaca, ou então envergava uma camisa longa.<sup>49</sup>

Na corte de D. Maria I, os banhos eram um hábito dos membros da Família Real. Encontram-se numerosas referências nos inventários de despesas, relativas ao arranjo e fabrico das tinas e borrifadores<sup>50</sup> em folha-de-flandres ou prata, de vários aposentos Reais: “1 tina consertada para o Quarto do Príncipe Nosso Senhor e borrifador para o banho da Senhora Infanta D. Mariana”;<sup>51</sup> ou a outras peças relacionadas com a higiene como um “lavatório grande para a Princesa Nossa Senhora.”<sup>52</sup>

Alguns banhos, sobretudo os de carácter terapêutico, requeriam a preparação dos aposentos com armações. Logo após a Infanta D. Mariana ter tomado “os banhos 1 dia (...) 3 oficiais (...) foram desarmar os Quartos de tapeçarias e cortinados, e alcatifas e armar a armação da cama, e tudo o mais que foi preciso.”<sup>53</sup>

A Família Real portuguesa também se deslocava ao centro de Lisboa, onde se alojava no paço da Praça do Comércio, para tomar os banhos terapêuticos das Alcaçarias, bem perto do mesmo. Esta “ (...) efémera residência régia foi, entre 1780 e 1792, frequentemente habitada por D. Maria I e ocupava o quarteirão delimitado pelas Rua Augusta, do Comércio e do Ouro e pela Praça do Comércio (...).”<sup>54</sup> Nessas ocasiões eram preparados os aposentos nos “edifícios, que formam a Praça do Comércio”<sup>55</sup> para que pudessem “os soberanos, mais comodamente tomar os banhos.” Há notícias de que em certas deslocações, eram fabricados propositadamente colchões para o repouso após o banho e barris para a condução das águas, no dito local.

---

<sup>49</sup> AA.VV. *Les Heures do Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à la République*, pp 26, 27.

<sup>50</sup> Uma espécie de chuveiro.

<sup>51</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 3133, *Despesas de Julho de 1784*.

<sup>52</sup> IDEM, Cx. 3118, *Despesas de Junho de 1781*.

<sup>53</sup> IDEM, Cx. 3131, *Despesas de Maio de 1784*.

<sup>54</sup> SANTANA, Francisco, «Feira da Ladra», in *Revista Olisipo*, Lisboa, Boletim do Grupo Amigos de Lisboa, II série, nº 26, Janeiro/ Junho de 2007, p. 96.

<sup>55</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Caixa 3132, *Despesas de Maio de 1784*

Os banhos terapêuticos também foram muito apreciados na corte de oitocentos nomeadamente pela Rainha D. Maria Pia. A estância de Aix-Les-Bains, entre outras, foi local onde permaneceu temporadas e onde também requeria a presença de uma massagista, Madame Méchoux, intitulada *Diplomée de S. M. La Reine de Portugal*, especializada em massagens contra a obesidade, médicas e cirúrgicas.<sup>56</sup> As actividades da rainha durante as suas viagens e na estância termal francesa eram cuidadosamente registadas na agenda da sua dama camareira:

“ Julho

2ª feira 1

Sahida de Moncalieri

Veio a Princesa Líticia<sup>57</sup> buscar S.M. para acompanhar a estação de Turim.

Sahiu S.M. de Moncalieri as 6 ½ e chigou a estação de Turim as 7 ¼. Estava na estação a despedir-se de S.M. a Rainha Margarida e o Duque d’Ostia [sic] e Duquesa.

Partimos da estação as 7 ½ da tarde e chigamos a Aix-Les-Bains as 2 horas da manhã, e fomos para o Hotel Splendide Hotel Royal.

6. feira 5

(...)

Foi S.M. pensipiar o banho.

Veio a mulher fazer as massagens.

S.M. sahiu de carruagem para dar um passeio.

Sabbado 6

(...)

Foi S. M. ao banho, e veio a mulher fazer as massagens.

S. M. sahiu de carruagem, e foi ver as lojas.

(...)

---

<sup>56</sup> PNA, Documentos Pessoais Diversos, 4.2.2. (2), Doc. 213.

<sup>57</sup> A princesa Letícia Bonaparte era filha de Clotilde de Sabóia, irmã de D. Maria Pia, e de Jerónimo Bonaparte, portanto sobrinha da rainha de Portugal. Tinha fortes laços de amizade com seu primo, o rei D. Carlos, com quem trocou numerosa correspondência.

Domingo 7

(...)

Veio o Medico e S.M. não foi ao banho, mas fez as massagens de tarde e foi passear de carruagem e S.A. foi ao teatro.

Nome da massage – Madame Méchouy [sic]

Morada – Avenue de Marlioz 32”.<sup>58</sup>

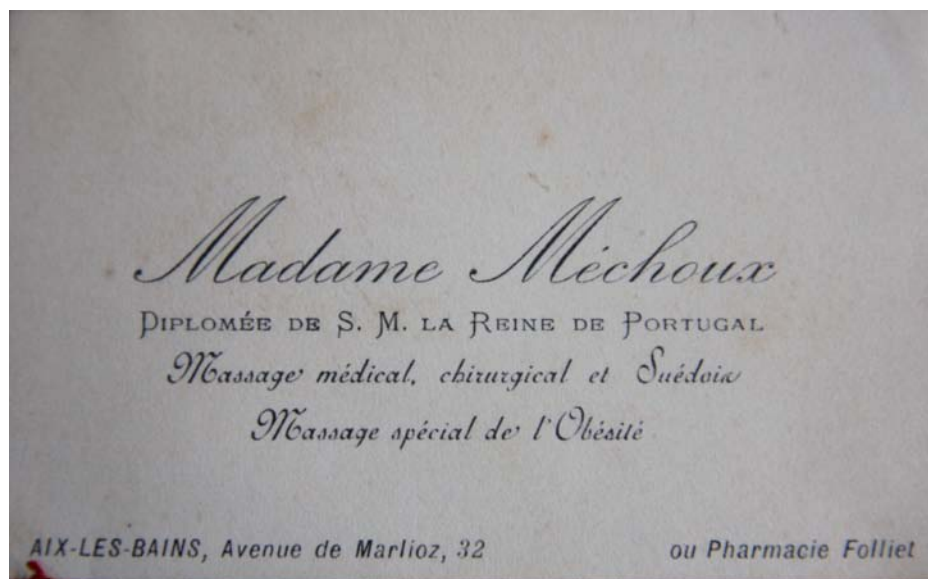


Fig. 13 – Cartão de Visita de Madame Méchouy,, massagista da Rainha D. Maria Pia em Aix – les- Bains.

Os banhos eram complementados pelas massagens terapêuticas e, quando necessário, pela assistência de um médico, ao serviço da soberana:

“3ª feira 9

S.M. não foi ao banho, teve incomodada de noite e tomou umas colheres de murfina.

Veio o Medico de manhã mas não receitou nada, e S.M. esta milor [sic].

S.M. tomou agua de carabana (?) e não foi à mesa, tomou caldo de galinha as 3

---

<sup>58</sup>PNA, 4.2.2. (2), Doc. 2137, Documentos pessoais diversos., Diário de viagem da Rainha D. Maria Pia (escrito pela dama camareira). 1901.

horas, e jantou as 8 horas no quarto.

S.A. foi ao teatro.

[esteve nos banhos até dia 26 e teve quase diariamente, para além dos banhos, massagens].<sup>59</sup>

Tal como a banheira, o bidé foi uma importante criação do século das Luzes. Peça demonstradora da evolução dos hábitos de higiene era por vezes composta por uma bacia em porcelana cobre ou prata, encaixada numa armação em madeira, sobre quatro pés, com tampa articulada, que se fechava depois da sua utilização. Certas peças continham no assento, compartimentos para o acondicionamento das esponjas e frascos com os líquidos para a *toilette*.<sup>60</sup>

Na higiene masculina, a barba era feita pelo próprio, ou pelo barbeiro que se deslocava propositadamente à residência do cliente, com o material adequado: um estojo com bacia, jarro, uma bola para o sabão ou esponja e frascos com águas de *toilette*. Esses conjuntos, que faziam parte da “prata do quarto” na corte portuguesa setecentista, eram na altura designados como “aparelhos de barba”. Peças de uso diário, na corte portuguesa, pelo desgaste causado no manuseamento, requeriam constante limpeza e manutenção. Esses arranjos eram realizados pelos ourives. Nesse contexto, o ourives encomendava ao *bainheiro* da casa Real o fabrico de caixas novas. Apura-se através dos inventários de despesas referentes à prata da casa, nomeadamente a “prata do quarto”, a necessidade de substituição frequente de caixas ou



Fig. 14 – O barbeiro e os seus objectos. Estampa *Perruquier Barbier*, extraída da *Encyclopédie de Diderot & d’Alembert*.

<sup>59</sup>IDEM.

<sup>60</sup> AA.VV., *Les Heures do Jour, Dans l’Intimité d’une famille de la haute société, de Louis XIV à la République*, p. 26.

estojos velhos. Como por exemplo, o pedido de uma “caixa para o aparelho da barba do Senhor Infante D. João”.<sup>61</sup> António Rodrigues Leão, ourives da Casa Real, realizou igualmente uma “limpeza da prata do mesmo aparelho”, no ano de 1784. O estojo que foi fabricado pelo bainheiro da casa real portuguesa, Manoel José de Barros em 1784, para encerrar o “aparelho de barba”<sup>62</sup> do Infante D. João, era “huma cacha de madeira forrada de veludo”,<sup>63</sup> continha “humas pessas em prata doiradas, a saber, huma bacia de barba com sua coneca e huma caixa redonda grande, e duas cachas para sabonete e esponja, e huma moldura e chapa de costas de espelho, e duas salvas grandes, muito muito uzadas para se porem como novas.”<sup>64</sup>

Por vezes os conjuntos para a barba eram utilizados nas sangrias. Prática



Fig. 15- A sangria de braço.  
Imagem extraída de *Traitée de La Saignée*,  
Paris, Debure l'ainé, 1765.

corrente durante todo o século XVIII, a sangria era usada não só como forma de purgar doenças, mas também para o equilíbrio interno dos humores. Em 1720, o Dicionário do Padre Rafael Bluteau definia-a da seguinte forma: “ he hua incisão da vea, pela qual se evacua o sangue & os mais humores, que andavão em as veas, misturadas com o sangue. As intenções ou as causas, porque se faz a sangria são seis: a saber, evacuar o humor, divertillo (...), attrahir (quando convem) o humor à parte, sangrando em a parte visinha (...), a alterar os humores, para os lançar fora, preservar da enfermidade que poderá servir, & aliviar o enfermo da doença que actualmente padece. A opinião que mais hoje se segue, he que as veias, que se sangrão em o corpo

<sup>61</sup> ANTT, AHMF, Cx 3132, *Despesas de Maio de 1784*.

<sup>62</sup> *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*, Documentos, VI, Lisboa, 1948, CCXX, n° 3, pp. 114 e 115.

<sup>63</sup> IDEM, p.115.

<sup>64</sup> IDEM, p.115.

humano, são quarenta e duas, a saber, em a cabeça dezoito, em os braços doze e em os pés doze.”<sup>65</sup>

Esse hábito tornou-se de tal forma rotineiro nos lares, que até em situações aparentemente simples como a ansiedade, a fadiga ou a febre, o cirurgião era chamado para a sua execução, por vezes semanalmente. No Paço da Ajuda, no tempo de D. Maria I, a presença do “sangrador da Câmara”<sup>66</sup>, Januário José Dantas, era permanente.

Eram fabricados pelo ourives “aparelhos”<sup>67</sup> para “sangria de braço” e sangria de pé”, parte do rol da prata do quarto. Num tratamento, uma das princesas também utilizou “ 2 leques que se compraram (...) pelas sangrias que tomou para os Banhos do Mar.”<sup>68</sup>

O sangrador da Câmara cobrava por cada operação: “em 13 de Julho de 1783, por 4 sangrias que deu ao Príncipe Nosso Senhor, as quais se costumam contar a 4\$800 réis cada uma; e 4\$800 réis da picada e 4 toalhas à razão de 1\$200 réis cada uma faz tudo a quantia de 28\$800 réis.”<sup>69</sup>

O clister também era um instrumento essencial para as lavagens interiores periódicas. A par das sangrias, foi talvez uma das panaceias mais adoptadas no Antigo Regime, como forma de limpar e purgar as impurezas do organismo, em situações muito distintas. O clister era usado por algumas pessoas, de uma



Fig. 16 - *Jeune femme à sa toilette*, Lavreince, Século XVIII, Escola Suéca, Museu do Louvre, Paris.

<sup>65</sup> BLUTEAU, 1720, Tomo VII, pp.470, 471.

<sup>66</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx 3127, *Despesas de Agosto de 1783*.

<sup>67</sup> IDEM, Cx 3137, *Despesas de Março de 1785*.

<sup>68</sup> IDEM, Cx 3127, *Despesas de Julho de 1783*.

<sup>69</sup> IDEM, Cx 3127, *Despesas de Agosto de 1783*

forma rotineira. Às águas eram acrescentadas plantas medicinais, como a alteia<sup>70</sup>, a parietária,<sup>71</sup> ou até o mel de abelha, o açúcar ou o leite. Tudo isto para aliviar e refrescar o ventre e melhorar a aparência.<sup>72</sup>

A higiene ao deitar, no século XVIII, era feita, tal como de manhã, com um pano branco seco. Por vezes, para que o penteado elaborado não se desmontasse, as senhoras colocavam uma touca de protecção. A face era refrescada com água, para clarear a tez e aplicavam-se, quando necessário, algumas máscaras de beleza, feitas à base de frutos ou plantas naturais, que se mantinham no rosto durante a noite. Os cabelos das senhoras eram penteados e enrolados em papéotes e, no final colocava-se uma touca de dormir em seda ou algodão.

A presença de pragas de insectos infestantes era uma realidade constante. A desparasitação periódica de pragas como os piolhos, de todos os membros da família era premente, e verdadeiramente uma prática regular higiénica. As cabeleiras eram penteadas regularmente com um pente fino. Quando a praga se tornava insuportável e incontrolável, rapar total ou parcialmente a cabeça, era o único método eficaz. O caso da Infanta D. Carlota Joaquina foi relatado pelo seu futuro marido, o infante D. João, numa carta a sua irmã D. Mariana Vitória, um ano após a princesa ter chegado ao Paço da Ajuda: “(...) a infanta grasas a Deus vai continuando com milhoras conhesidas mas certamente tem padecido muito e principalmente da cabeça q. lhe arreventou muito, pela qual rezão se lhe cortou o cabelo so lhe fica o de diante quando he preciso primeiro esta asaude q. quntos cabelos a mas eu me parece q. há cabeça já esta mais seca mas tu não podes aquantidade de piolhos q. ella tinha, e bem me parece que enquanto lhe durarem as bostelas os ade ter e sempre tem conservado mais o menos abalo no pulso pois agora esta noseu estado natural, brincando muito mas ainda depois q. viemos não saio do quarto por cautela pois meu amor tu bem podes julgar grande aflição q. me terá cauzado mas agora já estou mais livre de coidado q. eu tomara e vela livre das bostelas pois e o

---

<sup>70</sup>As flores empregam-se nas enfermidades das vias respiratórias. São boas para curar a tosse, especialmente nas crianças e pessoas idosas. As folhas e raízes são utilizadas como emolientes nas irritações da membrana mucosa

<sup>71</sup> Planta urticária, emoliente, calmante e diurética.

<sup>72</sup> AA.VV. *Les Heures do Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à la République*, pp23, 24.

q. lhe fazem alguma intemperança no pulso.”<sup>73</sup>

O mesmo problema atormentava na Lisboa de oitocentos. Provam-no os relatos de viajantes, como Louis-François de Tollenere, na obra *Notes Dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil em 186, 1817 et 1818*: “ Em frente da minha casa vive uma mulher muito bonita cujas maneiras não deixam de ter elegância. Eu não me recusava o prazer de a observar. Vi-a há poucos dias com a cabeça apoiada nos joelhos da sua criada de quarto que lhe catava os p....s. Adeus ao prazer! A limpeza é inseparável da graça e da beleza. Eu vi muitas vezes gente do povo ocupada neste serviço repugnante.”<sup>74</sup>

No final do século XIX, as infestações de piolhos ainda eram uma realidade na corte portuguesa; os pentes de lêndeadas estão incluídos em alguns conjuntos de *toilette* dos estojos de viagem da Rainha D. Maria Pia, em estudo neste trabalho,

Outras pragas de insectos, como percevejos, formigas e mosquitos, obrigavam a limpezas e desinfestações dos aposentos do Paço de Madeira, que eram cumpridas por tarefas. Os inventários de despesas do ano de 1771 referem “(...) dois oficiais que desarmaram a cama do Senhor Infante D. João para se tirarem os persevejos e depois se armou outra vez – trabalharam meio dia (...)”<sup>75</sup> e os de 1778 “2 oficiais (...) desarmaram uns panos de rós na Ante-Câmara da rainha Nossa Senhora e se descozeram por estarem cheios de formigas, e se limparam, e se puseram no seu lugar 1 dia.”<sup>76</sup> Igualmente em 1783 se procedeu à “limpeza das alcatifas”<sup>77</sup> dos quartos do Infante D. João, e do Quarto do Príncipe D. José, durante um dia, por “dois homens”. Estas intervenções eram periódicas.

Os mosquitos eram outra presença incómoda no Real Paço da Ajuda, dado que em todas as camas das Pessoas Reais foram montados mosquiteiros em volante branco.

---

<sup>73</sup> Carta do infante D. João a sua irmã a infanta D. Mariana Vitória, P.N. Sra da Ajuda 14 de Março de 1786, in PEREIRA, Ângelo, *D. João VI Príncipe e Rei: A retirada da família real para o Brasil (1807)*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, (4 v.). Lisboa: 1953-1958.

<sup>74</sup> Citado por VICENTE, *Op. Cit*, p. 153.

<sup>75</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx 3096, *Despesas de Maio a Dezembro de 1771*.

<sup>76</sup> IDEM, Cx. 3011, *Despesas de Maio de 1778*.

<sup>77</sup> IDEM, Cx 3124, *Despesas de Fevereiro de 1783*.



Fig. 17 – Serviço de jarro, bacia lava-pés e balde, Zinco, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Inv<sup>o</sup> 41777 a 41779

Relativamente ao conforto na hora de dormir, os colchões, ou *enchergões*, nos Paços da Ajuda, Mafra, Samora e Salvaterra eram enchidos com palha, conforme consta em documentação de 1784, no “Rol dos enchergões”, feito para os referidos paços. Para além do enchimento com palha, geralmente transportada por galegos, os enchergões eram confeccionados com tecido de nastro. Manuel Nunes era o fabricante dos enchergões para “Suas Magestade e Altezas”. Dependendo do tamanho podiam levar de quatro a seis feixes de palha.<sup>78</sup>

No início do século XIX, para além da palha, os colchões podiam ser enchidos com crina, ou lã. Mas foi nesta centúria que surgiu uma grande novidade: o colchão com molas ou “de arame” sobre o qual, nas estações frias, eram colocadas mantas de lã. Esses colchões, mais confortáveis, constavam nas listas do recheio do paço da Ajuda, no reinado de D. Luís.

A higiene dos pés teve grande importância nos cuidados corporais, sabendo-se que já na corte francesa existia um *chirurgien-pédicure*, Laforest, que assistia o soberano e toda a Família Real. O especialista no ano de 1781, publicou : « L’Art de Soigner les Pieds, contenant un traité sur le cors, verue, durillons, oignons, engelures, les accidents des ongles e leur difformité ». A título de curiosidade, a pinça das unhas criada pelo

---

<sup>78</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 3132, *Despesas de Maio de 1784*.

médico, continua a ser utilizada nos dias de hoje. Outro nome sonante na área foi Tobias Koen “Le Roi des Pédicures et le Pédicure des Rois”. Este último serviu Josefina Bonaparte e foi nomeado cirurgião-pédicure de Napoleão Bonaparte.<sup>79</sup>

Nos quartos do Paço da Ajuda, nos séculos XVIII e XIX, eram usados pelos membros da Família Real, os serviços para a higiene dos pés, nomeadamente “bacias de água ao pés” em prata, ou bacias em metais menos nobres, como o zinco; e serviços mais completos constituídos por bacia, jarro e balde lava-pés.

No interior da mesa-de-cabeceira, encontrava-se um bacio para as necessidades fisiológicas que ocorriam durante a noite. Utilizado nos lares desde o século XVI, era



Fig. 18 – *Toilette*, Mary Cassat (1844-1926), 1891, Óleo sobre tela, The Art Institute of Chicago.

uma necessidade de conforto. A peça podia ter formas variadas, e era usada não só no quarto, mas também em situações de mobilidade da corte portuguesa, nas carruagens. Em França foram criadas peças específicas para uso em situações algo insólitas; era o caso das emergências que ocorriam às senhoras da corte de Luís XIV durante os longuíssimos sermões do Padre Bourdalou. Privadas de se deslocar, utilizavam um urinol específico, que por esse motivo, tomou a designação do nome do celebrante: *bourdaloque*. Era utilizada uma peça com forma muito semelhante por D. Carlota Joaquina, no seu quarto” para urinar feito ovado, gargalo estreito com pé, e asa”.<sup>80</sup>

Nos dias mais frios, e por haver pouco isolamento térmico nas grandes casas, à hora de deitar a cama era aquecida com um “esquentador” ou escalfeta de leito.

<sup>79</sup> CHEVALIER, *L'Art de Vivre au Temps de Josephine*, Paris, Flammarion, 1998, p. 38.

<sup>80</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Caixa 3137, *Despesas de Março de 1785, Conta da prata que fez António Roiz de leão, para a função das Passagens; e para o Quarto da Senhora Infanta D. Carlota, Conta 27.*

Fabricado em metais como cobre ou prata, era carregado “com brasas ou água” e com ele se corria a cama “para a esquentar.”<sup>81</sup> Tal hábito ocorria nos aposentos reais da corte portuguesa em 1785, onde os “esquentadores com suas cobertas”<sup>82</sup>, fabricados pelo ourives António Roiz de Leão, eram peças transfuradas na tampa (para a saída dos fumos ou vapor), em prata e prata dourada.



Fig. 19 – Esquentador / escalfeta de leite, Portugal, Século XVIII [1º quartel], Prata, Palácio Nacional de Mafra, Invº7361.

Só são conhecidos dois exemplares, nos dias de hoje, pertencentes aos acervos do Palácio Nacional de Mafra e do Museu Nacional de Arte Antiga.<sup>83</sup>

No início do século XIX a prática da manicura, ou seja, do arranjo das mãos, estava reservada apenas aos mais ricos e era um complemento, tanto da higiene feminina, como da masculina. Constant, na sua obra “Mémoires”, relatava: “Lorsque l’Empereur était rase d’un côté il tournait de l’autre côté au jour il faisait passer Rustain de gauche à droite ou de droite à gauche, suivant le côté par lequel on avait comencé. On transportait aussi sa toilette. Sa barbe faite, l’Empereur se lavait le visage, et les

---

<sup>81</sup> BLUTEAU, 1713, Tomo II, p. 294.

<sup>82</sup> ANTT, A.H.M.F, Casa Real, Caixa 3137, *Despesas de Março de 1785, Conta da prata que fez António Roiz de Leão, para a função das Passagens; e para o Quarto da Senhora Infanta D. Carlota, Conta 27.*

<sup>83</sup> D’OREY, Leonor, «Mestres Ourives de Lisboa que trabalharam para a casa Real, Séculos XVIII e XIX», in *Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria*, (coord. VASCONCELOS E SOUSA, Gonçalo), Porto, Universidade Católica do Porto, 2009, pp. 106.

mains, et se faisait les ongles, avec soin. »<sup>84</sup>

No final do Antigo Regime, observaram-se alterações consideráveis no respeitante ao conforto e à higiene, que transformaram os hábitos dos cidadãos. O início de uma era Industrial também veio propiciar às camadas mais baixas melhorias nas suas condições de vida.

Napoleão Bonaparte impulsionador do desenvolvimento das Artes e da Indústria. Deu início a grandes remodelações nos interiores das antigas residências reais, com o objectivo de mostrar à Europa a mudança de mentalidade e a supremacia da França nas indústrias de luxo. Surgiu o Estilo Império, que foi exportado e adoptado por outros países Europeus. Uma nova camada social emergente, enriquecida pela guerra, foi adquirindo e remodelando as mansões da aristocracia do Antigo Regime, agora espoliada dos seus bens.

Na decoração de interiores, o estilo neo-clássico, posto em prática pelos arquitectos Percier e Fontaine, tornou-se moda. Houve uma completa remodelação das formas de mobiliário. A higiene completava-se com a instalação de sumptuosas casas de banho, nos apartamentos das novas elites.

Até no sistema de iluminação se observaram alterações: as velhas lamparinas e candeeiros a óleo foram substituídos por velas, de uma forma generalizada.

Com a afirmação da classe burguesa e dos seus hábitos, a preocupação pela higiene confirmou-se progressivamente. Como nas habitações foram criadas divisões para esse efeito, o banho converteu-se num hábito, se bem que ainda não diário. O conforto “à inglesa” ditava agora também as regras.

A casa de banho, situada perto do quarto de vestir, tinha no seu recheio a cadeira furada (*chaise de affaire*), o bidé, a selha ou banheira e a bacia lava-pés. Os jarros e as bacias variavam de tamanho e de materiais, consoante o extracto social do seu utilizador. A cadeira furada, utilizada desde a época Renascentista, podia ser oval ou

---

<sup>84</sup>Citado por CHEVALIER, *Op. Cit.*, p.38.

redonda. Mais requintados, os ingleses criaram cerca de 1880, o *water-closet*, uma cadeira furada, dotada de fornecimento de água para a limpeza e evacuação dos dejectos.

Neste período de transição, a Imperatriz Josefina (1763-1814) tornou-se símbolo e referência de todo o refinamento, bem como de toda uma arte de viver, elevada ao mais alto patamar. Os seus aposentos e os objectos pessoais de *toilette* e higiene, como os estojos fabricados por Biennais, são o paradigma da conjugação da utilidade e do bom gosto nos hábitos diários da corte francesa. Josefina foi uma personalidade de charneira. Embora educada no Antigo Regime, a sua inteligência e sensibilidade permitiram-lhe dar um contributo importante para mudança dos hábitos do quotidiano, no Novo Regime.<sup>85</sup>

Pouco acessível, a água era muito cara e por esse motivo a higiene conheceu poucos progressos. Quando não existiam banheiras, o banho era tomado em selhas, geralmente transportadas para o quarto pelos braços de pessoal doméstico. Surgiu no tempo de Bonaparte a moda dos banhos de leite, que eram reservados somente para as elites. A banheira também fez a sua aparição nalgumas casas burguesas.

Cerca de 1830, as casas de banho, apesar de pouco numerosas, já eram consideradas como um elemento de conforto essencial nas casas da elite. Já nos anos 50, considerava-se que, para ser verdadeiramente útil, essa divisão deveria ficar no mesmo andar e perto do quarto de dormir.<sup>86</sup>

Luís Bonaparte (1778-1846), irmão do Imperador, rei da Suécia, numa carta a sua mulher, a rainha Hortense, recomendou um castigo a aplicar a seu filho, Napoleão (futuro Napoleão III). Neste correctivo mostra a sua famosa faceta tirânica: « Se lavera les pieds une fois par semaine; se nettoiera les ongles avec du citron, les mains avec du son, jamais du savon. L'usage de l'eau de cologne ou de toute autre odeur lui est interdit. Se nettoiera la tête avec une éponge sèche, pas de l'eau.»<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> CHEVALIER, *Op. Cit.*, p.11

<sup>86</sup> THORTON, Peter, *L'Époque et son Style, La décoration intérieure 1620-1920*, Flammarion, Paris, 1986, pp. 220,221.

<sup>87</sup> Citado por CHEVALIER, *Op.Cit.*, p.25.

O banho, no início do século XIX mais do que uma medida de higiene, continuava a ser considerado como meio e terapia para a cura de certas doenças. Para a lavagem corporal diária, utilizava-se um jarro e uma bacia de porcelana ou de outros materiais, consoante a origem social, colocados sobre um lavabo, ou sobre uma mesa. Estes objectos encontravam-se no quarto.

A medicina, que não possuía nenhum conhecimento novo sobre os produtos de beleza, foi estabelecendo normas rigorosas para uma higiene pessoal. Sugeria-se o sabão purificador cosmético como um dos melhores métodos, bem como a utilização de água pura e houve o retorno da noção de pudor durante a prática da higiene.

O sabão era utilizado desde há séculos. Em França, a cidade de Marselha foi um importante centro de fabrico desse produto. Era confeccionado com três componentes

essenciais: uma gordura, um óleo ou azeite, sésamo, água e um elemento cáustico como a soda, que se encontrava em estado natural em vários países da Europa.



Fig. 20 - *Woman Bathing [La Toilette]*, 1890-1891, Mary Cassatt (1844-1926), E.U.A.

As elites utilizavam os sabonetes perfumados e os sabões franceses eram os mais categorizados e apreciados. Estes sabões tinham na sua base os mesmos componentes dos sabões ordinários, porém, segundo autores franceses, eram preparados com outra sofisticação, pois à base dos componentes eram adicionadas essências aromáticas, como a lavanda, a hortelã, ou outros

corantes como o *ocre jaune*. Estes sabões podiam ser vendidos nas casas comerciais dos melhores perfumistas, como Gervais-Chardin e J. Tessier.<sup>88</sup>

Na época do Consulado (1799-1804), uma das preocupações de Napoleão foi o abastecimento de água aos parisienses por via da construção de mais pontes públicas, que serviam de aquedutos. O transporte da água era realizado por aguadeiros. A prática da higiene era um luxo que se reservava às classes mais altas; os outros contentavam-se em frequentar os banhos públicos, que se popularizaram depois da revolução.

Em Inglaterra, foi lançada a moda da banheira no quarto, quando este era de grandes dimensões, o que era uma solução pouco higiénica.

Neste período, não se deve confundir a casa de banho com o quarto de vestir ou de *toilette* ou *boudoir*. A higiene realizava-se na primeira divisão e a *toilette*, que compreendia actividades relacionadas com o arranjo pessoal, a cosmética, o penteado e o traje, realizava-se na segunda.<sup>89</sup>



Fig. 21 – Quarto da rainha, Palácio Nacional da Ajuda.

---

<sup>88</sup>CHEVALIER, *Op. Cit.*, pp. 37 e 38.

<sup>89</sup>IDEM, p.27 e 31.

Surgiram obras de referência, guias de orientação, para a *toilette* e higiene das senhoras, de grande rigor e detalhe. Era o caso da obra de Mme Celnar, *Manuel des Dames, ou l'art de la toilette, suivi de l'art du modiste et du Mercier-Pessementier*, escrito no ano de 1827. A noção de moral e de decoro estava subjacente à ideia de agradar ao cônjuge, sempre em primeiro lugar: «Commençons mesdames, nôtre cours de coqueterie, en toute sùreté de conscience. Le désire de plaire est innocent en soi, et même il est très louable chez une femme mariée, qui doit se rendre à son époux ». <sup>90</sup>

Mme Celnar aconselhava a limpeza matinal da face com um pano branco, bem fino e em seguida os dentes, o penteado, e a lavagem do corpo por fases, as chamadas abluções: a parte superior do corpo, incluindo o pescoço. A lavagem deveria ser efectuada sobre uma bacia, colocada sobre os joelhos, com uma grande esponja. À água da lavagem, morna, poderiam ser adicionados produtos como aguardente ou óleo de benjoim, para a firmeza da pele. O banho devia realizar-se uma, duas ou três vezes por semana, de acordo com a estação do ano e durava cerca de uma hora ou hora e meia. Ao banho adicionava-se o sabão (em barra ou em pó) e ocasionalmente pasta de amêndoas. Durante o banho, a senhora envergava uma camisa branca longa, de algodão. A noção de pudor estava presente na hora do banho ; nem a própria poderia olhar para o seu corpo: « Comme le trouble involontaire de la pudeur empeche de prendre convenablement cês soins importants, sans lesquels le bain est plus nuisible que salulaire, enveloppez-vous bien de vôtre peignoir, et s'il le faut, fermez les yeux, jusqu'a ce que vous avez terminé l'opération. » <sup>91</sup>

Na obra *Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume and Character*, de 1826, refere-se que neste período em Portugal, a escola médica recomendava vários tipos de banho para fins terapêuticos. O autor assegurava que nove em cada dez mulheres portuguesas não tinham praticado qualquer ablução desde a pia baptismal. Apenas lavavam a cara de uma forma descuidada, humedecendo a ponta de um lenço ou de uma toalha, esfregando-a sobre a testa, sobrancelhas e nariz. <sup>92</sup>

---

<sup>90</sup> MME. CELNART, *Manuel des Dames, ou L'Art de la Toilette, suivi de L'art du Modiste et du Mercier-Pessementier*, Paris, 1827, p.1.

<sup>91</sup> IDEM, pp.40, 43, 44.

<sup>92</sup> VICENTE, Ana, *As mulheres Portuguesas vistas por viajantes estrangeiros (Séculos XVII, XVIII e XIX)*, Lisboa, Gótica, 2001, p.138

Em finais do século XIX, existia já o conceito de que o banho e a higiene regular deveriam ser um hábito, adoptado por todas as classes sociais. Segundo os médicos, o banho era muito importante para a preservação da saúde. Mas esta ideia estava longe de ser partilhada por toda a gente. Muitos ainda mantinham a ideia de que a imersão completa do corpo até aos ombros era necessária apenas em situações de tratamentos medicinais. A não ser assim, o banho de imersão continuava a ser um símbolo de voluptuosidade. Segundo testemunho da Condessa de Pange: «On se lavait dans les tubes avec cinq centimètres d'eau ou bien on s'épongeait en de grandes cuvettes mais l'idée de se plonger jusqu'au cou paraissait païenne, presque coupable.»<sup>93</sup>

As abluções do corpo por partes continuaram a ser um hábito e a seguir as noções de moral e decência. Praticadas sempre de olhos fechados, eram realizadas de acordo com uma ordem precisa: mãos, pés, boca, pescoço, peito, braços e por fim a cara, com água fresca ou fervida, sem micróbios. Por fim a higiene íntima.

No primeiro terço do século XIX não houve grandes alterações na organização do quarto, nas classes mais altas. O casal continuava a habitar em quartos separados, à excepção do Imperador e de sua mulher que, muito burguesemente, no seu palácio de Malmaison, partilhavam quarto comum.

Na sua obra *Philosophie du Mariage*, Honoré de Balzac citou as seguintes palavras de Napoleão: «L'opinion de Bonaparte était qu'une fois qu'il y avait eu changé d'âme et de transpiration (telles sont ses paroles), rien, pas même la maladie, ne devait séparer les époux.»<sup>94</sup>

Essa separação de divisões como os quartos, permitiu aos arquitectos Percier e Fontaine personalizar as decorações, em função do carácter dos habitantes reais. O quarto masculino servia simultaneamente de escritório e, por esse motivo, eram apetrechados com uma secretária e a biblioteca pessoal. Um dos mais belos e paradigmáticos quartos do Estilo Império foi concebido pelo arquitecto Berthault, para a esposa do arquitecto Récamier.

---

<sup>93</sup>Citado por AA.VV. *Les Heures du Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à République*, p. 28.

<sup>94</sup>Citado por CHEVALIER, *Op. Cit.*, p.12.

Nos palácios do Imperador, a decoração do quarto obedecia a regras bem estabelecidas: a última divisão dos aposentos reais deveria estar luxuosamente ornamentada, como uma verdadeira sala de aparato, local onde se pretendia apresentar o poder dos seus ocupantes. As antecâmaras, destinadas ao pessoal de serviço, eram mobiladas de forma mais simples. Tal situação ocorrerá mais tarde nos aposentos da rainha D. Maria Pia, no Paço da Ajuda. O quarto de cama da soberana, decorado no ano de 1862, com mobiliário em estilo Napoleão III, da casa Rahcault de Paris, pelo arquitecto da Casa Real Portuguesa, Joaquim Possidónio Narciso da Silva, discípulo de Percier e de Fontaine, é também ele expressivo do compromisso entre conforto e ostentação.

Nos aposentos Reais do paço da Ajuda de oitocentos, as peças utilizadas para a higiene e *toilette* diárias, como os serviços de toucador e de barba eram conjuntos constituídos por objectos em materiais nobres como a prata ou prata dourada, cristal, porcelana ou vidro. Ainda hoje se encontram em exposição no toucador da rainha, duas peças que a soberana tinha a uso: um “Jarro e bacia de prata (...) Do joalheiro Leitão (...) com as iniciais MP encimadas pela coroa Real.”<sup>95</sup> Nos quartos do pessoal de serviço, no recheio das peças relacionadas com a higiene, encontravam-se lavatórios em “madeira com pedra”, bidés “com guarnição de madeira”, banheiras com pés, toucadores e bacias de lavatório fabricadas nas fábricas de Sacavém e da Vista Alegre bem como baldes e regadores de lavatório e samovares.<sup>96</sup>



Fig. 22 – Mesa de barbear com espelho basculante do último quarto do Rei D. Luís, c. 1860, Portugal, Carvalho do Norte, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Invº 44361.

Nos últimos anos da monarquia, o Paço

<sup>95</sup> PNA, 4.1.1, República. Bens da Família Real; Inventários e Relações, Bloco de 24 páginas com o nome das salas. Descrição das peças, avaliação e data das mesmas

<sup>96</sup> IDEM, 4.1.1.Doc.227. (8), Inventários e Relações, *Relação de todos os objectos existentes no Palácio Nacional da Ajuda julgados dispensáveis, mas de algum valor, mandado organizar pelo processo 980,1º* 38, [Lisboa], 4.1.1938.

Foi avaliado já no período da República por 15.000.00.

da Ajuda já estava equipado com canalizações de gás, o que permitia a existência dos esquentadores nos aposentos da Família Real e do pessoal de serviço, para banhos quentes. O Infante D. Afonso possuía na sua casa de banho um esquentador da marca “La Marmotte”.<sup>97</sup> Outras peças de utilidade diária eram usadas para matar o tempo livre que sobrava nas horas de serviço no paço: as mesas de jogo com os respectivos baralhos de cartas, revistas e livros.

Na higiene masculina, a criação da mesa de barbear com espelho basculante, permitia que o homem se barbeasse de pé. Contudo, esta peça de elevado custo só se encontrava em casas abastadas. Sobre este móvel colocavam-se os apetrechos necessários: os pratos de barba, navalhas, pincel, escovas de dentes e escovas. Nos aposentos do Infante D. Afonso constavam as seguintes peças para os seus cuidados pessoais do príncipe: “Serviço de *toilette* de prata cinzelada (...), Espelho de barba, redondo sobre uma haste de subir e descer (...) com duas gavetas, nas quaes tem uma rede com elásticos, para levantar o bigode, vários ganchos de cabelo de mulher, um agulheiro de pau-santo para um canterio [sic], e parte d’um abotoador de luvas (...) colchão de arame e de lã (...). Nos 3 pequenos compartimentos ao lado do seu quarto: “bacia de pés e um regador de zinco, pintado em branco com filetes dourados, tendo aquella, duas asas douradas, (...)”<sup>98</sup>escovas, uma para a cabeça e outra para a barba, e três pentes (velhos), (...) boião que serviu a sabão de barba (...), pincel de barba, esponjas, (...) banheira em ferro esmaltado, lavatório, escovas de dentes e de unhas (...) retrete e bidet de faiança branca, com registo, no centro de limpeza, tudo contido na mesma caixa de mogno”. Também havia perfumes: um “Frasco, grande, quasi cheio de *Royal Embracation*.”



Fig. 23 – Caixa para pó de dentes pertencente ao estojo de viagem da Rainha D. Maria Pia, da Casa Paul Sormani (Invº42480/A), Joseph Aimé, Paris, França, Século XIX (2º metade), Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Invº42473.

<sup>97</sup>PNA, Inventário Judicial Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 8, 28 de Fevereiro, 1 de Março de 1912, ff.2656,

<sup>98</sup>IDEM, ff.2656, 2658, 2662 v, 2671v,2697v,

Relativamente à higiene oral, as primeiras águas dentífricas, surgidas no século XVII, eram constituídas por pastas perfumadas que apenas refrescavam o hálito. No século seguinte foram consideravelmente melhoradas, mas a limpeza dos dentes era realizada de uma forma incipiente, por vezes com uma mistura composta por pós de pedra-pomes, osso de choco, crímor de tártaro, íris de Florença, ou então com uma pasta à base de mel.<sup>99</sup>

Foi no século XIX que a higiene dentária evoluiu consideravelmente quando se difundiu o uso regular de um utensílio precioso para a higiene dentária, originário da China e já conhecido desde o reinado de Luís XV, a escova de dentes. Os pelos utilizados eram geralmente cerdas de porco, pelos de texugo, de cabra ou de javali. Foi sobretudo a partir de 1830 que a escova de dentes se generalizou em países como a França. Frequentemente a higiene dental era completada pela higiene oral, através do uso de um utensílio para esfregar a língua (*gratte-langue*), a fim de evitar o mau hálito. As escovas de dentes e o *gratte-langue*, já eram incluídas nos estojos com serviços de *toilette* desde o início do século XIX. Podiam ser objectos preciosos fabricados em materiais como o ouro, a prata, a madrepérola, o marfim, ou o osso. Em 1819, Nadine, colaborador de Biennais, fabricou a primeira escova de dentes para um dos seus *nécessaires*.<sup>100</sup>

No início do século, os pós de dentes ainda eram empregues para a sua limpeza, mas surgiram pastas, águas ou elixires compostos por produtos como a cânfora, a aguardente ou a alfazema. No caso de não haver escova, estes produtos poderiam ser embebidos numa esponja que se aplicava sobre os dentes. As águas dentífricas mais afamadas em França, eram as das casas de *Edme-François Julien-Botot* e do *Dr. Christophe François Delabarre*. A *Eau de Botot* e o *Sirop Dellabarre* eram os artigos mais requisitados.<sup>101</sup> Os pós e as escovas eram acondicionados em caixas e potes apropriados, parte dos conjuntos de *toilette*.

Mas os cuidados e a higiene dentária eram ainda muito primários e as cáries, um

---

<sup>99</sup>AA.VV., *Les Heures do Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à République*, p. 28.

<sup>100</sup>CHEVALIER, *Op. Cit.*, p.41.

<sup>101</sup>IDEM, p.42.

mal que afectava tudo e todos e os dentes, extraídos com muita violência, sem anestesia, com um martelo e um escopro de dentista. O médico Louis Nicolas Regnant criou uma amálgama composta de chumbo, estanho e bismuto que veio substituir a aplicação a quente do chumbo puro no dente deteriorado, que provocava queimaduras dolorosas aos pacientes.

A anestesia era inexistente e só foi implementada a partir da Monarquia de Julho. As primeiras experiências com éter foram realizadas em França, por Faraday, em 1818.

Na corte de D. Luís I, os soberanos eram assistidos com alguma periodicidade pelos Cirurgiões – Dentistas, nomeadamente pelos médicos americanos do consultório *Alexander Irmãos, Sucs*, localizado na Calçada do Sacramento, em Lisboa. Estes médicos deslocavam-se ao Paço da Ajuda. Entre algumas intervenções, foram realizadas várias “chumbagens” de dentes à Rainha D. Maria Pia.<sup>102</sup> Os dentistas cobravam pela sua deslocação ao Paço e prestavam cuidados médicos igualmente ao pessoal de serviço, como foi o caso de Maria Piano, uma das damas da rainha.<sup>103</sup> Na verdade, a rainha tinha uma verdadeira preocupação pela sua higiene dentária. Nos anos de 1888 e 1889, recebeu visitas periódicas do dentista, que efectuou limpezas da boca e prescreveu várias vezes, elixires.<sup>104</sup> (Docs.3 e 4, p. 171, 172, Anexo I) A rainha adquiria escovas de dentes, entre outros artigos de *toilette*, como esponjas e escovas para unhas, na *Perfumaria Thomaz Mendonça e Filhos*, localizada na Calçada do Combro.<sup>105</sup> Nos seus estojos de viagem, estão incluídos vários exemplares. Também a casa *Godefroy Coiffeur*, localizada na Rua do Chiado, 84, era fornecedora da Casa Real. Neste estabelecimento a rainha comprava igualmente esponjas, sabões, cremes, escovas e cremes mais específicos como o creme de glicerina, entre outros.<sup>106</sup>

---

<sup>102</sup>ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.6898, Despesa de 10 de Junho de 1899. (Doc. cedido por M. Rosário Jardim)

<sup>103</sup>PNA, 7.1.1. (Doc.85), Documentos relativos a receitas e despesas, Factura do Dentista F.R.A.Justus D.D.S, Cirurgiões Dentistas Americanos, 15 de Julho de 1902.

<sup>104</sup>ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.7017, Documentação de despesa da Rainha D. Maria Pia de 1875 a 1892. Administração da Casa da Rainha, Factura de despesa de dentista dos anos 1888 – 1889, da Rainha D. Maria Pia.

<sup>105</sup>PNA, 7.1.1. (Doc. 90), Doc. Relativos a receitas e despesas, Factura da perfumaria Thomaz Mendonça & Filhos, Lisboa, Conta da Rainha D. Maria Pia de 13.01.1908.

<sup>106</sup>ANTT, AHMF, Casa Real, R, Cx. 7107, Documentação de despesa da Rainha D. Maria Pia de 1875 a 1892., *Despesas de 1889*.



Fig. 24 – Factura da Perfumaria Thomaz Mendonça e Filhos, relativa à compra de esponjas, para a rainha D. Maria Pia, de 13 de Janeiro de 1908.  
Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda

#### 1.4. A hora do toucador: a cosmética e o penteado.



Fig. 25 – Dama ao toucador, atribuído ao monogramista PMP, Século XVIII [1700-1730, Lisboa. Painel de azulejos, Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, Invº6341.

Após a higiene corporal, seguia-se a hora do toucador, designada como “segunda *toilette*”.

Segundo o *Dictionnaire Larousse du XIXe Siècle*, a *Toilette* : “(...) diminutif de *toile*. Ce mot a désigné d’abord la nappe de la table où se déposent les objets servant à l’ornement ou à l’ajustement d’une personne, mais tout ce qui concerne le meuble pourvu de la toilette, et enfin le meuble lui-même. Par une métonymie ultérieure, le mot fut transmit à l’action de se parer. (...) Marot emploie toilette dans le sens de tissu (une toile). Toile linge qu’on étend sur une table pour y placer ce qu’i sert à l’ajustement et à la parure. (...)Ensemble des utensiles dont on se sert pour se parer.(...)Petit meuble en forme de table, où l’on dépose les divers objets servant aux soins de propreté et de parure.»<sup>107</sup> A palavra francesa *toilette* abrange, logo, vários significados.

<sup>107</sup>LAROUSSE, Pierre, *Grand Dictionnaire Universel du XIXe Siècle, Français, Historique, Géographique, Mythologique, Bibliogarfique, Littéraire, Artistique, Sientifique, etc.*, Paris, Administration du Grand Dictionnaire Universel, 1876, Tome quinzisième, p.259.

Em Portugal, o toucador era o espaço, a divisão, onde se desenrolava diariamente o ritual da *toilette*. Paralelamente, segundo definição de 1721, igualmente o “receptáculo dos instrumentos & ornamentos com que se adorna uma mulher.”<sup>108</sup>

A “banca do toucador” consistia numa pequena mesa com espelho, colocada no quarto do Toucador, adornada e forrada de tecido armado ou simplesmente, numa mesa adereçada com panos de linho, cambraia e renda, entre outros tecidos mais ricos, como sedas. Aí se encontravam os objectos soltos ou o próprio estojo, aberto, com todos os necessários. Obviamente o espelho era um acessório fundamental. Os toucadores mais ricos tinham uma armação em dossel. Tais peças constavam nos quartos das Pessoas Reais, em todos os paços Reais portugueses. Em França, no reinado de Luís XV, foram criadas belas peças de mobiliário em madeiras exóticas, como o pau-rosa do Brasil ou violette. Contemplam espaços para arrumação dos frascos, caixas para os pós e para os



Fig. 26 – Na imagem, à direita, um toucador adereçado com armação de dossel.  
*La toilette*, da série satírica *Marriage a la Mode* (4), William Hogart, c. 1743, Escola Inglesa, National Portrait Gallery, Londres.

<sup>108</sup> BLUTEAU, 1721, Tomo VIII, p.223.

cremes, escovas diversas e um espelho central, por vezes articulado.

No século XVIII, os quartos de toucador da Real Barraca, eram decorados com riquíssimas armações do Mestre Armador da Casa Real, João Pedro Alexandrino Nunes. Numa das empreitadas de decoração do paço, por ordem de D. Maria I, Alexandrino forrou os “quartos novos para a princesa ”<sup>109</sup>D.Carlota Joaquina, e “outro Quarto para a Senhora Infanta D. Mariana (...) todos com portas de cortinas e tudo o mais que foi preciso para os ditos.” Para o efeito, “Adquiriu 14 côvados de Cambraia (...) para se fazer a saia para a banca do toucador e para pôr acima da banca e para os folhos em redondo da dita” e ainda realizou “os 6 (ou 18) laços para as cortinas da dita Casa.” Finalmente utilizou “3 côvados de Ruão verde para forro da dita Cambraia para pôr cima da banca do toucador.” João Pedro Alexandrino empreendeu obras de revestimento de alguns aposentos, nomeadamente os quartos de D. Carlota, recém chegada de Espanha, que contemplavam divisões como o Quarto da câmara, Quarto de Toucador e Quarto das visitas. As paredes do Toucador de D. Carlota Joaquina foram forradas de



Fig. 27 – O toucador da rainha D. Maria Pia. Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa

<sup>109</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3139, *Despesas de Junho de 1785*.

damasco azul, bem como o estofado das cadeiras e as cortinas.<sup>110</sup>

No Paço novo, o quarto de toucador da rainha D. Maria Pia de Sabóia, remodelado no ano de 1887, ao gosto da época, foi decorado com apainelamentos de madeira entalhada, em estilo Luís XV, obra de Leandro Braga, e as paredes revestidas a seda, de acordo com instruções e o gosto da rainha. Um enorme espelho dividido em três secções permitia que a rainha pudesse observar o seu traje toda à volta.

No século XVIII, consideravam-se dois tipos de *toilette*: a “*toilette simples*”, que correspondia ao arranjo pessoal e traje, sem o apoio dos serviçais, e a “*toilette de luxo*”, em que, ao contrário, tudo se desenrolava com luxo, ostentação, grande beleza e obviamente com o apoio do pessoal de serviço da casa, no caso francês o cabeleireiro, o *valet-de-chambre* e o criado, ou criada.



Fig. 28 – O toucador e os seus objectos.

*Dame à sa toilette recevant un cavalier* da série Paris, Place Dauphine, Jean François de Troy (1679-1752), 1734, Óleo sobre tela, Escola Francesa, Col. Part.

<sup>110</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, *Despesas de Junho de 1785*.

A *toilette* equivalia então a uma preocupação exacerbada pelo ornamento e arranjo pessoal. Na corte e nas casas abastadas, a hora da *toilette* era um ritual encenado, tal como acontecia nos outros hábitos diários, sempre cumpridos com o apoio do pessoal de serviço.

O tempo do penteado era estratégico numa das fases da segunda *toilette*. O resultado deveria ser uma obra-prima. Para empoar a cabeleira de uma senhora ou de um homem, a sua face tinha de ser protegida com uma máscara durante a operação. A fim de se obter o tom branco mais desejado, o amido e a farinha eram pós mais utilizados.<sup>111</sup>

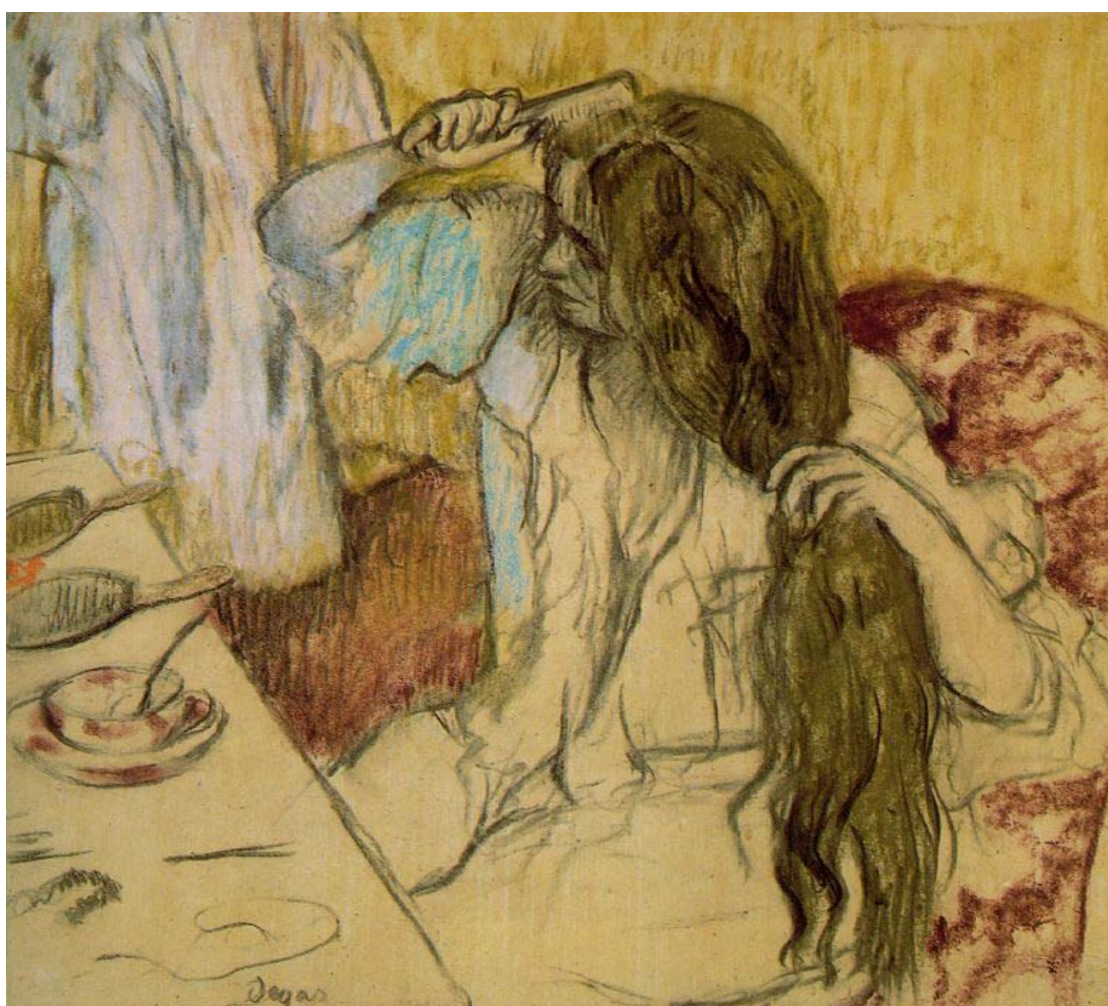


Fig.29 – *Femme a sa toilette*, Edgar Degas, 1889, França, Pastel sobre papel, Museu Hermitage. São Peterburgo.

---

<sup>111</sup> AA.VV. *Les Heures do Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à République*, p. 28

A cabeleira era um acessório. Obrigatória desde pelo menos 1690, no caso masculino podia ser longa e elevada na cabeça, com duas pontas. Mas de acordo com a moda, os modelos variavam. Para evitar as pragas de piolhos, ou mesmo para as erradicar, as cabeças eram rapadas e esfregadas com um preparado à base de banha de porco, antes da colocação da cabeleira.

Certas visitas podiam ser recebidas no toucador, na hora do penteado, geralmente morosa, e nas casas mais abastadas, com acompanhamento musical, frequentemente serenatas. Por vezes, na hora do arranjo pessoal, contava-se com a presença dos secretários e escriturários para tratar da correspondência e dar apoio nos assuntos de trabalho do homem da casa. Até o pequeno cãozinho, também ele perfumado se tornou um complemento na encenação do toucador.

No século XIX, em 1827, os aconselhamentos de Mme Celnart relativos à beleza dos cabelos eram os seguintes:” a limpeza é a alma da toilette, como da própria saúde. O vosso cuidado primeiro deverá ser, manterem uma cabeleira extremamente limpa. Para isso convirá todas as manhãs desembaraça-la (sem quebrar os cabelos).”<sup>112</sup> Pentear os cabelos de tempos a tempos, com um pente fino de marfim, também era altamente recomendável para a sua saúde e beleza. No caso de não haver oleosidade, bastaria realizar essa operação de quinze em quinze dias ou de três em três semanas. Caso contrário, o pente fino, preferencialmente de marfim, deveria ser empregue todas as noites ou de quatro em quatro dias, mais ainda no caso de os cabelos estarem cobertos por uma “farinha peliculada”. A duração aconselhável para essa operação seria de cerca de vinte minutos, pelo menos.

Nas ocasiões de saída para um baile ou para uma festa, quando os cabelos estiveram expostos à poeira, as senhoras tinham de desembaraça-los e limpa-los cuidadosamente com uma toalha muito seca e por fim passa-los com um pente de marfim.<sup>113</sup>

No paço da Ajuda, a rainha D. Maria Pia era visitada pela sua cabeleireira, Maria

---

<sup>112</sup> MME CELNART., *Op. Cit.*, p.3.

<sup>113</sup> IDEM, p. 4.

da Conceição Santos<sup>114</sup> que para aí se deslocava num trem, pontualmente, ou em dias seguidos, consoante as necessidades. Em Paris, a soberana elegia a cabeleireira Mme Brunhold, (Doc. 5, p. 173, Anexo I) especialista em coloração<sup>115</sup> cujo estabelecimento se localizava na 5 R. Capron (P. Monaco)<sup>116</sup> e os *Coiffeurs Auguste e Philippe*, estabelecidos nas Rue La Paix e Rue Royale<sup>117</sup> respectivamente; ou então era assistida por uma profissional no hotel onde permanecia temporadas, geralmente o Hotel Liverpool.<sup>118</sup> Já com a idade mais avançada, a rainha tinha uma receita pessoal para a pintura dos seus cabelos. Era preparada uma pasta à base de *héné*, a fim de obter o seu tom acobreado *Blond Venitien*, da juventude. Num manuscrito da rainha, consta a seguinte fórmula:

“ ( ...) bien d’colorer la nuque afin de ne laisser des ombres. (demi hauteur).  
Faire la pâte de héné comme un tapioca léger assez liquide  
Laisser une heure  
Si ça reste jaune clair, c’est que l’héné n’a pas bien pris en y mettant du noir. Ça reste un peu plus fort, très peu, parce que ça fait sortir le rouge (...).  
Si il reste trop rouge, en y mettant le noir un quart d’heure, ça enlève le trop du rouge (...) ». <sup>119</sup>

Cabia às retretas de serviço (damas de categoria abaixo das damas camareiras), auxiliar a rainha na sua *toilette*, obviamente de luxo, no seu toucador.

Para seu serviço pessoal, a soberana contava, para além das suas damas camareiras (senhoras da grande nobreza), seis retretas, dois criados particulares, dois reposteiros, um moço das salas e uma varredeira. <sup>120</sup>

---

<sup>114</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 7107, Documentação de despesa da Rainha D. Maria Pia de 1875 a 1892, Administração da Casa da Rainha, *Mês de Junho de 1889*.

<sup>115</sup> IDEM, Cx.7107, Documentação de Despesa da Rainha D. Maria Pia, de 1875 a 1892.

<sup>116</sup> PNA, 5.2.36 (114), Documentação relativa a fornecedores.

<sup>117</sup> IDEM.

<sup>118</sup> IDEM, 4.2.2. (2), Doc. 2137, Documentos pessoais diversos, Diário de viagem da Rainha D. Maria Pia (escrito pela Dama camareira), 1901.

<sup>119</sup> IDEM, 4.2.2. Documentos Pessoais Diversos. Apontamentos para a pintura dos cabelos da Rainha D. Maria Pia.

<sup>120</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.7107, Documentação de Despesa da Rainha D. Maria Pia, de 1875 a 1892, *Mês de Junho de 1889*.

Após o penteado, seguia-se o tempo da cosmética. Uma pele com tom de porcelana branca era o ideal de beleza, durante o século XVIII. Para a obtenção desse resultado, utilizavam-se pomadas confeccionadas à base de alúmen, alvaiade, aloés, bílis de boi, de vitelo, de frango esfolado vivo ou de cachorro.

O alvaiade foi sem dúvida o pó cosmético mais consumido nesta época. Utilizado no Antigo Egito, na Mesopotâmia, e posteriormente no Ocidente, desde os tempos do Império Romano até ao século XVIII, este produto, um pigmento branco, natural ou manufacturado, empalidecia a face e dissimulava as pequenas rugas e as imperfeições da pele.

O rosto era empoadado com alvaiade e as maçãs ligeiramente pintadas de *rouge*, para se obter uma expressão angelical. As imperfeições da cara trazidas pelo tempo, como manchas ou rugas e as manchas vermelhas, consequência de uma alimentação rica em condimentos como as especiarias, eram disfarçadas. Dentro dos cânones de beleza da época, o tom bronzeado era inaceitável e, para a protecção facial, as senhoras nas suas actividades ao ar livre, colocavam por vezes no rosto uma máscara apropriada.<sup>121</sup>

Em França, o *rouge* mais afamado era justamente o que a rainha de França consumia da casa *Sieur Dubuisson*, estabelecimento situado na *rue des Ciseaux*, vendido em pequenas embalagens. Só no ano de 1781, foram vendidas cerca de 2 milhões de embalagens. Tal facto é demonstrativo da importância do *rouge* na beleza feminina. Também era muito apreciado o *rouge* vegetal da casa *Demoiselle Latour* que para além do brilho, exalava um agradável perfume de rosa.

O *rouge*, confeccionado à base de mercúrio, sândalo vermelho ou de cochonilha, sobressaía quando aplicado sobre a base branca, destacando o tom porcelana tão pretendido.

Como complementos anti-idade, eram apreciados alguns unguentos manipulados à base de substâncias gordas, água destilada e plantas como a flor-de-lis, o nenúfar e a

---

<sup>121</sup>PAQUET, Dominique, *Miroir, mon beau miroir. Une Histoire de la beauté*, Paris, Découvertes Gallimard, Culture et Société, 1997, n° 318, p. 52

flor da fava.<sup>122</sup>

O século XVIII foi o século do *rouge*. Símbolo de sensualidade e verdadeira máscara que ocultava o envelhecimento natural da pele foi apanágio do fausto e da encenação do período barroco. Os tons adoptados iam-se alternando: do carmesim, para o *rouje-jaune*, ao lilás, passando para o rosado e alaranjado. Sobre uma base branca de alvaiade, era aplicado em movimentos circulares nas maçãs do rosto, logo abaixo dos olhos. Casanova afirmava : “On ne veut pas que le rouge paraisse naturel. [...] On le met pour faire plaisir aux yeux qui voient les marques d'une ivresse qui leur promet des égarements et des fureurs enchanteresses.”<sup>123</sup>



Fig. 30 – Senhora no toucador, usando penteador (*négligée*), para protecção da roupa. Enquanto segura a caixa de sinais, aplica um, na face. No toucador observa-se a caixa de pós, sobre a qual está pousada uma borla de plumas.  
*Une Dame a sa toilette*, François Boucher (1703-1770), Século XVIII, Escola francesa.

<sup>122</sup>PAQUET, *Op. Cit.*, p.53.

<sup>123</sup>Citado por PAQUET, *Op. Cit.*, p.54.

O *rouge* foi usado pelos aristocratas e cortesãos, para camuflar a palidez causada pelos longos serões, pelas ceias e festanças animadas da corte do rei de França. Para realçar os olhos, homens e mulheres, aplicavam-no de uma forma suave, sobre as pálpebras inferiores. Por vezes até na hora do sono, era empregue pelas senhoras, o *demi-rouge*.

As cores mudavam de acordo com as modas vigentes; outros tons foram adoptados como o lilás, o *rouge Serkis*, ou o tom de garança.<sup>124</sup> A loucura do *rouge* era levada a situações extremas; conta-se que a princesa do Mónaco aplicou *rouge* na face, antes de subir ao cadafalso, bem como a princesa Henriette, filha de Luís XV. Esta última, antes da sua execução também brutal, foi transportada numa carroça, “en manteau de lit, coiffée en négligé avec du rouge.”<sup>125</sup> Enquanto permaneceu na corte de seu pai, utilizava a cosmética bem evidente e exigia o mesmo, a todos os homens e senhoras que a rodeavam.

Nos curiosos relatos do Visconde de Vaublanc, surgem situações caricatas: «On tenait tant à ce rouge que les femmes avaient dans leurs poches une boîte, dans laquelle étaient les mouches, le rouge, le pinceau et surtout le miroir. Plusieurs dames renouvelaient sans façon à leur aise leurs belles joues rouges partout où elles se trouvaient».<sup>126</sup> Vaublanc afirmava que por vezes se tornava evidente em



Fig. 31 – Retrato de D. Maria I, com penteado alteado, adornado com jóias e laço. No rosto exibe *rouge* e sinal.

<sup>124</sup> (*Rubia tinctorium*) é uma espécie de erva da família das rubiáceas, originária da região do Mediterrâneo, atinge até 90cm de altura. As suas folhas são ásperas e repletas de espinhos e tem flores amarelas ou azuladas. As raízes fornecem substâncias corantes vermelhas como a purpurina e a alizarina.

<sup>125</sup> Citado por PAQUET, *Op. Cit.*, p.56

<sup>126</sup> PAQUET, *Op. Cit.*, p.54.

certas pessoas a sujidade na face, no pescoço e nos ombros, tal o exagero na aplicação do pó.

Os sinais artificiais (*mouches* em língua francesa) como toque final da maquilhagem e de embelezamento, também foram moda no século XVIII. Pequenos pedaços de tecido, em veludo ou seda tafetá pretos, tornaram-se um verdadeiro fenómeno. Dependendo do local do rosto onde se aplicavam, assim se transmitia uma intenção: ao canto do olho, sobre uma borbulha, ao canto da boca, etc. Esse código era completado de acordo com a forma dos sinais; em feitio de coração, de losango, quadrado, lua ou estrela ou, por vezes, com um pequeno diamante no centro. As caixas que continham estes adornos, tinham um pincel e cola para os fixar.<sup>127</sup>

A partir de cerca de 1750, surgem os primeiros sintomas de uma mutação na concepção da natureza e do corpo, graças à intervenção dos enciclopedistas e dos dramaturgos. O excesso, a artificialidade em si foi deixando aos poucos, de fazer sentido.<sup>128</sup>

Em 1778, a Sociétés Moyale de Medicine, começou a examinar cuidadosamente a composição das pomadas e cosméticos, antes da sua venda. Verificava-se que muitos daqueles produtos eram altamente prejudiciais para a saúde de quem os usava. Era o caso do alvaiade, pó ou pasta fabricado à base de carbonato de chumbo, componente causador de doenças cancerígenas.

A artificialidade e o exagero começaram a ser ridicularizados e a classe médica alertou para as deformações posturais que os acessórios de moda originavam, como o espartilho, apelando para o uso de uma moda mais liberta e aconselhando o regresso de um gosto natural. A própria soberana, Marie-Antoinette (1755-1793), dada a influência das suas origens austríacas, foi grande impulsionadora desta nova moda libertadora, bem como a retratista Madame Vigée-Lebrun, que foi a precursora do estilo *négligé élégant*. Ambas adoptaram um semblante absolutamente natural, quase sem maquilhagem e aboliram o *rouge* na cosmética diária. Houve um retorno à moda da

---

<sup>127</sup>AA.VV. *Les Heures do Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à République*, p. 35.

<sup>128</sup>IDEM, p. 58.

palidez, maquilhagem muito mais ligeira e o banho tornou-se num complemento importante na higiene. A alimentação passou a ser mais simples e menos condimentada. O espartilho, só voltou a ser reutilizado, como acessório de moda, na segunda metade do século XIX.

Após a Revolução Francesa os cabelos empoados, do Antigo Regime, montados em penteados extravagantes, foram cortados e o visual aristocrático, carregado de *rouge*, foi abolido definitivamente. A revolução trouxe consigo a ideia de exaltação do aspecto natural, de uma fisionomia sincera e transparente. O liberalismo nascente, com fortes influências de Diderot e do filósofo Rosseau, realçava acima de tudo a libertação da individualidade do homem, bem como das suas características singulares, físicas e psicológicas.<sup>129</sup> Os cânones de beleza mudaram e, para além do mais, deixou de existir, pela primeira vez, um ideal de beleza estabelecido e rigoroso.

As ondas da revolução francesa e suas consequências produziram grandes alterações na Europa, incluindo Portugal, não só em termos políticos mas também nos costumes e nos rituais. A corte e as elites continuavam a adoptar, com ajustes à realidade nacional, os hábitos daquela nação. O papel de subalternidade da mulher continuou a ser um das tónicas vigentes, mesmo na segunda metade do século XIX.

A partir de cerca de 1830, a palidez voltou a estar em voga nos cânones de beleza: [il est] « de mode d'être défait et pale comme un mourant, d'avoir le teint plombé ou les joues creuses parceque cela donne l'air distingué, artistique. »<sup>130</sup> O uso exagerado de cosméticos era agora punido, tido quase como um prenúncio de infidelidade conjugal, no caso das senhoras casadas. Aconselhava-se, sim, uma higiene apropriada e máscaras de beleza contra o envelhecimento, à base de produtos naturais como benjoim, incenso, goma-arábica. O óleo de amêndoas doces era usado contra o mau-hálito e manchas.<sup>131</sup> O *rouge* vegetal, aplicado de uma forma sóbria, discreta, era confeccionado manualmente em casa, com pigmentos naturais constituídos por uma resina vermelha extraída da flor de cártamo,<sup>132</sup> diluída em água, depois de seca e pó de

---

<sup>129</sup>PAQUET, *Op. Cit.*, p. 62.

<sup>130</sup>IDEM, p.p.64, 65.

<sup>131</sup>MME.CELNART, *Op. Cit.*,p. 44.

<sup>132</sup> Planta de onde se extrai a cartamina tinturial.

talco.

No início do século XIX, já não se confundia a casa de banho com o quarto de *toilette*, pois a higiene e o arranjo pessoal eram dois momentos distintos. O toucador podia ter espelhos e funções diferentes. Os rituais de *toilette* podiam demorar até cerca de três horas.

Os estojos ou *nécessaires* de *toilette* contemplavam agora mais acessórios, em materiais nobres como o ouro, a prata, o *vermeil*, a tartaruga e continham grande variedade de peças: caixas para pós, para sinais, caixas para pomadas ou cremes, vaso de banhar os olhos e *gratte-langue* (instrumento para esfregar a língua).

No manual de Mme. Celnart, constam aconselhamentos sobre a forma de manutenção das peças do toucador. Assim, logo após a higiene e o penteado, era obrigatório, para a sua conservação, a limpeza e o arrumo das peças usadas. As esponjas sujas deveriam ser lavadas com água tépida e depois de bem espremidas, penduradas. As escovas da cabeça e pentes bem limpos. Os pentes deveriam ser cuidados com uma escova. Também os frascos, copos, palitos de dentes, pinças e demais acessórios deveriam ser limpos, antes da sua arrumação. Os papelotes eram acondicionados numa caixa de cartão para serem reutilizados à noite. Por último, as caixas de pós, de dentes, cosméticos e potes de cremes, deveriam ficar bem encerradas.<sup>133</sup>

No toucador, o odor dos perfumes era intenso. Os aromas variavam, desde o cheiro a rosas, a flor de laranjeira, a sândalo, a bergamota, a alfazema, a casca de limão, a essência de funcho, etc. Do mesmo modo, o traje era também bastante perfumado, bem como os acessórios, fossem leques, luvas, tecidos do quarto, como as cortinas e os cortinados.

Os perfumistas parisienses foram os que produziram os produtos mais apreciados e criaram todo o tipo de essências com nomes bastante sugestivos. A antiga terminologia, que incluía designações mais comuns, como *Eau de roses*, *Sel de vinaigre*, ou *Sel de miel*, caiu em desuso, para dar lugar a outras como *Eau de Vénus* ou *Blanc de*

---

<sup>133</sup> MME. CELNART, *Op. Cit.*, p. 101.

*Sultanne*.<sup>134</sup>

Na corte portuguesa de D. Luís I, um dos principais fornecedores de perfumes e de águas de toilette, cremes e objectos relacionados com a mesma, era a casa *Elie Bernard*, localizada na Rua do Chiado, onde a rainha D. Maria Pia adquiria as suas máscaras de beleza e pós cosméticos, como *Poudre Brillante*, *Poudre Diamante* e *Poudre de Riz* (Pó de Arroz).<sup>135</sup> Adquiria-os também na casa Godefroy, que se intitulava “Parfumerie Des Meilleurs Maisons de France & Angleterre”.<sup>136</sup> Em Paris, a rainha comprava nas casas *Parfumeurs Guerlain* e *Ch.Fay* na Rue La Paix, e *Houbigant*, no nº 19, Fg. St. Honoré,<sup>137</sup> bem como na perfumaria *Henry. A la Pensée*, no Faubourg St Honoré 5.<sup>138</sup> Os perfumes ou essências eram acondicionados em frascos de vidro dos conjuntos de toucador. No conjunto de toucador em prata dourada, da casa Sormani, em estudo neste trabalho, um dos recipientes ainda mantém uma fragrância original, usada pela rainha.

Quanto à *toilette* masculina, o bigode bem tratado era moda. No paço da Ajuda, o rei e os príncipes cuidavam diariamente do seu bigode, utilizando à noite, na hora do sono, uma rede com elástico, apropriada para arrebitar as pontas.<sup>139</sup>

Nestas duas centúrias, o final da jornada terminava geralmente com uma saída ao teatro ou à ópera, para uma *soirée* mundana. Por outro lado receber em casa era um dos momentos mais importantes da vida da corte portuguesa oitocentista. Os bailes, os concertos, o canto, a convivência e o jogo eram as distrações favoritas da alta sociedade. Os serões finalizavam quase sempre muito tarde, por vezes ao amanhecer.<sup>140</sup>

Obviamente a *toilette*, o parecer, era um complemento fundamental nos encontros sociais. Deveria ser única, exclusiva, para que se pudesse reter a recordação.

---

<sup>134</sup> CHEVALIER, *Op. Cit.*, p.34.

<sup>135</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.7017, Documentação de despesa da Rainha D. Maria Pia de 1875 a 1892. (Doc. cedido por M. Do Rosário Jardim)

<sup>136</sup> IDEM, Factura de despesa da Rainha D. Maria Pia, da casa A. Godefroy, 18/09/1889.

<sup>137</sup> PNA, 5.2.38 (116), Documentação relativa a fornecedores.

<sup>138</sup> IDEM, 5.2.36 (114), Documentação relativa a fornecedores.

<sup>139</sup> IDEM, Inventário Judicial Palácio Nacional da Ajuda, Vol 8, 28 de Fevereiro, 1 de Março de 1912, ff.2656.

<sup>140</sup> No caso de fome, já no quarto, ainda se podia ingerir uma última refeição ligeira, um caldo, que era colocado sobre uma pequena mesa, iluminada por pequena palmatória ou castiçal.

Tentava-se concorrer no aspecto, se possível audacioso, na novidade do traje, no luxo e no requinte de toda a *toilette*. Os periódicos da época descreviam com todo o pormenor o vestuário da rainha e das suas das damas e o brilho das noites de gala no Paço Real da Ajuda.

### 1.5. A escrita

No Antigo Regime, enquanto a senhora da casa permanecia no toucador na hora da *toilette*, o homem dava início à recepção. Nesse período de tempo, eram tratados assuntos relacionados com os seus negócios familiares ou inerentes à sua função na sociedade. Geralmente os homens da elite social recebiam também quem beneficiava da sua protecção. Assegurar uma espécie de dependência de algumas pessoas, uma



Fig. 32 – O 3º Marquês de Angeja (1716 – 1788), no seu gabinete.

pequena corte que tinha laços de fidelidade e obediência, era uma forma de garantir e ostentar poder e prestígio, no local onde residia.

A elite entregava-se mais a uma vida de ócio do que a uma vida de trabalho e de esforço. O trabalho apenas ocupava uma pequena parte da jornada. Porém, havia que acautelar a manutenção de um orçamento para a continuidade de toda uma vida de fausto e luxo e evitar a todo o custo o avolumar das despesas. O chefe de família assegurava assim um trabalho, com relativa assiduidade, de forma a garantir as receitas.

Ainda com o seu *robe-de-chambre*, os homens retiravam-se para o gabinete de estudo ou escritório, considerado um santuário masculino, que geralmente não ficava

longe do quarto de dormir. Ali, entregavam-se às suas obrigações diárias, à leitura e à escrita e também ao estudo e à descoberta de curiosidades intelectuais.

Desde a Renascença guardavam-se nos gabinetes as colecções eruditas, as curiosidades. Para além do acto de reunir objectos raros, instrumentos científicos, obras de arte, etc., o hábito do coleccionismo era revelador de uma mente e de um espírito iluminado, mundano e aberto. Num gabinete de curiosidades, como o de Jean-Baptiste Jehannin de Chamblanc, na cidade de Dijon, guardavam-se pintura de grandes mestres - neste caso de Dürer, Rembrandt ou Callot -, estampas, estatuetas egípcias, armas antigas, cunhos de moedas, moldes de camafeus, *chinoiseries*, mas sobretudo um gabinete de física com mais de seiscentos instrumentos e um gabinete de história natural.<sup>141</sup> Em Portugal, era famoso o gabinete do Marquês de Angeja.

A partir da Regência, surgiu uma cadeira apropriada, o *fauteil de cabinet*, ou cadeira de escritório, peça de mobiliário exclusivamente destinada ao gabinete. O encosto desta cadeira era rebaixado em forma de gôndola, para melhor apoio das costas durante os trabalhos de escrita.

No século seguinte, com a influência da nova sociedade burguesa, muito activa, o ritmo de trabalho dos homens sofreu alterações profundas. O chefe de família trabalhava no seu escritório público, em local exterior. No entanto, o escritório ou gabinete de trabalho continuava a ser uma divisão importante no lar, utilizada diariamente. A finança e a indústria eram agora factores de desenvolvimento económico de relevo e para isso havia que investir tempo e dinheiro. Por esse motivo, o homem permanecia menos tempo no lar, que se convertia agora no grande templo da mulher.<sup>142</sup>

No século XVIII e XIX, a elite social consagrava algumas horas do dia à correspondência, como era atributo das pessoas de condição. Para além da que era trocada entre amigos, namorados ou família, a carta assegurava as relações mundanas. Independentemente da distância, a escrita reforçava as relações, evitava o esquecimento e assegurava a reputação pessoal. Escrever era fundamental para quem não queria estar

---

<sup>141</sup>AA.VV. *Les Heures do Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à République*, p.p.37, 38 e 39.

<sup>142</sup>IDEM, p.43.

isolado do “seu mundo”.

Nos inventários das despesas da Real Barraca, há numerosas encomendas de penas, tinta e papel, para utilização diária ou para ocasiões especiais. Foi o caso de uma compra, realizada no mês de Julho de 1783, em que foi efectuado o pagamento de “1 quarteirão de penas de escrever”<sup>143</sup> ao preço de \$480 réis, “10 mãos de papel pautado para a Serenata dos anos da Princesa” a 3\$600 réis, bem como “Uma garrafa de tinta para o copista António bernardo” a \$160 réis.

A correspondência entre as cortes é uma fonte importante para várias interpretações, sobre a sua sociabilidade e códigos de conduta. São numerosas as cartas trocadas entre a corte portuguesa e as Figuras Reais europeias, no século XIX, onde os soberanos iam relatando as suas vivências pessoais e as dos seus parentes.

Trocava-se cartas de teor político, em situações mais formais ou de regozijo. Toma-se como exemplo a que foi enviada pelo rei Luís Philippe d’Orléans a D. Maria I, em agradecimento pelo convite formulado pela soberana, para que fosse padrinho do infante D. Luís de Portugal, seu segundo filho:

“Ma chère sœur e très chère nièce

Je vous remercie vivement de leur confiance e de l’affection dont vous m’accordés un témoignage qui m’est bien cher, en me proposer, de tenir sur les fonts de Baptême, l’enfant Royal a qui Votre Majesté donnera bientôt le jour.

J’accepte cette proposition avec grand plaisir & en acceptant je suis heureux d’ajouter un nouveau lien ceux qui nous unissent déjà & de vous donner une nouvelle gorge de la sinsère amitié e de la vive tendresse que je vous porte. Le choix que vous aves fait de Madame la Princesse de Saxe Coburg pour Marraine, ne pourrait que m’être intimement agréable

(...)

En Château D’Eu a Sept. 1838

---

<sup>143</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx 3127, *Despesas de Agosto 1783*.

Madame ma Sœur & très Chère Nièce de Votre Majesté  
Le Bon Frère & Affectionné Oncle  
Louis Philippe. »<sup>144</sup>

Escrever era também um sinal de distinção social, uma vez que grande parte da população europeia, de baixa condição, era analfabeta. Foi no século XVII que a codificação da aprendizagem da escrita se acentuou, com o fim de diferenciar ainda mais o homem de qualidade, do homem vulgar.

Outro sinal de distinção social estava relacionado com o cunho pessoal, gravado com o sinete no lacre: ou o brasão de armas, ou o monograma.



Fig. 33 – Sinete da escrivainha de viagem de D. Pedro (Invº51084/C), pertencente ao acervo do Palácio Nacional da Ajuda

No século XVIII não era habitual as mulheres dedicarem-se à escrita. Ocupavam-se sim das obrigações da casa, da educação dos filhos e da recepção. No século seguinte, tornou-se quase obrigatório, para elas, no dia-a-dia, a escrita da sua correspondência pessoal.

Com a evolução, a promoção e a melhoria qualitativa da educação escolar, tornou-se regra para qualquer rapariga “bem-nascida” saber redigir e exprimir-se, tão bem como os rapazes. As senhoras que tinham o hábito de receber no seu salão interessavam-se pelas formas do saber e do conhecimento e mostravam-nas nas suas relações mundanas e intelectuais.

Na sua obra *La Patrie Portugaise*, de 1896, Juliette Adam refere-se aos hábitos de escrita adoptados por algumas mulheres portuguesas na segunda metade do século XIX, à sistemática comparação com os autores franceses e à emancipação feminina:

---

<sup>144</sup> IDEM, Cx.7321.

“ Um grande número de autores lusitanos queixavam-se, até ao segundo terço do século XIX, da insuficiência da educação das mulheres.

Hoje em dia já não se podem queixar, pois várias mulheres gozam de celebridade em Portugal, e aí se podem encontrar um grande número de literatas.

Em Portugal, e é esse um dos defeitos que tocam no nosso coração amigo, há a tendência de estar sempre a estabelecer uma comparação entre o autor lusitano e o autor francês. Nós afirmamos que o valor literário das mulheres escritoras em Portugal é um bem que só a elas pertence.”<sup>145</sup> Juliette Adam refere figuras femininas proeminentes como Maria Amália Vaz de Carvalho, Guiomar Torresão e Angelina Vidal.

A autora constata que só há poucos anos se verificava o facto de as mulheres poderem sair sós à rua, ou acompanhadas por só uma pessoa, pois até então levavam uma vida “de família semelhante à vida conventual.”<sup>146</sup>

Quanto aos objectos de escrita, a comercialização de penas teve o seu início no século XVII. Nesta época, as penas eram separadas por tamanho e identificadas por fios de cor, que também eram indicadores da qualidade.

No século XVIII, a Noruega e a Irlanda eram os países produtores das melhores penas, considerando-se, no entanto, que as de melhor qualidade eram as provenientes da baía de Hudson, pela sua durabilidade. Foi neste período que se incrementaram verdadeiras empresas de comercialização do produto, na Polónia, na Pomerânia e na Lituânia. As penas eram recolhidas pelos camponeses criadores de gansos e as mais procuradas eram justamente as que caíam dos animais no período de muda, compreendido entre os meses de Maio e Junho.<sup>147</sup>

---

<sup>145</sup>VICENTE, *Op. Cit.*, p. 191.

<sup>146</sup>IDEM p. 191.

<sup>147</sup>LE COLLEN, Eric, *Objets d'écriture*, Paris, Flammarion, 1998, p. 22.

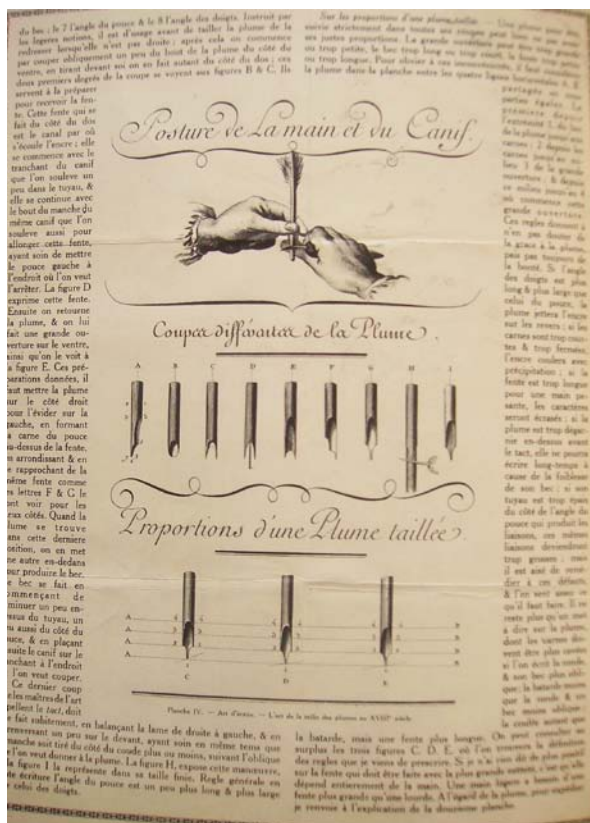


Fig. 34 – Estudo sobre a postura da mão e o talhe das penas. *Encyclopédie de Diderot & d'Alembert*. Collection Iconographique Maciet Bibliothèque des Arts Décoratifs, Paris.

Ao longo dos tempos, houve períodos de carência e de dificuldade na obtenção das penas, de acordo com a procura. Foi o caso da Prússia, no século XVIII, em que a exportação cessou e o país entrou em período de racionamento – uma pena por dia a cada pessoa – para que estas esgotassem.

Mas foi no século XIX, em plena era industrial, que se deram os primeiros passos para a criação de uma pena que correspondesse às novas necessidades. O ideal seria a obtenção de um utensílio mais fácil de manusear e de recarga menos periódica. Para se ter uma ideia, no Parlamento belga existia um funcionário que durante as sessões plenárias dos deputados, se dedicava exclusivamente ao talhe das penas.

Em 1875, foi criado o aparo e a sua comercialização em larga escala foi iniciada por François Lebeau. Dez anos depois, já existiam em França e Inglaterra indústrias fluorescentes daquele negócio. O aparo foi produzido em grande quantidade para o mundo inteiro, sendo um dos primeiros objectos descartáveis da era industrial. A pena

A indústria de produção de penas e o respectivo comércio tiveram grande impulso no século XVIII, em países como a Alemanha e a França. A casa *Léglise, Bélliard et Cie*, instalada em Fleurance, foi no século seguinte, em França, uma das mais conceituadas tendo expandido o seu negócio para outros artigos, como a venda de penas para colchões. Os produtores alemães, polacos e boémios detinham, contudo, o monopólio europeu e perante esta rivalidade comercial, a casa *Léglise, Béliard et Cie*, deu início a uma

extensão dos seus produtos para os Estados Bálticos, Itália, Prússia, Rússia.



Fig. 35 – Escrivaninha com as armas da Casa Real Portuguesa, Século XVII, Prata, Museu Nacional Machado de Castro, Invº O 810.

de ganso converteu-se no símbolo da literatura clássica e das artes literárias. No entanto, continuou a ser muito apreciada e usada, sobretudo quando a caligrafia a aplicar deveria ser mais cuidada ou estilizada.<sup>148</sup>

Os escritórios eram conjuntos que se encontravam em quase toda a Europa, desde o século XVII. Os exemplares flamengos contemplavam por vezes um pequeno castiçal ou lamparina, não só para iluminação, mas também para a fusão do lacre. Jean Bérain criou o protótipo dos escritórios mais comuns na Europa do século XVIII, que se disseminaram não só em França, mas também por outros países como a Inglaterra, a Alemanha, Portugal, Espanha e Itália. Na transição para o século XVII, além da caixa contentora do material de escrita, surgiu uma nova peça, a bandeja, onde se pousava o tinteiro, o areeiro e a campainha, e que era colocada na secretária ou mesa de trabalho. Este conjunto generalizou-se a partir do século XVIII. Os escritórios de prata com recipientes de forma cilíndrica foram modelos muito procurados em setecentos na cidade de Roma e igualmente em Portugal.<sup>149</sup> A própria mesa de trabalho, o *bureau*, a

---

<sup>148</sup> LE, COLLEN, *Op. Cit.*, pp., 26, 28.

<sup>149</sup> GRUBER, A., *L'Argenterie de Maison du XVIe au XIXe siècle*, Fribourg, Office du Livre SA, 1982. p. 272.

partir de setecentos, converteu-se numa peça de mobiliário mais requintada. Quando encomendadas por pessoas de posses, as escrivaninhas eram fabricados em metais nobres.

Quando mais completos, estes serviços contavam ainda com uma campainha, porta – penas e suportes para velas. Um dos mais belos exemplares que chegou até aos dias de hoje e que se conserva no Museu do Louvre é a escrivaninha em prata dourada, fabricada por Thomas Germain em 1746, encomendada por D. João V para o seu Conselheiro de Estado, o Cardeal D. Nuno da Cunha e Ataíde.<sup>150</sup>



Fig. 36 – Escritório do Cardeal D. Nuno da Cunha e Ataíde, Thomas Germain (1673 - 1747), Paris, França, 1746, Prata dourada, Museu do Louvre, Paris.

São numerosas as alusões ao fabrico de escrivaninhas para os quartos das Pessoas Reais na Real Barraca. Conjuntos essenciais, para além de estarem presentes no dia-a-dia do paço, eram parte integrante dos agregados de prata, fabricados para as princesas por ocasião dos seus consórcios. Foi o caso

das peças fabricadas por altura da passagem de D. Mariana Vitória, no ano de 1785, em “prata importada que a rainha mandou dar à açafata que acompanhou a princesa D. Marianna, de partida para Espanha”. Nesse conjunto constava uma “escrivaninha”.<sup>151</sup> Também já no início do século XIX, a 12 de Junho de 1817, no preparo da Nau D. João VI, que conduziu a arquiduquesa D. Leopoldina de Áustria para o Brasil, o “ (...) Visconde de Santarém encomendou a Francisco José Antunes, para além das habituais peças para higiene, *toilette* e refeição, como “três bacias de ventosa, “ (...) Hum bidé”, uma “bacia e jarro”, “huma dita para toucador”, “quatro cabos de trinchar”, e também

<sup>150</sup>GRUBER, *Op. Cit.*, pp. 132, 133.

<sup>151</sup> *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*, Documentos, VII, Lisboa, 1956, CCCVIII, p.59.

“hum tinteiro, arieiro e campainha”.<sup>152</sup>

Desde a Antiguidade e durante a Idade Média, sobretudo nos espaços conventuais, os tinteiros eram fabricados a partir de materiais como corno de animal. Gradualmente, essas peças foram adquirindo grande refinamento. Criaram-se verdadeiras obras de arte, em materiais como corno ou marfim, adornados com esmaltes ou metais nobres. Estas peças faziam parte integrante dos conjuntos de escritório, nas cortes.



Fig. 37 – Tinteiro Luís XIV, França, Século XVIII, Madeira, marfim, metal

O areeiro era uma pequena caixa redonda furada à superfície, que continha pó de madeira ou de pedra, designado como areia, misturado por vezes com pequenas partículas de ouro, que se projectava sobre a folha de papel para a secagem do excesso de tinta. Na corte de Luís XIV, usaram-se peças em cobre dourado ou prata, encaixados em bases de madeira exótica com embutidos e com Luís XVI, foram criadas peças em faiança monocromada provenientes de Delphat ou policromadas, de Nevers, ou Estrasburgo.<sup>153</sup>

Os utilizadores confrontaram-se sempre com o problema da evaporação rápida da tinta. Por essa razão, no interior do recipiente, era depositado um pouco de algodão. Em 1735, um funcionário da corte francesa, Baradelle, criou um tinteiro hermético, onde o líquido dificilmente se evaporava e o algodão já não era necessário. Meio século mais tarde, Sieur Pochet submeteu à apreciação da Academie Royale des Sciences um modelo de tinteiro económico: “capable de fournir une encre du plus beau noir, fixe,

<sup>152</sup> *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*, Documentos, VII, Lisboa, 1956, CCLXXIII, p.25.

<sup>153</sup> LE COLLEN, *Op. Cit.*, p. 28.

luisante, inaltérable (...).”<sup>154</sup>

Após a revolução francesa, foram criados os primeiros tinteiros designados em francês, *de pompe*. É exemplo, o escritório do acervo do Palácio Nacional da Ajuda do ourives francês Jean-Baptiste-Claude Odiot, fabricado entre 1798 e 1808.

O século XIX foi o período áureo da produção de tinteiros. Em França criaram-se modelos diversos, onde a decoração apresentava temas da vida quotidiana ou evocações históricas ligadas a Napoleão Bonaparte. Em 1822, surgiram conjuntos constituídos por tinteiro, areeiro com pó de ouro e outro recipiente para o lacre. A partir deste período, as mais importantes casas comerciais parisienses de artigos de escrita, buscavam a criação do modelo de tinteiro ideal e de uma tinta de longa durabilidade. Em finais do século XIX, divulgaram-se cada vez mais os pequenos estojos e modelos de viagem de pequenas dimensões.

As tintas no início do século XIX eram executadas a partir de uma mistura de componentes como noz de galha, óxido de ferro e goma-arábica.



Fig. 38 – Pequena escrivaninha (*bureau de dame*), em estilo Luís XV, decorada com pinturas *Vernis Martin*, da Casa Paul Sormani, Paris, Século XIX (2ª metade), Palácio Nacional da Ajuda, Invº 2962.

As indústrias de tintas e lacres de produção em larga escala, tiveram grande impulso e aperfeiçoamento a partir de cerca de 1834. Por exemplo, a casa *James Perri* apregoava a produção de uma tinta que não produzia a corrosão do aparo metálico. Outros estabelecimentos de referência do sector eram, *Stephen, Parry* e *Seehhoff*, na Grã-Bretanha, *Ancora*, em

<sup>154</sup> Citado por LE COLLEN, *Op. Cit.*, p. 32

Itália e Antoine, Chèvenement, Gordot, em França. Em 1871, o químico Gunther Wagner criou as tintas Pelikan e utilizou como símbolo da empresa o pelicano das suas armas de família. Foi uma das maiores empresas do ramo, que desde o século XIX, impulsionou uma enorme variedade de cores, de grande qualidade.<sup>155</sup>

Como a escrita se tornou num hábito quotidiano, começaram a multiplicar-se as pequenas secretárias volantes, *bureaux-de-damme ou bonheur-du-jour*, peças de pequenas dimensões, muito graciosas, que eram distribuídas por algumas divisões da casa. A dona da casa também podia escrever no *boudoir* ou nos seus aposentos privados.

No século XIX, foi criada uma nova divisão para a hora da escrita, o gabinete de trabalho. No Paço da Ajuda, os novos aposentos remodelados para os reis D. Luís e D. Maria Pia, contemplavam as divisões respectivas, para a hora da escrita, recepção e trabalho: o Gabinete de trabalho do rei, nos seus aposentos privados, a Sala de Despacho, onde o soberano recebia em audiência privada e reunia o Conselho de Estado e a sala Verde e Cor-de-Rosa, destinadas às actividades diárias da soberana.

Também era atributo da elite social a escrita de memórias. Deixar o registo de um percurso biográfico, de uma história pessoal ou familiar, era prestigiante. Era sobretudo um legado de histórias de um passado da arte de viver aristocrática.<sup>156</sup>

Em época de guerra, em viagens de puro lazer ou de estudo, os escritórios eram fundamentais para as Figuras Reais. É o caso do escritório de viagem da casa Giroux, de Paris (Invº51084/C), que temos como objecto de estudo, utilizado por D. Pedro IV durante o cerco do Porto, no ano de 1832, e da pasta / escritório (Invº45029/B,) da rainha D. Maria Pia, que se encontra no interior do grande malão de viagem da casa Paul Sormani.

No ano de 1902, a rainha Maria Pia transportava consigo em viagem os objectos essenciais. Na lista constavam as peças de *toilette*, refeições e escrita como: uma bacia e bandeja, bacia dos dentes, salva grande e leiteira, salva para lápis, palmatória grande e

---

<sup>155</sup>LE COLLEN, *Op. Cit.* pp. 53, 55.

<sup>156</sup>AA.VV. *Les Heures do Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à République*, pp.67, 68.

pequena, salva pequena “arrendada na borda”, tinteiro de cristal com tampa de prata, “vidro d’água para fixar os sobrescritos com tampa”, jogos de copos “antigos” e “modernos”, uma pasta de escrever e foles para papéis, de várias dimensões, carteiras para retratos, termómetros, relógios, o “cinete de serviço”, “estojo de couro com quatro frasquinhos para remédio”<sup>157</sup>, dois livros em branco, “profomarias”[sic], “botica e lista de remédios e receitas e como se tomam”, objectos de cabelo, chaleira e richó. A rainha também levava consigo material de fumo, como caixa de charutos e lâmpada de álcool, para os aquecer previamente, fosforeira, cinzeiros e algumas fotografias suas para oferta. Para os momentos de ócio, “Livros franceses de leitura” e para as digressões, os “Cestos da comida dos passeios.”<sup>158</sup>

Para além destas peças, a rainha também usou vários dicionários, três manuais de conversação: Francês, Alemão e Inglês, Guias da Europa, sobretudo das zonas a percorrer, como: “Carte d’Europe, Voyage en Europe, Le Sud-Est. France, France, Suisse, (...) Savoie, Italia, Alemanha e Hollanda, Aix-les-Bains” e finalmente uma “carta especial dos caminhos-de-ferro de França.”<sup>159</sup> Outro manual, muito importante na sociabilidade das cortes europeias, que D. Maria Pia consultava era o *Almanach de Gotha*, o mais respeitável e conceituado directório da alta nobreza e realza europeias.

Os fornecedores de lacres e papel da soberana em Paris eram as *Galleries Lafayette*, no Coin rue chausseau d’Antin.<sup>160</sup> Outros artigos de papelaria e agendas eram adquiridos nas *Papeteries Maquet*, no nº 10 da rue la Paix, na *Tounnel*, no nº 12 da mesma rua e na casa *Stern*, localizada no nº 47 Passage Panora.<sup>161</sup> Na Papelaria *Aspray*, no nº 24 da Rue de la Paix, a soberana adquiriu “Chumbinhos para cartas” e na casa *Tangre – papeterie de luxe* no Bd de la Ma-/delleine, comprou porta-moedas e também lacres.<sup>162</sup> Em Lisboa, um dos fornecedores de material de escrita era a Papelaria Palhares, localizada na Rua do Ouro, nºs 141 e 143<sup>163</sup>. (Doc. 6, p. 174, Anexo

---

<sup>157</sup>PNA, 4.2.2 (2), 710, Documentos pessoais diversos, , Lista dos objectos que a Rainha D. Maria Pia levou na viagem ao estrangeiro em 1902.

<sup>158</sup>IDEM.

<sup>159</sup>IDEM.

<sup>160</sup>IDEM, 4.2.2. cx.1 (469), Documentos pessoais diversos, Nota de diferentes moradas da viagem ao estrangeiro da rainha D. Maria Pia [Paris], 1901.

<sup>161</sup>IDEM, 5.2.38 (116), Documentação relativa a fornecedores.

<sup>162</sup>IDEM, 5.2.36 (114), Documentação relativa a fornecedores. *Moradas em Paris, Junho 1893*

<sup>163</sup>IDEM, 7.1.1, Doc. 41, Documentos relativos a receitas e despesas, Factura da Papelaria Palhares da

I)

São numerosas as agendas, porta-moedas e pequenas carteiras em couro e blocos de notas compradas por D. Maria Pia para seu uso diário, sobretudo nas casas *Tonnel* e *Maquet*, e *Paul Sormani*, em Paris, que o Palácio Nacional da Ajuda conserva ainda, em impecável estado de conservação.

## 2– Os estojos.

### 2.1. Algumas tipologias, as suas funções e evolução.

«O tema dos *nécessaires* (...) é particularmente sedutor e nunca foi abordado na sua globalidade», são as palavras de Bernard Chevalier, no prefácio do catálogo da exposição *Indispensables Nécessaires* realizada no Museu Nacional dos castelos de Malmaison e de Bois Preau, em 2007/ 2008.

Remonta ao tempo de Carlos VI de França (1368-1422) a primeira referência a um estojo. Na época designada pela palavra francesa *étui*, essa peça foi descrita nas *Comptes de l'Argenterie do ano de 1387*: um estojo de couro, gravado e com as armas do Duque de Thouraine, com um grande laço de seda pendente, guarnecido de três pentes, um broche e um espelho.<sup>164</sup>

Quase um século depois, no inventário de 1483 da rainha Charlotte de Sabóia (1443-1483), segunda mulher de Luís XI de França, foi referido um pequeno cofre ” (...) d'un pied de long ouvré, ménuisé et marqueté d'os et ivoire, et muni de plusieurs lyettes (layettes) renfermant une brosse d'ambre, un miroir, un lopin de bejoin, une petite boîte de bois (...)”<sup>165</sup>

Em 1538, nas contas das despesas do soberano Francisco I (1494-1547), constava um estojo com peças de *toilette* e joias de raira risquez, fabricado pelo ourives

---

conta da rainha D. Maria Pia, Lisboa, 2 de Novembro de 1895.

<sup>164</sup>SADOUX, Isabelle, «L'Utilité des nécessaires», in *Gazette de l'Hôtel Drouot*, nº 39, Nov, 1991, p.106.

<sup>165</sup>MABILLE, Gerard, «Étuis, coffrets nécessaires», in AA.VV., *Indispensables Nécessaires*, Musée national des châteaux de Malmaison et de Bois-Préau, Réunion des Musées Nationaux, Octobre 2007-Janvier 2008,p.13.

parisiense, Jean Cousin Aïne : “ un étui de peigne de bois ébène, garny de trois peignes, une mir(N)oéer (?), une pére de cizeaux et une brosse a netoyer les dites peignes, de tout taillé à la moresque e remply d'or fin, semé de rubis et turquoises enchâsses en or, au desus duquel estuy y a une orloge, etan couvercle d'icelle un grand saphir.”<sup>166</sup>

Os primeiros exemplares que se conhecem, datados do século XIV, designados em França, como *étuis* ou *coffrets*, eram pequenos recipientes com objectos agrupados para usos específicos, e continham peças de *toilette*, de costura ou talheres.

Em França a terminologia foi evoluindo. A partir do século XVII, o termo *étui* foi substituído por *cassete*, tal como demonstram as descrições relativas às deslocações de Fouquet (1615-1680). Consta que o ministro de Luís XIV (1638-1715) transportava consigo uma caixa (*cassete*) encarnada, que continha o essencial: “petit bassin ovail, petits plats, soubis coupes, esguière-couverte, flacons, flambeaux, mouchettes” e outros objectos para as necessidades mais básicas, do seu dia-a-dia.<sup>167</sup>

As *cassetes de nuit* eram estojos que agrupavam peças de *toilette*, como pentes, escovas e espelhos, geralmente utilizados no quarto de cama, local onde a *toilette* diária das senhoras se realizava.

Na primeira metade do século XVII, moda de encenar a *toilette* foi implementada na corte francesa por soberanas como Maria de Médicis (1573-1642) e Ana de Áustria (1601-1660). Tudo indica que terá sido esta última - mãe de Luís XIV - a permitir que cortesãos e outras pessoas mais próximas assistissem ao ritual da sua *toilette*. Era um privilégio que se tornaria prática corrente na corte.<sup>168</sup>

Este ritual exigia decerto objectos de luxo que compunham a encenação e onde se combinava a elegância requintada, a beleza das formas e a comodidade. Neste contexto, e a partir de meados do século XVII, a moda dos serviços de *toilette*, implantou-se definitivamente em França. Outros países da Europa começaram igualmente a fabrica-los, ao estilo francês e no final do século XVII e princípios de

---

<sup>166</sup>SADOUX, *Op. Cit.* p. 106.

<sup>167</sup>IDEM.

<sup>168</sup>GRUBER, *Op.Cit.*, pp.257 e ss.

XVIII surgiram encomendas em número cada vez maior aos ourives de Augsburg. Esta cidade, aliás, destacou-se pela sua especialização e qualidade de produção no campo da ourivesaria; Tobias Baur, entre 1635 e 1735, foi o artesão que mais sobressaiu neste tipo de serviços. Em Inglaterra destacou-se o ourives huguenote Paul de Lamerie.

Os serviços de *toilette* eram geralmente acondicionados em estojos que protegiam as suas frágeis peças, durante as viagens dos seus proprietários; mas isso não era indício de que só os utilizavam nessas ocasiões. Como objectos de ostentação, eram de tal forma caros, que até para os seus possuidores, pessoas geralmente abastadas, era geralmente impensável adquirir mais do que um conjunto para cada residência. Razão

pela qual os transportavam nas suas deslocações e mudanças de habitação.

No caso dos conjuntos fabricados pelos ourives alemães, a variedade de acessórios era grande, e por vezes continham não só peças para a *toilette*, mas também para refeições ligeiras. Exemplo disso é o estojo que se encontra actualmente na fundação Ricardo Espírito Santo Silva. Apesar da maioria do seu conteúdo ser de fabrico português, filia-se estilisticamente na produção de Augsburg.<sup>169</sup> Trata-se de uma caixa em marroquim



Fig. 39 – Catálogo do leilão, do serviço de Maria Ana de Áustria, rainha de Portugal, realizado em 13 de Junho de 1889, no Hotel Drouot, em Paris.

Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris.

<sup>169</sup>D'OREY, Leonor, *Ourivesaria*, Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, Museu Escola de Artes Decorativas Portuguesas, 1998, pp.171, 172.

vermelho, forrada de veludo verde, que conserva ainda todo o seu recheio: peças em prata dourada, que apresentam quase todas as marcas do centro de fabrico de Lisboa e do ourives Tomás Correia. Uma delas apresenta as marcas de Augsburgo e do ourives alemão Georg Friebel (c.1656-1730). Tem decoração de frisos de estrias ou godrões, característica do período de D. Pedro II. O serviço pode dividir-se em três grupos de acordo com as suas funções: um grupo de quinze peças, para *toilette*, outro de doze, para refeição; e um terceiro, constituído por sete acessórios comuns ao toucador e à mesa.<sup>170</sup>

De acordo com um estudo de Leonor D'Orey, no catálogo da *Exposição Retrospectiva da Arte Ornamental de Vianna do Castelo em 1896*,<sup>171</sup> Figueiredo Guerra, teria referido a existência de um serviço muito semelhante, propriedade da rainha Maria Ana de Áustria (1683-1754).

Segundo os dados do catálogo de venda, intitulado: *Magnifique service de toilette et de voyage en argent finement cinselé, gravé et doré, de l'époque Louis XIV*,



Fig. 40 – Peças do Serviço da rainha de Portugal, Maria Ana de Áustria, vendido em Paris, no ano de 1889. Castiçal, copo com tampa, gomil e lavanda, caixa de pó e caixa de escovas. ~~Catálogo do Leilão, Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris.~~

<sup>170</sup>D'OREY, Leonor., *A baixella da Coroa Portuguesa*, Lisboa, 1991, p.22 In D'Orey, *Op. Cit* , 1998 , p.35.

<sup>171</sup>IDEM, pp.176, 178.

*travail vieux Paris*”, o estojo de viagem da soberana portuguesa, com serviço de *toilette*, foi vendido em leilão no Hôtel Drouot, em Paris, a 13 de Junho de 1889, por 25.000 francos. O catálogo contém uma descrição sucinta das peças. Pelas armas que ostentavam, deduzia – se que teria sido encomendado para um dos príncipes da família Real de Espanha, do ramo Bourbon e posteriormente oferecido à rainha Maria Ana, arquiduquesa de Áustria e rainha de Portugal (1683-1754). O conjunto passou mais tarde a pertencer a uma aia da Rainha, D.M.I. della Cerda Castillo [sic] Branco, da família Beduido.



Fig. 41 – Caixas do serviço de toilette da rainha D. Maria Ana de Áustria, vendido em Paris, em 1889. Caixa de pó, e duas caixas rectangulares. Catálogo do leilão, Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris.

O conjunto, de 19 peças, na altura do leilão ainda se encontrava arrumado no estojo original, em couro cravejado com pregos, que apresentava as armas da senhora Castelo Branco, dama da rainha a quem foi ofertado.

Acresce a informação de que as peças apresentavam varias marcas de exportação: “Ces objets ayant séjourné en Portugal, portent, avec les poinçons du vieux Paris, le contrôle du Portugal de certains contrôles étrangers, des différents pays, par les quels ils ont passés. Mais le goût si pur qui domaine dans la forme des pièces et le

caractère du travail, nous autorisent a le croire français.”<sup>172</sup> Não se conhece o paradeiro deste conjunto.

Em Inglaterra, o primeiro conjunto de *toilette* conhecido data do ano de 1660 e era composto por peças de proveniência francesa. Mas o mais importante, da época da Restauração (a partir de 1660,) foi o conjunto em ouro maciço, oferecido em 1673 à rainha Catarina de Bragança (1638-1705), por seu marido Carlos II (1630-1685) valendo £4000. Os conjuntos existentes deste período têm grande influência francesa, embora alguns, não apresentem marcas de origem e sejam de proveniência desconhecida.

São igualmente de realçar os serviços de 1673, de Knole em Kent, bem como parte de um serviço de 1665, que compreendia apenas um cofre e duas caixas circulares, gravadas com as armas de Farigdon, bem como o conjunto exposto actualmente no Victoria e Albert Museum, conhecido como *Calverley Toilet Set*, datado de 1683.



Fig. 42 - Calverley Toilet Set, William Fowle, Inglaterra, 1683, Prata , Victória & Albert Museum, Londres.

---

<sup>172</sup>*Catalogue du très beau service de toilette...Louis XIV, ayant appartenu à S.M. Marie- Anne d'Autriche, Reine de Portugal: vente, Hôtel Drouot, 13 Juin 1889.Paris, Imprim. De L'art, 1889, pag. 4.*

Este último e o *Williams-Wynn* de 1768, que se encontram no National Museum of Wales, são compostos por caixas guarda-jóias, caixas para luvas, almofadas para alfinetes, caixas para pomada, salvas para alfinetes e escudelas; estas últimas guardavam um cosmético muito apreciado no século XVIII, por ambos os sexos – *oatmeal* –, confeccionado à base de papas de aveia. Certamente, alguns quartos de residências aristocráticas estavam equipados com um prato e uma escudela para o uso de *oatmeal*, juntamente com as restantes peças dos serviços de *toilette*. Mas as papas de aveia – muito apreciadas – também eram ingeridas, ao começar do dia, como é sabido. O ourives Paul de Lamerie fabricou, em 1723, uma taça com o respectivo prato, para Lady Georgiana Spencer, que noutros tempos se encontrava em Althorp House (residência familiar da Princesa Diana de Gales). Essa peça veio a ser mais tarde adoptada para o baptismo das crianças nascidas naquela família.<sup>173</sup>

Também no Museu Nacional da Irlanda se encontra um serviço de John Phillips of Dublin, de 1680, que contempla 11 peças; e do mesmo ano, um serviço de 17 peças,



Fig. 43 – *Nécessaire* de Maria Leczinska. Henry Nicolas Cousinet, Paris, 1729-1730  
Département des Objets d'art du Musée du Louvre

de

<sup>173</sup> GLANVILLE, Philippa, *Silver in England*, Economic History Series, Oxon, Taylor Francis, 2006.

Daniel Garnier, pode ser visto no Birmingham City and Art Museum.

Existem alguns conjuntos escoceses, datados do período compreendido entre 1695 e 1725, em diferentes estados de conservação; o conjunto mais completo e numeroso é o *Howard Service*, pertencente a uma família ducal, que data de 1708.

Outro serviço de *toilette* de referência foi encomendado a Paul de Lamerie por Sir George Treby, para a sua mulher Chalotte, por ocasião do seu casamento em 1724; encontra-se no Ashmolean Museum em Oxford. Finamente gravado e cinzelado, contém 29 peças: um espelho, três caixas, três caixas redondas, duas escovas de pescoço, duas escovas, duas pequenas caixas, dois frascos de vidro, uma bacia e quatro salvas, um par de castiçais, com corta-pavios e salva, dois jarros, um gomil e uma lavanda. Esta composição dos serviços estava mais ou menos *estandardizada*, no princípio do século XVII, não existindo grandes diferenças na sua constituição.

À semelhança de Portugal, em Inglaterra, durante a era Georgiana (1714-1830), no recheio da prata utilizada em casa, em razão das necessidades diárias e dos hábitos quotidianos dos seus possuidores, podiam encontrar-se, para além dos serviços para as refeições, também conjuntos para a *toilette*. Os serviços para uso masculino eram mais simples, contemplavam geralmente um prato de barba, um jarro, a escova de dentes, o



Fig. 44 - Jarro e Bacia de Barbear, Sebastien Durand, 1751-1753, Paris, França, Prata Dourada, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, 1797, 1798 Our.

raspador de língua e a caixa para sabão. Também naquele país, as senhoras de estratos sociais altos recebiam por ocasião do seu casamento serviços de *toilette*, geralmente muito mais completos. Dentro do espírito da encenação do ritual da *toilette*, utilizavam por vezes conjuntos de toucador com muitas peças, chegando alguns a ter cerca de 30.

Em França, um conjunto cuja fama passou fronteiras, foi o que Luís XV ofereceu a sua mulher Maria Leczinska (1703-1768), por ocasião do nascimento do Delfim. Encontra-se actualmente no departamento de *Objet's d'art* do Museu do Louvre. Fabricado entre 1729 e 1730, contém peças, como: um serviço de chá, de café, de chocolate, em *vermeil* de autoria de Henry Nicolas Cousinet, bem como artefactos em porcelana da China e do Japão. A caixa apresenta embutidos em madeira de jacarandá.

Em Portugal, no ano de 1726, o ourives francês Thomas Germain fez chegar à corte de D. João V (1689-1750) dois estojos de *Toilette de Corte* em prata dourada e, no ano seguinte outros seis toucadores, hoje desaparecidos. Dois destinavam-se à futura rainha de Espanha, a infanta D. Maria Bárbara e os restantes, às outras princesas, havendo já ecos do famoso *nécessaire* da mulher de Luís XIV: *hum delles Couza singular e outro para levar pella jornada, ambos de prata dourada e para isto se poderá Vm informar do da Raynha de França [Maria Leczinska] do que presentemete tem e do que servio pella jornada.*<sup>174</sup>

Um dos raros vestígios de peças de ourivesaria, sobrevivente ao terramoto de 1755, é um conjunto de jarro e bacia de barba em *vermeil*, fabricado por Antoine Sebastien Durand, entre 1751-53, que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga.

O rei D. José (1714-1777) encomendou à mesma casa três serviços de toucador, que vieram a ser fabricados por François Thomas Germain e que chegaram à corte de Lisboa, juntamente com a baixela Real. Esses serviços conservam-se actualmente no Museu Nacional de Arte Antiga.

---

<sup>174</sup> D'OREY, *Op. Cit.* 1998, p.72.



Fig. 45 – Saboneteira e espongeira, Serviço de D. José I, François Thomaz Germain, 1759-60, Prata Dourada, Paris, França, Museu Nacional de Arte Antiga, Invº1735-1736 Our.

Encomendados e pagos em simultâneo com a famosa baixela,<sup>175</sup> os serviços de *toilette* e outros objectos de uso pessoal do rei foram dissociados do grande serviço de refeição. O primeiro conjunto, fabricado entre os anos de 1757/58, compreendia duas salvas, duas caixas de pó, um cofre para jóias (*corbeille*), uma bacia de barba e um jarro, duas caixas para sabão e uma escova.<sup>176</sup> O cofre para jóias, ligado às regras de etiqueta da corte portuguesa é uma magnífica peça, de gosto *rocaille* na sua forma e decoração.

O segundo grande conjunto, encomendado em 1762, era composto por peças idênticas ao anterior

O terceiro conjunto constituído por peças em *vermeil* foi encomendado em Outubro de 1759. Era um serviço de viagem, no qual colaborou o ourives François Joubert. Era composto por peças, como um pequeno espelho, hoje desaparecido, uma

---

<sup>175</sup> Sobre a Baixela Germain, Vd. Estudo realizado pela equipa do Palácio Nacional da Ajuda: AA.VV. *A Baixela de Sua Magestade Fidelíssima, Uma Obra de François Thomas Germain*, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Ministério da Cultura, 2002.

<sup>176</sup>PERRIN, Christiane, *François Thomas Germain, orfèvre des rois*, Saint-Rémy-en-L'Eau, Éditions d'Art Monelle Hayot, 1993, p. 158.

caixa para pó e um jarro, conjuntamente com duas caixas para esponjas e sabão, uma bacia para barba, uma caixa rectangular, duas caixas cilíndricas e uma pequena salva. As peças apresentam as armas Reais Portuguesas.<sup>177</sup>

O serviço de toucador encomendado por D.José, para sua filha D. Maria, ainda princesa de Portugal, foi fabricado por François Thomas Germain entre os anos de 1764 e 1765. As peças em *vermeil* anunciam já o gosto neoclássico. Foi justamente entre os anos 65 e 70 que aquela corrente artística recuperou para ornamentação de peças os medalhões com efígies em relevo. Assim o demonstra o serviço da princesa de Portugal, cujas peças reflectem a evolução que se foi operando no estilo neoclássico: caixas para sinais, caixas rectangulares, caixas de pó, espelho, gomil e lavanda, taças e salva e dois castiçais de dois lumes.<sup>178</sup>



Fig. 46 – Caixa rectangular (2) do serviço de D. Maria I, François Thomaz Germain, 1764-1765, Paris, França, Prata dourada, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Invº 1777 e 1778, Our.

---

<sup>177</sup> PERRIN, *Op. Cit.*, p. 168.

<sup>178</sup> IDEM, p. 192 e ss.

Fig. 47 - Par de copos com tampa e salva, do serviço de D. Maria I, François Thomaz Germain, 1764-1765, Paris, França, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Invº1768, 1769 (copos), Invº1770 (salva).



Paradigmas de luxo, particularmente os serviços fabricados em materiais nobres, eram prerrogativa das pessoas reais e utilizados em ocasiões especiais. É exemplo o toucador que acompanhou a Arquiduquesa D. Leopoldina de Áustria (1797-1926), na sua ida para o Brasil, em 1817, por ocasião do seu consórcio com D. Pedro IV. Um serviço em prata dourada, com 31 peças, foi encomendado ao ourives Francisco António Xavier, nesse mesmo ano, para a futura imperatriz.<sup>179</sup> Para completar o conforto de D. Leopoldina, nessa longa viagem, também foram encomendadas à mesma fábrica, pelo Visconde de Santarém, peças como: três bacias de ventosa, um bidé, duas bacias e dois jarros em ouro, (uma para o toucador), para a sua toilette e quatro cabos para trinchar, um tinteiro, um areeiro e campainha. Foi tudo transportado em 6 baús, por galegos, que foram pagos por aquele estabelecimento, conforme conta apresentada em 12 de Junho de 1817.<sup>180</sup>

O século XVIII foi cenário para a especialização dos artesãos e incremento do

---

<sup>179</sup>*Boletim da Academia Nacional de Belas – Artes*, Documentos, VII, Lisboa, 1956, CCLXIX, Doc. Nº 22, pag. 23.

<sup>180</sup>IDEM, p. 25.

fabrico dos estojos/*nécessaires*. Na obra *L'Art du Menuisier*, de 1772, A.J.Roubo descreve o processo de fabrico de um *nécessaire*, e as suas funções: «Les boîtes de toilettes connues sous le nom de *Nécessaires*, sont de petites ou coffres de bois, servant à serrer les utensiles de toilette, et a les transporter dans les voyages. Elles sont composées de deux parties; savoir, de la boîte proprement dite, (dont la construction est toute du ressort de menuisier) et da la garniture, laquelle est faite par les ouvriers qui ne s'occupent que de cette partie, et qui ne travaillent qu'après les ébénistes, puisqu'ils ne peuvent faire leur garniture qu'en raison de la grandeur de la boîte, et du nombre et de la forme des pièces qu'on veut placer dedans. Cette garniture est une espèce de petit coffre percé a as surface, pour que les ustensiles de toilette comme les flacons, les peignes, etc., puissent entrer dedans, et y être contenus sans qu'ils ne puissent vaciler en aucun sens. c'est pourquoi les parois de chaque vuide sont garni[e]s de bois dans leur pourtour, et ensuite recouver[e]s d'étoffe, pourque le bois ne touche pas aux pièces qu'on place dedans. Cette garniture est pour l'ordinaire adhérent à l'intérieur de la boîte, avec laquelle on l'arrête à demeure, et le joint se cache par le moyen de l'étoffe de la garniture qu'on attache sur cette dernière. Il y a des nécessaires où la garniture est mobile, afin de réserver en dessous, et par conséquent au fond de la boîte, un espace pour serrer des choses qu'on ne veut pas laisser sous la vue: dans ce cas on fait une seconde caisse qui entre juste dans la première, dans laquelle on place la garniture à l'ordinaire. Cette seconde caisse doit être très-juste, pour que son joint ne soit pas aparent, dut-on être obligéd'y pratiquer un petit trou por donner passage à l'air qui l'empêcherait d'entrer sans cette précaution. Le fond de cette seconde caisse sert ordinairement de couvercleaux casses [*sic*] pratiquées dans le fond de la première; cependant je croisqu'il vaudrait mieux y metre un dessus ouvrant à secret, afin que si on ôtait la seconde caisse on ne pût pas fouiller dans le fond de la boîte, à moins qu'on ne sût le moyen d'ouvrir le dessus qui la couvre. La seconde caisse doit être aussi arrêté avec la première, par le moyen de quelque ressort caché dans l'épaisseur de cette première, de manière que quand le tout est en place, les deux caisses semblent nén faire qu'une, et par conséquent trompent ceux qui voudraient fouiller dans les casses du second, dans lesquelles, comme je lái dit, on place les choses les plus précieuses, comme l'or et les diamants qu'on est obligé de porter en voyage.

L'intérieur du dessus des nécessaires est quelquefois garni d'une glace, laquelle

ne doit pas porter à platsur le bois, mais en être isolée d'une bonne ligne au moins, par le moyen d'un ravalement qu'on fait au bois du dessuslequel ne porte la glace que par ses extrémités, afin que le tain ne s'ecorche pas par le frottement, ou que si le bois travaillait, il ne fit pas fendre la glace, qu'on retient en devant avec les pointes recouvertes par un cordonnet collé au pourtour de la glace...quelque fois on fait des faux fonds qui portent la glace, ce qui donne le moyen de pratiquer un vui dedans le dessus, qu'on ferme, ainsi que celui de dessous, par le moyen de quelque ressort caché dans l'épaisseur du bois.

On fait des nécessaires de toutes sortes de grandeur, depuis 6 pouces de largeur, jusqu'à deux pieds et même plus. Les plus communs sont faits en bois de noyer, toujours assemblés à bois de fil, et on garnit leurs angles avec des cornières de cuivre ou de fer poli.

Quand les boîtes sont grandes, on y met encore une ou deux équerres sur la hauteur, qu'on arrête, ainsi que celles des angles, avec les vis dont la tête est noyée en parement, de manière qu'elle n'est pas apparente, surtout quand la garniture (c'est à dire les équerres et les vis) est de cuivre.

Aux grands boîtes de toilette, on met des mains par les côtés, pour pouvoir les transporter aisément, et aus petites on ne met qu'une placée au milieu du dessus.<sup>181</sup> »

Segundo o *Dictionnaire de Trévoux* (obra que sintetizava os dicionários franceses do século XVII, sob orientação de padres Jesuitas entre os anos de 1704 e 1771): « On appelle nécessaire l'assortiment et tout l'attirail qui convient pour faire, pour servir et pour prendre du café, du thé ou du chocolat, comme aiguères, chocolatières, pots tasses, drageoirs, sucriers, cuillers[...]. Petite boîte divisée par compartiments pour renfermer différentes choses nécessaires ou commodes en voyage, comme aiguères, soucoupes, tasses, cafétières, théières, chocolatières,[...]. »<sup>182</sup>

---

<sup>181</sup> ROUBO, A. J., *L'Art du Menuisier*, t. III, Vol. II : *L'Art du menuisier en meuble*, Paris, 1772, p. 708-711 in Gerard MABILLE, «Étuis, coffrets nécessaires» in *Indispensables Nécessaires*, Musée national des châteaux de Malmaison et de Bois-Préau, Réunion des Musées Nationaux, Octobre 2007-Janvier 2008, p.10, 11 e 12.

<sup>182</sup> Citado por SADOUX, Isabelle, «L'Utilité des necéssaire»s, in *Gazette de l'Hôtel Drouot*, n° 39, Nov, 1991, p.106.

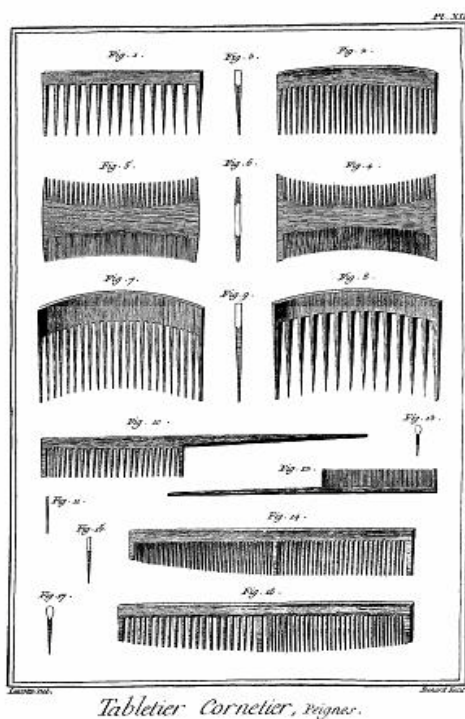


Fig. 48 – Tabletier, Estampa extraída de *Encyclopédie de Diderot et d'Alembert*.

*marchand-bijoutier ordinaire du roy*, entre 1748-1758) entregou ao rei Luís XV em 1752. Este criador vendeu a 10 de Outubro de 1750, por 96 libras, a Madame de Bolulogne de Préminville, um cofre de nogueira, compartimentado, que continha um estojo/*nécessaire* e, na parte inferior, espaço para acondicionar diamantes e duas gavetas, uma para jóias e outra para o serviço de escritório.<sup>183</sup>

Há alusão a vários *nécessaires*, no diário de Lazare Duvaux, cujas funções são por vezes difíceis de presumir. Mas são de realçar as peças de tipologias e materiais como tartaruga, cristal, ouro e madrepérola, que compunha um conjunto de *toilette*, com o respectivo estojo que o artista forneceu ao joalheiro Dufлот, a 18 de junho de 1750.

Também foi entregue ao rei de França, em 24 de Dezembro de 1752, uma *cassette* em laca, guarnecida de dobradiças, fechadura e pegas em ouro, com peças em porcelana de Vincennes e em ouro, bem como de outra, em 7 de Abril de 1758,

<sup>183</sup>IDEM.

A utilidade dos estojos/*nécessaires* impôs-se gradualmente nos hábitos da elite do século XVIII. Os artesãos procuraram a diversificação das tipologias, bem como a perfeição e a variação das respectivas utilizações: para além de utensílios de refeição e de *toilette*, os *nécessaires* começaram a reunir igualmente os escritórios, serviços de farmácia, de costura bem como conjuntos de uso técnico ou científico. Ficaram consagrados pelo seu requinte e qualidade os que albergavam conjuntos de ourivesaria e cerâmica como os que o artista Lazare Duvaux (com o título de

executada em madeira de nogueira, guarnecida de uma grande fechadura e forrada a tafetá azul e prateado, com serviço de *toilette*, em materiais nobres, como prata, cristal e tartaruga.<sup>184</sup>

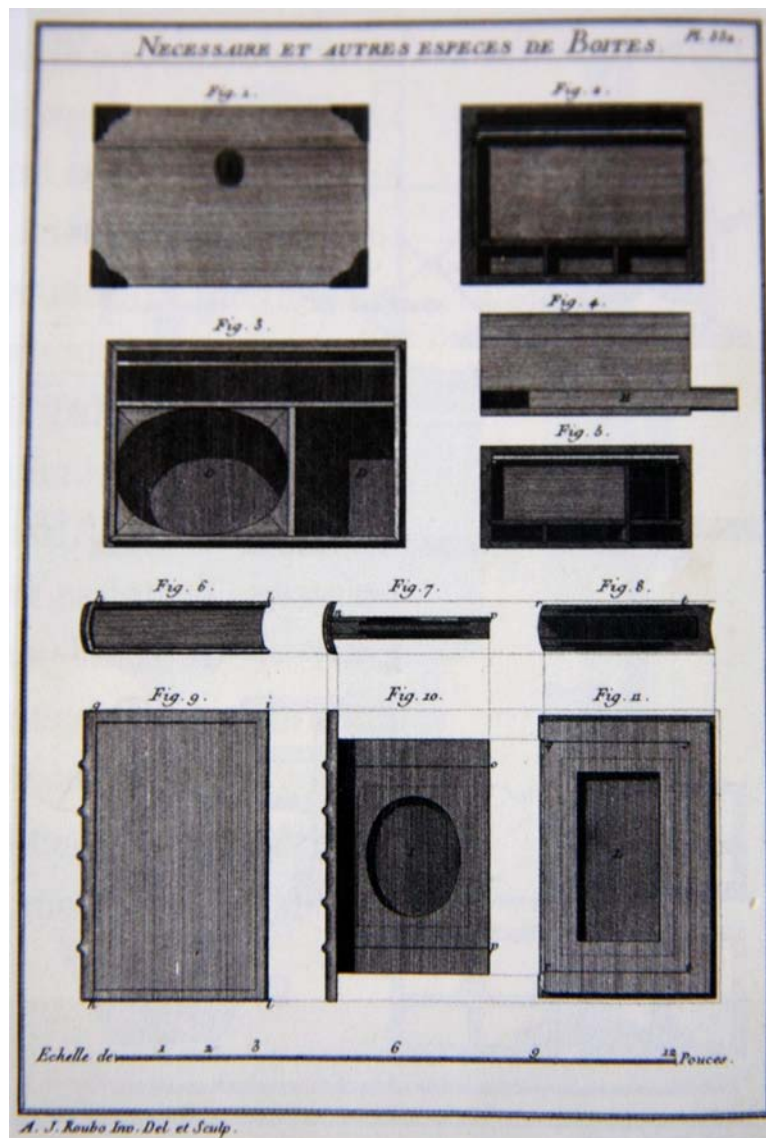


Fig 49 – Estampa extraída da obra de Roubo, L'Art du menuisier en meuble, 1772, Nécessaires et autres espèces de boîtes, pl. 33A.

Igualmente exemplo de grande qualidade e beleza é o estojo */nécessaire* fabricado para outra das predilectas de Luís XV, Madame du Barry, cerca de 1770 e que se encontra no museu Louis Voland em Avinhão. No interior de uma caixa em madeira marchetada, estão guardadas peças em *vermeil*: um rechaud, uma cafeteira, uma caixa de chá e colheres, bem como um *cabaret*<sup>185</sup> em porcelana de Sèvres, ou seja, um serviço

<sup>184</sup> MABILLE, *Op. Cit.*, p.16.

<sup>185</sup> *Cabaret*: conjunto de bandeja com as chávenas, o açucareiro, a leiteira e as taças, para o serviço do chá ou do café.

de chá individual<sup>186</sup>.

Progressivamente, a função dos estojos/*nécessaires* tornou-se mais abrangente. Por ocasião da venda dos objectos pessoais do duque Charles de Loraine, na cidade de Bruxelas, em 21 de Maio de 1781, foram vendidos nove estojos com conjuntos destinados a refeição, *toilette* e escrita, revestidos de lixa<sup>187</sup> (*galuchat*<sup>188</sup>, termo em francês).

No século XVIII, também se expandiu a moda dos pequeninos estojos de bolso forrados a lixa / *galuchat*, com peças mais sofisticados, quando enriquecidas com a utilização de materiais como ouro, esmalte e pedras duras.

Os estojos que continham objectos e materiais de diversas tipologias eram o resultado do trabalho de parceria de vários ofícios: os ourives *garnisseurs*, os couteleiros, as manufacturas de porcelana, os fabricantes de espelhos, entre outros, confeccionavam os objectos, bem como os *tabletiers*, marceneiros especializados no fabrico dos estojos, e de peças variadas de marchetaria e madeira, marfim, ébano, corno, madrepérola, tartaruga. Estes últimos em 1737 constituíam uma forte corporação em Paris, com cerca de sessenta e seis membros.

Os *tabletiers*, também concebiam caixas e tabuleiros para jogos, assim como caixas e cofres de utilização mais específica, quer para instrumentos de matemática, quer para utilização dos geómetros. Os fabricantes mais conceituados eram os que estavam sediados nas casas Roux ou Duperron, na antiga rue des Arcis, em Paris. Barthélémy Ollivier era outro artista de renome, fornecedor de caixas de jogos para o rei Luís XIV. Iniciou esta actividade a partir de 1680. Os seus sucessores fabricaram para Luís XV e XVI.<sup>189</sup>

---

<sup>186</sup>GIRARD, Sylvie, *Histoire des objets de cuisine et de gourmandise*, Barcelona, Collection Passions,, 1991, p.57.

<sup>187</sup>Lixa – “peixe do mar cartaliginoso e chato; tem a cauda grossa, e a pelle aspera a modo de lima; com ella se cobrem caixas, se fazem estojos, e engenhos de alizar ébanos, marfins etc... Lixa as vezes se toma pela pelle do dito peixe...” Bluteau, R., *Vocabulário Português e Latino*, 1716, tomo V, p.165.

<sup>188</sup>Galuchat (do nome *Galuchat*, inventor. ) Pele de esqualo ou de raia, utilizado para o revestimento de caixas, estojos, de bainhas para espadas ou sabres, etc. *Larousse du XIXème siècle*, Vol VIII, Administration du Grand Dictionnaire Universelle, Paris, 1872.

<sup>189</sup>MABILE, *Op. Cit.* p.20.

Peças fundamentais num salão, os estojos de costura tiveram um percurso de aprimoramento no fabrico, desde os primeiros exemplares conhecidos, do século XVII, de pequenas dimensões, aos dos séculos XVII e XIX.

Esses conjuntos proliferaram a partir do século XVIII. A costura, como passatempo de lazer das elites, era um ritual comum nas cortes de Catarina de Médicis (1519-1859) e de Maria Stuart (1542-1587), desde o século XVI. Geralmente eram usados pequenos estojos, como o exemplar que se encontra em Ecouen (França), no Musée National de la Renaissance, em cristal de rocha, com a dupla função de costura e de toilette. Também se encontram exemplares em prata, ouro, madreperla, marfim, ou revestidos a *lixa* e marroquim.

Era de “bom-tom” a dona da casa receber com as mãos ocupadas. Nos séculos XVII e XVIII, após as principais refeições as senhoras retiravam-se para as zonas que lhes eram exclusivas, onde se podiam isolar e receber as visitas mais íntimas. Os labores executados eram requintados e de qualidade de acordo com os materiais usados: renda, veludo, seda, *musselina*, fios de ouro ou prata, de lã ou seda, sendo geralmente destinados a revestimento de estofos ou à ornamentação de lenços, peças de vestuário, toucas ou bolsas.<sup>190</sup>

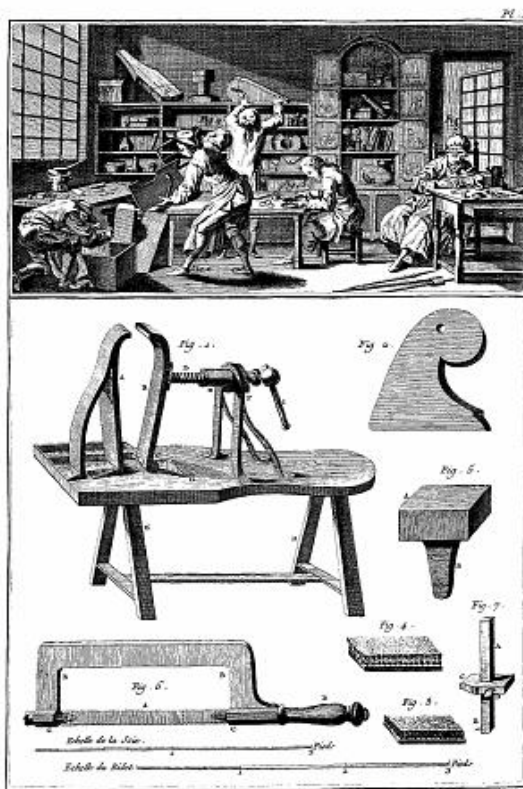


Fig. 50 – Gainier, estampa extraída da *Encyclopédie de Diderot et d'Alembert*.

<sup>190</sup>A.A.V.V. *Les Heures du jour, Dans l'intimité d'une famille de l'haute société, de Louis XIV à la III République*, p.59.

No século XIX e no início da era industrial, os jornais e revistas de labores e de bordados multiplicaram-se. Eram apresentados modelos sugestivos e propostas variadas. Os bordados acompanhavam as conversas ao serão. Em 1833, Madame Celnart afirmava que os pequenos trabalhos de costura asseguravam um porte gracioso e davam oportunidade para mostrar a elegância e bom gosto.<sup>191</sup> Por esse motivo, os pequenos estojos e posteriormente as mesas de costura, tornaram-se cada vez mais completos e belos. Nas *scéances de couture*, nos salões, organizavam-se verdadeiros debates, a par dos trabalhos de costura. Os estojos utilizados no Palais Royal, pela família real, eram o paradigma do bom gosto. As mesas de costura destacavam-se das peças de mobiliário em exposição. Peças de pequenas dimensões, eram de fácil manuseamento e deslocação.

Nos década de 80 do século XIX, por serem considerados já vulgar os trabalhos manuais, no salão, nos dias de recepção, este hábito caiu em desuso.<sup>192</sup>

Nos séculos XVIII e XIX, a função do estojo/*nécessaire* manteve-se igual. Serge Grangjean define-o como um cofre (...) de madeira rara, prático, que continha o máximo possível de utensílios, muito diversos, que se ajustavam num espaço mínimo com uma notável precisão.<sup>193</sup>

O século XIX foi o século das grandes viagens, das expedições, da aventura. Por esse motivo, os estojos/*nécessaires* tornaram-se cada vez mais, importantes nas mobilidades. Tão belos, como úteis foram os fiéis acompanhantes dos grandes viajantes. O seu fabrico não foi alheio às necessidades das campanhas Napoleónicas.

Dos exemplares fabricados durante o Primeiro Império (18 de Maio de 1804 - Abril de 1814), são de destacar os que foram fabricados durante a época da expansão Napoleónica, criados para o Imperador, em número de quatro, dos quais se destaca o *nécessaire* que o soberano teria utilizado durante a batalha de Austerlitz e que se

---

<sup>191</sup> ARIÈS, Philippe, DUBY, Georges, *História da Vida privada, Da Revolução à Grande Guerra*, Edições Afrontamento, 1990, p.207

<sup>192</sup> IDEM, p. 207.

<sup>193</sup> GRANGJEAN, Serge, *Orfèvrerie du XIXème siècle en Europe*, PUF, 1962 in SADOUX, *Op. Cit.*, p. 107.

conserva actualmente no museu Carnavalet, em Paris. Em época de campanha, a sociedade militarizada ofereceu uma clientela de gostos diversificados. Foram fabricados vários estojos/*nécessaires* para os generais e marechais de Bonaparte, pelos marceneiros Maire e Biennais.<sup>194</sup>

## **2.2. Alguns artistas – fabricantes do século XIX: executantes das necessidades diárias, do gosto e do luxo.**

Depois do período revolucionário política e economicamente conturbado, a nova sociedade parisiense tornou-se altamente consumidora. Artistas, casas fabricantes e comerciantes, concorriam na constante criação de novidades, a fim de produzir e vender artigos que satisfizessem as necessidades desses novos clientes. A elite decidia quais os novos estilos e o comércio de artigos de luxo reestruturou-se, de forma a melhorar os seus métodos de venda. Foi no século XIX que se deu a aparição das grandes oficinas, casas comerciais e dos respectivos catálogos de venda, de que a corte portuguesa foi igualmente consumidora.

Pierre Dominique Maire (1763-1827) começou o seu ofício na arte de estojeiro (*gainier*). Realizou a aprendizagem de um trabalho de grande importância para o revestimento do interior dos estojos e mais tarde, orientado por um tio, especializou-se no fabrico de estojos.

O seu estabelecimento estava sediado num edifício de quatro andares no nº 43 rue Saint-Honoré, onde vendia grande variedade de estojos, masculinos e femininos. Segundo o *Rapport du jury*, nº 581 da exposição Industrial de 1806, tinha fama de conceber os seus estojos/*nécessaires* “com inteligência”.<sup>195</sup>

Eram suas clientes, a rainha Hortense, bem como a Imperatriz Maria Luisa que lhe encomendava regularmente caixas de pintura. Chegou a empregar mais de quarenta

---

<sup>194</sup>DION-TENEBAUM, Anne, «Les nécessaires sous le Premier Empire» in *Indispensables Nécessaires*, Musée national des châteaux de Malmaison et de Bois-Préau, Réunion des Musées Nationaux, Octobre 2007-Janvier 2008, pp.27.

<sup>195</sup>Citado por DION-TENEBAUM, *Op. Cit*, p.28.

trabalhadores: esse grupo abrangia ofícios como vidreiros, marceneiros, *tabletiers*, ourives, especialistas em metais como aço, bronze e também douradores. Gozou de grande notoriedade e, em 1810, já fazia parte dos notáveis comerciantes chamados a eleger os juízes do tribunal do comércio. Retirou-se da sua actividade praticamente na mesma altura de outro artista de renome, Biennais e, em 1821, Jean Baptiste Casimire Aucoc (fornecedor da Casa Real Portuguesa) sucedeu-o e alugou a sua loja da rue Saint-Honoré.<sup>196</sup>

Mas foi sem dúvida Martin – Guillaume Biennais, normando nascido em 1764 numa família de origens humildes, o mais célebre fabricante de estojos */nécessaires* do seu tempo, nomeadamente no período do primeiro Império. Tal como Maire e Aucoc estabeleceu-se na rue Saint-Honoré, local onde expandiu progressivamente o seu negócio.

No início, os *nécessaires* não estavam incluídos nos artigos que fabricava, parece que até à morte da sua mulher, em 1798, se dedicava sobretudo a peças de *toilette*, de escrita ou de costura, objectos para guarnecer estojos, em materiais como tartaruga, corno, marfim, etc.

Nos anos que se seguiram à revolução de 1789, Biennais entregou-se definitivamente ao fabrico dos estojos. Em 1792, já produzia “nécessaires de toilettes pour hommes et pour femmes, coffres forts à argent et porte feuilles.”<sup>197</sup> O grande estojo que Biennais fabricou para o Imperador, entre os anos de 1798 e 1801, que se encontra no museu Carnavalet, em Paris contém cerca de uma centena de peças para a *toilette*, utensílios de cartografia e de refeição, em *vermeil*, do ourives Genu. Constant um *valet de chambre*, relatou que na duríssima campanha da Rússia aquele estojo era o único elemento de luxo no dia-a-dia de Bonaparte. As tropas albergavam-se em casas miseráveis onde era escolhida e arejada a divisão mais limpa, para alojar o soberano. Tentavam tornar esses espaços mais confortáveis: “on mettait un tapis par terre. On dressait le lit de l’empereur. On posait sur une mauvais table le nécessaire ouvert dans lequel était renfermé tout ce qui peut être agréable ou utile dans une chambre à coucher.

---

<sup>196</sup>DION-TENEBAUM, *Op.Cit.*, pp.30, 31, 32.

<sup>197</sup>Citado por DION-TENEBAUM, *Op. Cit.*, p.33.

Le nécessaire contenait un service de déjeuner pour plusieurs personnes.»<sup>198</sup> Este estojo acompanhou fielmente Napoleão durante o exílio, na ilha de Santa Helena.



Fig. 51 – *Nécessaire* de Napoleão Bonaparte e do Czar Alexandre I, Martin – Guillaume Biennais, Século XIX (1ª metade, Paris, França, Museu do Louvre, Paris).

Os estojos mais luxuosos foram os que a casa do Imperador adquiriu para a Imperatriz Maria Luísa em 1810 e 1812, respectivamente. O primeiro continha um serviço de mesa em *vermeil* e o segundo destacava-se pelo luxo e as suas peças em

---

<sup>198</sup>IDEM, p.34.

ouro, algumas esmaltadas e de decoração elaborada, sendo o estojo propriamente dito uma obra-prima de marcenaria. Nas suas pequenas gavetas, guardava segredos que eram explicados pelo próprio marceneiro num folheto anexo.<sup>199</sup>

Todos os membros da família Imperial possuíam um *nécessaire*. Para além do casal Napoleão e Maria Luísa, outras figuras como Jerónimo Bonaparte, a rainha Hortense, Stephanie de Bade, Amélia de Beauharnais (Imperatriz do Brasil, segunda mulher de D. Pedro IV de Portugal, I do Brasil), Paulina Boeghese, eram clientes de Biennais. Os magníficos *nécessaires* do artista foram admirados por todos.

Com modelos, formatos e utilidades diversos, eram fabricados com enorme rigor. Acondicionavam os conjuntos perfeitamente ajustados; tal era o perfeccionismo de Biennais que, por vezes, as peças eram imbricadas com engenho, em compartimentos concebidos a partir da sua forma exacta e finalmente acondicionadas com almofadas de seda, para a protecção de eventuais choques durante as viagens. Nas deslocações, as peças não vibravam, não sofriam qualquer dano. Geralmente as caixas eram protegidas por capas de couro.<sup>200</sup> A perfeição daqueles estojos devia-se a uma conjugação de esforços de artistas, ligados a ofícios variados como a cutelaria, a pequena ourivesaria e joalheria (*bijouterie*); e de outras áreas, como as que estavam relacionadas com o fabrico especializado de instrumentos para os estojos científicos, como tesouras, compassos, pinças, etc. Outros ourives de renome criaram oficinas de produção de peças especificamente para os estojos. Eram designados como ourives *garnisseurs*.

Biennais inscreveu punção, entre os anos de 1801 e 1802.

O número de comerciantes e de fabricantes de estojos, na época Império, ainda era bastante reduzido. Outros nomes de referência se destacaram, como Pierre-Benoît Lorillon, com loja no nº 239, rue Saint-Martin, Hébert, no Palais Royal, e ainda Lambertye, Monbro e Lemaire. Muitos deles estabelecidos na rue Saint-Martin, o bairro dos *tabletiers*.

---

<sup>199</sup>IDEM, p.41.

<sup>200</sup>IDEM, p.42.

Mas terá sido Aucoc, sucessor de Maire, o mais importante fabricante de estojos até ao ano de 1855.

Jean Baptiste Casimire Aucoc nasceu em Paris em 21 de Setembro de 1796. Filho de um comerciante de quinquilharias, alugou a partir de 1821, a loja de Maire – de quem tinha sido aprendiz e seu caixeiro-viajante – no número 154 da rue St. Honoré. De Abril de 1821 a Abril de 1825, associou-se ao fabricante de cutelaria Henry François



Fig.52 – *Nécessaire* Marie Amélie, Rainha dos Franceses, Jean Baptiste, Casimire Aucoc, Paris, 1839-1848, Colecção Émile Hermès, Paris.

Charles Gavet. No contrato da sociedade criada entre Aucoc e Gavet estava estabelecido que Gavet, tendo já comercializado *nécessaires* na sua loja de cutelaria da Rue St.Honoré 138, poderia dar continuidade a esse negócio, no mesmo estabelecimento, em nome da sociedade.<sup>201</sup>

---

<sup>201</sup> IDEM, p.53.

Obtiveram uma medalha de prata na exposição de produtos industriais de 1823.

Após ter terminado a sociedade com Gavet, Aucoc manteve o estabelecimento comercial, pagando para isso a quantia de 25000 francos.

No *Almanach du commerce*, a firma Aucoc destacava a venda de “nécessaires de toilette pour hommes et dames, pupitres de voyage, caves à liqueurs, bidets pour le voyage, trousse, porte feuilles en tout genre, corbeilles de mariage, boites à jeux, etc.”<sup>202</sup>

No ano de 1827, Aucoc obteve novamente uma medalha de prata. Por sua vez Gavet deu continuidade a um negócio de fabrico de estojos.

Durante o período da monarquia de Julho, conservou a sua clientela de luxo, nomeadamente Figuras Reais como o jovem duque de Orléans, para quem fabricou um estojo com conjunto de *toilette*, no ano de 1834, o Duque de Nemours, a quem entregou um estojo em ébano, com peças guilhocadas e o Duque de Monpesnier.

Num inventário elaborado no ano de 1849 (IIª República) após o falecimento da sua mulher, Victoire Gabrielle Delacour, tinha como clientes Marie-Amélie, ex-rainha dos franceses, o Duque de Nemours, a duquesa de Orléans e igualmente figuras próximas daquela família, ministros como Thiers e Pasquier e banqueiros, como Rotschild, Hottinguer ou Delessert.

Já na segunda metade do século XIX, a casa Aucoc foi também fornecedora da Casa Real Portuguesa, nomeadamente da rainha D. Maria Pia de Sabóia, que ali realizou várias encomendas. Parte delas integram hoje a colecção de ourivesaria do Palácio Nacional da Ajuda. É de sua autoria o estojo com conjunto de toucador, (Invº5255/A), que temos como objecto de estudo, o Serviço em prata, armoreada.

Aucoc foi premiado nas Exposições de 1839, 1844 e 1849, bem como nas

---

<sup>202</sup>IDEM, p.55.

Exposições Universais de 1851 (Londres) e 1855 (Paris). Alugou estabelecimento no nº 4 bis rue de la Paix a partir de 1 de Julho de 1835, e fixou residência num bairro elegante, não muito longe do joalheiro Mellerio. Associou-se a seu irmão Alexandre-Louis Just, fabricante de peças em malha, que já se tinha instalado em 4 rue de La Paix desde o ano de 1827. Em 1839, no *Courrier des Dames*, era lida-se que Aucoc fabricava “nécessaires étincelants de vermeil et d'écaïlle.”<sup>203</sup> Inscreveu punção desde 1839 1856, ano em que o registo da marca foi cancelado. Neste período, deu início ao fabrico de peças de ourivesaria, numa oficina na Rue d' Orléans-Saint-Honoré e seguidamente no nº 336 rue Saint-Honoré, num edifício que adquiriu em 1845.

A oferta da loja de Aucoc na rue de La Paix era diversificada. Vendiam-se para além de *nécessaires valises*, bolsas, caixas de costura, pequenos estojos para senhoras, homens e jovens, em *plaqué*, prata, *vermeil* ou ouro, caixas fabricadas em madeiras exóticas como ébano, jacarandá, pau – rosa, com embutidos Boulle ou ainda marfim , peças de ourivesaria, carteiras e caixas diversas.

Nas vésperas da revolução de 1848, a firma de Aucoc encontrava-se num período de ascensão. Facturava perto de 500 000 francos e empregava cerca de sessenta trabalhadores. No entanto, a partir desse ano a actividade da firma foi fortemente abalada, pois houve a necessidade de uma redução drástica de trabalhadores que ficaram reduzidos a dois. Aos poucos e com perseverança, a firma Aucoc conseguiu reconquistar a supremacia. Esteve presente na Exposição Universal de 1855 e foi considerada como o “sans contredit le premier fabricant d'orfèvrerie de nécessaire.”<sup>204</sup> Napoleão III visitou esta exposição, acompanhado pela rainha Vitória de Inglaterra, que se tornou apreciadora e cliente da arte de Aucoc.

Em 1856, Jean Baptiste Casimire Aucoc, foi sucedido por seu filho, Louis aîné Aucoc (nascido em 26 de Maio de 1829). Seu pai retirou-se para Passy, local onde residiu a partir de 1845. Luís obteve o título de fornecedor do Imperador de França bem como da Rainha de Inglaterra, (desta última até ao ano de 1887). Colaborou como jurado na Exposição Universal de 1867, onde expôs igualmente alguns artigos de

---

<sup>203</sup> Citado por DION-TENEBAUM, *Op.Cit.*, pp.55.

<sup>204</sup> IDEM, pp.56.

ourivesaria da sua casa.<sup>205</sup> Esta exposição foi visitada por D. Luís e D. Maria Pia de Sabóia.

Na época da Restauração (1815-1830) e da Monarquia de Julho (1830-1848), o



Fig. 53 – Escrivanhina com alçado (Inv<sup>o</sup> 51776) de inspiração oriental, Alphonse Gyroux, Paris, França, Século XIX (2<sup>a</sup> metade), Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

número de marceneiros especializados no fabrico dos estojos, tinha aumentado consideravelmente. Estes artistas agruparam-se nas ruas Montmorency, Chapon, Saint - Martin, ou no Palais Royal, zonas onde tradicionalmente se estabeleciam estes artesãos, desde há muito tempo.

Outro artista francês de renome, fornecedor da corte portuguesa, foi François-Simon-Alphonse Gyroux(1776-1848). No início da actividade, a sua loja encontrava-se no nº 7 rue du Coq Saint-Honoré em Paris. Gyroux começou por ser restaurador e comerciante de pintura. Com Claudine-Françoise-Zoé Collin, teve dois filhos: Alphonse Gustave e André. Durante o regime do Consulado, em 1799, abriu o estabelecimento que

perdurou até ao período do Segundo Império. Alguns anos após a abertura, começou a variar a sua oferta de artigos, através do fabrico de artigos de papelaria, jogos, pequenas peças de marcenaria/*tableterie* e *ebenisterie*, bem como desenhos quadros e gravuras. Os seus estojos desde logo se destacaram pela qualidade e grande beleza.<sup>206</sup>

A família habitava na parte superior da loja. Porém como o negócio prosperou

---

<sup>205</sup>LUCHET, Auguste, *L'Art Industriel a L'Exposition Universelle de 1867, Mobilier-Vêtement\_Aliments*, Paris, Librairie Internationale, 15, Boulevard Monmartre, 1868, pp.258, 259.

<sup>206</sup>LEDOUX-LEBARD, Denise, *Les Ebenistes parisiens du XIXe siècle (1795-1870). Leurs oeuvres et leurs marques*, Paris, Libririe Grund, 1951, p.204.

bastante, em 1821 François-Simon-Alphonse alugou um pavilhão com jardim e dependências, numa rua muito perto da sua primeira residência, a Rue de Chartres.<sup>207</sup>

No jornal *Petit Courier des dames* de 15 de Dezembro de 1836, realçava-se a variedade e qualidade dos artigos da casa Giroux: «Des corbeilles, des boîtes à ouvrages, des nécessaires avec garnitures de vermeil, des coffrets gothiques, des boîtes à gants. À ceinture, à cachemires, doublées de moire, de velours ou de sachets parfumés...»<sup>208</sup>

Por decisão do pai a partir de 1838, o filho mais velho de François-Simon, Alphonse-Gustave (1809-1886), continuou o negócio familiar como sócio – gerente responsável, e alterou o nome da firma para *Giroux & Cie*. André, nascido em 1801, dedicou-se à pintura e expôs obras suas em Salões, a partir de 1819, onde obteve um prémio, em Roma, no ano de 1825. André tornou-se sócio comanditário de seu irmão, ou seja, participava com financiamento mas não tinha qualquer responsabilidade adicional pela casa comercial. No entanto, prestava serviços como conselheiro artístico.<sup>209</sup>

Com o intuito de continuar a promover e a divulgar os seus artigos, os irmãos participaram nas *Exposition des produits de l'industrie française*. Obtiveram uma medalha de prata na exposição de 1834, outro prémio em 1839, com a apresentação de *corbeilles* para noivos e para baptizados, caixas em madeira com embutidos, estantes, pequenas peças de mobiliário, estojos de viagem, escritórios, bem como pequenos móveis e pequenas mesas de toucador, na Exposição Universal de 1855. Nestas duas últimas mostras obtiveram como prémio, uma medalha de 2ª classe.<sup>210</sup>

Já na época do Segundo Império, Giroux era fornecedor da corte francesa, nomeadamente do Imperador Napoleão III e de sua mulher, Eugénia de Montijo, que lhe adquiriram diversas peças de mobiliário. No palácio de Compiègne encontra-se uma pequena secretária, em madeira de tília entalhada, pintada por Émile Labbé, que a

---

<sup>207</sup>IDEM, p.204.

<sup>208</sup>Citado por DION-TENEBAUM, *Op. Cit.*, p.61.

<sup>209</sup>LEDoux-LEBARD, *Op. Cit.*, 1951, p.204

<sup>210</sup>DION-TENEBAUM, *Op. Cit.*, p.58.

Imperatriz adquiriu na Exposição Universal de 1855 por 5.500 francos.<sup>211</sup>

Em 1857, o negócio foi transferido para o nº 13 do Boulevard des Capucines, onde permaneceu até ao ano de 1867, ano em , em 1874 foi sua mulher Rosalie quem continuou o negócio, dirigindo a firma.<sup>212</sup>

O estojo/escritório de viagem do rei D. Pedro IV de Portugal pertencente ao acervo do Palácio Nacional da Ajuda (Invº51084/C), foi fabricado por Alfonse Gustave, entre 1832 e 1834. Para além deste estojo – escritório, também é de sua autoria, uma escrivadinha com alçado de inspiração oriental (Invº 51176), hoje exposta na sala dos Últimos Quartos do rei, no andar nobre.<sup>213</sup> Existem outras peças da Casa Gyroux em colecções particulares.

Outros fabricantes se destacaram na segunda metade do século XIX: a casa Louis Vuitton, de Paris, fundada em 1854, ainda em funcionamento, que se especializou no fabrico de malas de viagem e a casa Paul Sormani. Ambos os estabelecimentos foram fornecedores das cortes europeias incluindo a portuguesa. A Rainha D. Maria Pia era também frequentadora daqueles estabelecimentos quando se encontrava em Paris.

Paul Sormani (1817-1877), italiano, natural de Canzo, na região de Veneza (província de Como, na Lombardia), casou em 1847 com Ursule Marie-Philippine Bouvaist, uma rapariga de origem francesa. No ano do seu consórcio, o casal radicou-se em Paris, cidade onde Paul Sormani veio a desenvolver a sua actividade. No início esteve sediado no número 7 *cemitière Saint Nicolas*, onde o negócio prosperou rapidamente. Por esse motivo Sormani transitou, em 1854, para o número 114 *da rue du Temple* e, em 1867 para o número 10 *rue Charlot*, local onde permaneceu até à sua

---

<sup>211</sup>LEDOUX-LEBARD, *Op. Cit.*, p.205.

<sup>212</sup>A Napoleon III Ormolu-Mounted Ivory and Fruitwood Marquetry Four-Piece Desk Set. The Marquetry by Fernand Duvinage, Paris, Retailed By Alphonse-Gustave Giroux, Third Quarter 19<sup>th</sup> Century, Lote63, Sale 7614, [http://www.christies.com/LotFinder/lot\\_details.aspx?intObjectID=5115152](http://www.christies.com/LotFinder/lot_details.aspx?intObjectID=5115152), acessado em 20 de Abril de 2010.

<sup>213</sup>Sobre esta peça de mobiliário Vd. ANDRADE, Maria do Carmo, O Mobiliário de Napoleão III nas Colecções do Palácio Nacional da Ajuda, in Separata de Mobiliário Português, Actas do 1º Colóquio de Artes Decorativas, Lisboa, 27 e 28 de Setembro de 2007, Museu de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo, Escola Superior de Artes Decorativas, Lisboa, Fundação Ricardo Espírito Santo, 2008.

Os nossos agradecimentos à Dra. Maria do Carmo Rebello de Andrade pela prestação de informações sobre a peça em questão.

morte. Depois de 1877, a sua mulher e o filho Paul-Charles Sormani mantiveram e continuaram o negócio aberto na *rue Charlot*, sob o nome *Veuve Sormani Paul & Fils*. No ano de 1914, a casa Sormani associou-se à casa *Thiebault frères*. Estabeleceram-se no nº 134 do Boulevard Haussman, onde permaneceram até 1934.<sup>214</sup>

De início especializado no fabrico de *nécessaires*, estojos e malas de viagem, artigos que sempre comercializou até ao fim, deu início a partir de 1867 ao fabrico de peças de mobiliário de luxo, sobretudo de pequenas dimensões, como cópias de peças setecentistas, *Pompadour*.

Tornou-se num dos artistas mais qualificados no fabrico de cópias de mobiliário de luxo, de primeira qualidade, em estilos Luís XV e XVI.<sup>215</sup> Em meados do século XIX, de acordo com um registo de patente, o artista tinha expandido o negócio para a cidade de Londres, onde abriu um estabelecimento.<sup>216</sup>

O artista participou em Exposições Industriais e Universais, onde foi sobejamente reconhecido. Na Exposição Industrial de Paris em 1848, obteve a medalha de bronze; posteriormente na Exposição Universal de 1855, na mesma cidade, foi premiado com a medalha de prata de Primeira classe; em Londres no ano de 1862, obteve uma medalha de segundo lugar; e em 1867, novamente em Paris, onde apresentou pequenos móveis de luxo, foi galardoado com a medalha de prata.<sup>217</sup> Neste certame o expositor Sormani poderá ter sido visitado pelos reis de Portugal, D. Luís e D. Maria Pia, que ali se encontravam.

Sormani morreu no ano de 1877, mas a sua casa foi premiada de novo, na Exposição Universal de Paris em 1878, desta feita com medalha de Ouro e em 1889, também na cidade Luz, obteve o *Grand Prix*. (Docs.7, 7ª e 7b, pp. 175, 176, Anexo I.)

---

<sup>214</sup>LEDOUX-LEBARD, Denise, *Le Mobilier Français du XIXe, 1795-1889, Dictionnaire des Ébénistes et des Menuisiers*, Les Éditions de l'Amateur, Paris, 1984, pp.583-589.

<sup>215</sup>IDEM.

<sup>216</sup>ANDRADE, Rebelo de, Maria do Carmo, *Paul Sormani e o estilo Luís XV. Os móveis preferidos da Rainha D. Maria Pia*, in Separata Revista de Artes Decorativas, Universidade Católica do Porto, Porto, Escola das Artes, nº 3, 2009, p.198

<sup>217</sup>IDEM, p. 198.

Foi principalmente a partir do ano de 67 que se deu início a um período pujante da casa Paul Sormani, que perdurou durante toda a 3ª República (1870-1940). A maior parte das peças que fazem parte do acervo do Palácio Nacional da Ajuda foram adquiridas a partir do ano da transferência do estabelecimento para a Rue Charlot,<sup>218</sup> onde Sormani recebeu decerto as visitas da rainha de Portugal.<sup>219</sup> Naquele endereço, o artista chegou a empregar 150 funcionários, que se distribuía uma variedade abrangente de ofícios como: *ébenistes*, *menuisiers*, *bronziers*, que produziam as peças de mobiliário, bem como os *tabletiers* e *gainiers*, artistas que fabricavam os estojos e parte do seu recheio. Sormani contou igualmente com a colaboração de vidreiros e ourives *garnisseurs de nécessaires* especializados no fabrico de peças de toucador, de luxo. Era o caso de Joseph Aimé. O ourives trabalhava no seu estabelecimento no nº 14 e posteriormente no 12 da rue Pont-aux-Choux. Fabricou as peças em prata dourada do serviço de toucador da rainha D. Maria Pia para o estojo em madeira de jacarandá (Invº42480/A) que temos em estudo.<sup>220</sup>

O Palácio Nacional da Ajuda possui várias peças de mobiliário daquele estabelecimento e na colecção de ourivesaria, vários estojos com serviços de *toilette* e um malão de viagem. Estão em estudo no presente trabalho, para além do já referido estojo com serviço de toucador em prata dourada, um estojo com serviço de toucador em tartaruga (Invº 42122) e um malão de viagem (Invº 45119/C).

Na Europa novecentista, nomeadamente em Viena de Áustria, outros nomes se destacaram no fabrico estojos de viagem, caso dos ourives Stephan Mayerhofer e Karl Klinkosch.

Stephan Mayerhofer nasceu em Székesfehérvár, na Hungria, em 1772 e morreu a 14 de Janeiro de 1852, em Viena-Leopoldstadt.

Em 1797 fundou uma fábrica de peças em ferro prateado, em Viena-

---

<sup>218</sup> ANDRADE, *Op. Cit*, p.199

<sup>219</sup> Note-se que Paul Sormani era de origem italiana, factor que decerto terá atraído D. Maria Pia de Sabóia, com a mesma nacionalidade.

<sup>220</sup> Joseph Aimé também produziu peças para a casa Boudet, em Paris. O Palácio Nacional da Ajuda possui um malão de de viagem Boudet, adquirido pela rainha D. Maria Pia naquela cidade, com peças fabricadas pelo artista.

Leopoldstadt. Em Maio de 1805, foi laureado com um prémio nacional e em 1816, distinguido com o título de *k.k.Hof Plattierer*, ou seja *Prateiro da corte Real e Imperial*. Naquela época fabricava arreios e peças para carruagens para a corte Imperial. Em 1822 abriu uma loja em Viena. Entre 1822 e 1823 recebeu várias patentes, uma das quais, pela produção de “artigos de prata de qualquer género e forma, mais facilmente, mais rapidamente e mais uniformemente, em maquinaria.”<sup>221</sup>

Em Outubro de 1825 foi recompensado com o direito à comercialização dos seus artigos, como ourives credenciado. Começou a trabalhar com o fabricante de peças de ourivesaria civil, Karl Klinkosch, pai de Joseph Karl Klinkosch, no ano de 1830; em 1836 renomearam a firma para *Mayerhofer & Comp* e, em 1837, para *Mayerhofer & Klinkosch*. Stephan Mayerhofer (pai), tornou-se cidadão honorário da sua cidade, Székesfehérvár, em 1839. Em 1844 delegou a condução do negócio a seu filho adoptivo Stephan Mayerhofer (1819-1889).<sup>222</sup>

Em 1830, o ourives Carl Klinkosh pai trabalhava na *k.k.Privilegierte Silber-und-Englisch-Plattierwaren-Fabrik de Stephan Meyerhoffer, Sr.* e tornando-se responsável pelo estabelecimento, no ano de 1836. Nesta altura a empresa tinha como designação *Mayerhofer & Comp*. A partir de 1837, o nome da firma foi alterado, para *Mayerhofer & Klinkosh*. Nesse ano, um número importante de artistas, incluindo os daquela firma, recebeu o título de *Ourives da Corte Real e Imperial de Francisco I e Fernando*. Nesse período a empresa contava com cerca de 200 funcionários e produziu várias peças de ourivesaria, prata dourada e casquinha.

A firma *Mayerhofer & Klinkosh* deu a conhecer os seus artigos na *Allgemeine österreichhische Gewerbsprodukten-Ausstellungen* (Exposição Geral Austríaca de Artes Decorativas), em 1835 e 1839. Nessas mostras foi premiada com as medalhas de ouro e prata, pelas suas peças de peças de prata e casquinha, de grande beleza e qualidade. Em 1844, Stephan Meyerhopher Sr. deixou o seu ofício, sucedendo-lhe seu filho (que tinha o mesmo nome). Igualmente em 1847, Carl Klinkosch legou o seu cargo ao seu filho Josef Karl. Em 1869, Stephan Mayerhofer. Jr vendeu a sua parte do negócio a Joseph

---

<sup>221</sup>“Silver goods of every kind and shape more easily, more quickly, and more uniformly by machine”.

<sup>222</sup> AA.VV., *Viennese Silver Modern Design, 1780-1918*, Exposição, Kunsthistorisches Museum Wien, 2003-2004, Neue Galerie, New York, Museum for Germany and Austrian Art , 2004-2005, p.389

Carl Klinkosh.<sup>223</sup>

Joseph Karl Klinkosch nasceu em Viena, em 28 de Fevereiro de 1822. Era filho de Carl Klinkosch e de Katharina Kempenich. Foi aprendiz na oficina de seu pai de 1835 a 1839. Em 1843, tornou-se responsável pela firma familiar e registou a sua marca no ano seguinte, a 25 de Janeiro de 1844. A partir de 1855, tornou-se ourives fornecedor da corte vienense. De 1864 a 1870, Joseph Karl Klinkosch foi parceiro de Stefan Mayerhofer. Nesse período produziram artigos originais, criando um estilo próprio, designado *Mayerhofer & Klinkosch*. Esta firma esteve presente na Exposição Universal de Viena em 1873 e em Paris em 1878.

Após a dissolução da sociedade, Karl encabeçou a gestão da *J.C. Klinkosch*. Depois de se retirar em 1884, os seus filhos Arthur (1884-1899) e Isidore (1884-1914), continuaram a gerir o negócio.

A firma de Stephan Mayerhofer e Carl Klinkosh, fundada em 1830, tornou-se o mais proeminente estabelecimento fabricante de artigos de ourivesaria e prataria, sobretudo em finais do século XIX e princípios do século XX. A loja estava sediada na esquina de Kolmarkt, em Viena, e a fábrica nos subúrbios daquela cidade. A empresa foi comprada em 1918, por Arthur Krupp, e logo após ocorreu a sua fusão com a firma *Berndorfer Metallwarenfabrik*.

A firma *Mayerhofer & Klinkosch* foi fabricante do estojo com serviço de *toilette* da Rainha Adelaide da Sardenha (mãe da Rainha D. Maria Pia de Sabóia) (Invº 45011/B), que temos em estudo.

Existem peças deste estabelecimento, no Kunsthistorisches Museum e nos palácios austríacos de Schönbrunn, e Hofburg.

---

<sup>223</sup>AA.VV., *Viennese Silver Modern Design, 1780-1918.*, p. 389.

## **2.2. As Grandes Exposições: Exposições Anuais, Industriais e Universais: O conceito de arte aplicada à Indústria.**

Segundo os historiadores, após a supressão das corporações a partir do mês de Setembro de 1798, a nação francesa impulsionou a realização de grandes exposições, com o intuito de dar a conhecer a sua melhor produção, no campo dos ofícios das artes e dos produtos de indústria. No Champs de Mars, sob a iniciativa do Ministro do Interior, François de Neufchâteau, foi inaugurada a primeira Exposição Industrial. Esta primeira mostra contou com 110 expositores e o sucesso foi considerável.

Nesta época, a Grã-Bretanha era já a grande concorrente da nação Gálica. Estava igualmente subjacente, a ideia de criar uma exposição que comemorasse o sexto aniversário da República. Esta iniciativa permitiu abrir pela primeira vez aos produtos de indústria, as manifestações reservadas desde há cerca de um século e meio, às produções de arte.

No Champ-de-Mars, o pintor David concebeu um pórtico, decorado simbolicamente, que se destinava a elevar as “conquistas da indústria ao nível dos troféus heróicos.”<sup>224</sup> Biennais, foi um dos primeiros ourives a participar nas “festas da indústria”, onde apresentou peças que se destacavam pela sua beleza.

Seguiram-se regularmente outras mostras, em 1801, 1802 e 1806, anos em que se observou um aumento evidente de expositores. O Imperador Napoleão Bonaparte, a propósito destas actividades de afirmação das artes e da indústria, declarou: “O momento de prosperidade chegou, quem ousa fixar limites?”<sup>225</sup>

Na Exposição de 1806, existiam já 1422 expositores. O Imperador apelava à participação de todos os fabricantes e artistas franceses.

O sumário do catálogo iniciava-se com uma longa lista, onde constavam as indústrias têxteis, de papel, de telas e papéis pintados, de couros, peles, ferro e aço, etc.

---

<sup>224</sup> Citado por BRUNNHAMMER, Yvonne, *Le Beau dans l'Utile, un musée pour les arts décoratifs*, Découvertes Gallimard, Union Des Arts Décoratifs, Mémoire des Lieux, Evreux, 1992, p.13.

<sup>225</sup> Citado por CHEVALIER, *Op. Cit.*, p.64.

Seguindo a ordem dos capítulos, podiam-se encontrar mostras de *quincaillerie* (objectos em metal, folha ou latão), de armas, de mecânica, a representação de ofícios e maquinaria de grande utilidade para a indústria têxtil e por fim, *stands* de máquinas de precisão, onde o grande relojoeiro Breguet ganhou uma medalha de ouro. Também se mostravam aparelhos de combustão, candeeiros a óleo e uma secção dedicada às artes e produtos químicos. Finalmente na secção de vidros: a Cristal du Creusot, manufactura patrocinada pela Imperatriz Josefina, obteve uma medalha de ouro; e outras fábricas como Saint-Louis, Rosmenil. Em seguida, na cerâmica, as fábricas: Dilh et Gérard, Nast, Dagoty e Desprès, que após a abolição do privilégio de Sèvres foram instaladas na cidade de Paris. Na área da ourivesaria, estavam representados os artistas de melhor qualidade: Auguste, Odier e Biennais. Também o bronzista Thomire (o Palácio Nacional da Ajuda possui uma baixela fabricada pelo artista) participou pela primeira vez e ganhou uma medalha de ouro. Os *ébenistes* e *tabletiers* eram ainda pouco numerosos, o que não é de estranhar, pois esta exposição dava especial destaque às indústrias em expansão, em prol das artes e ofícios tradicionais.<sup>226</sup>

A última Exposição Industrial realizou-se no ano de 1849.

A primeira metade do século XIX foi balizada por estas mostras que, sob regimes sucessivos, acabavam por constituir um balanço do estado da indústria francesa e a concorrência estrangeira era severa. As indústrias de Arte eram também tributárias de novas tecnologias. S. Flachet, em 1834, afirmou: « L'art en ce moment s'épargne: l'industrie le soumet à ses besoins, en attendant qu'elle reconnaisse ses lois.»<sup>227</sup>

Gerou-se um verdadeiro debate sobre « Arte e Indústria » e o contexto político de crença no crescimento e no progresso gerou a criação da Sociedade de Arte Industrial (Société de l'art industriel), promotora de vários debates sobre o tema. Os princípios enunciados nos estatutos da Sociedade relevavam a importância do favorecimento de uma expansão da arte em associação à indústria, para facilitar o incremento desta ideia e do seu progresso apoiar todas as conquistas desse movimento, de reunir todos os elementos de sucesso, e, por fim, de incrementar a formação de uma biblioteca e um de

---

<sup>226</sup>AAVV, *L'Art de Vivre, Deux Cents Ans de Création en France 1789-1989*, Flammarion, Tolède, 1989, pp.51, 52,53.

<sup>227</sup> Citado por BRUNNHAMMER, *Op.Cit.*, p.15.

museu, onde seriam reunidos todos os tipos representativos de arte industrial, de todas as épocas e de todos os povos.

A concorrência entre França e Inglaterra foi-se afirmando progressivamente. Jules Klagman, escultor – estatuário e ornamentista, em 1850, propôs uma exposição de belas-artes associadas à indústria, no momento em que se começava a preparar a grande Exposição Universal de Londres, inaugurada em 1851. Tal foi o sucesso daquela mostra que outras se sucederam. O propósito da comissão organizadora era muito claro: apelava-se aos artistas franceses que se demarcassem da natural repugnância de sempre, em “dar a mão” às Artes de utilidades. Foram enviadas duas cartas ao imperador Napoleão III pedindo o aval para a realização da segunda exposição de artes industriais, conjuntamente com a exposição de Belas-Artes, em 1863.<sup>228</sup> Esta exposição foi decisiva. Promovida no Palácio da Indústria, mudou o seu nome; agora falava-se das “Belas – Artes aplicadas à indústria” e o sucesso foi retumbante. Duzentos mil visitantes apresentaram-se na mostra durante os oitenta dias de abertura. O esquema de exposições futuras, que associavam arte moderna, arte antiga, concursos e trabalhos de escolas de desenho, foi desde logo posto em prática de uma forma sólida. A partir dessa estrutura estável, capaz de aplicar o programa completo, os organizadores baseavam-se em duas ideias fundamentais já enunciadas em 1852: um princípio doutrinal, a unidade da arte e um princípio de acção, a iniciativa privada.<sup>229</sup>

O ensino do desenho, principalmente a partir da Exposição de 1851, tornou-se uma prioridade para uma renovação da arte industrial. Foram criados cursos públicos e privados de composição decorativa, orientados por artistas de renome.

Na Exposição Universal de 1851, a Inglaterra, nação partidária da livre troca, tomou a iniciativa de abrir a mostra a produtos oriundos do mundo inteiro. E assim começou uma outra história, mais rica, mais combativa.

Estimular a espontaneidade e o gosto dos artistas para a conjugação da beleza e da utilidade, era o objectivo. Esse conceito foi patrocinado pelo imperador que

---

<sup>228</sup> BRUNNHAMMER, *Op. Cit.*, pp.17 e 18.

<sup>229</sup> IDEM, pp.18 e 19.

incentivou todos os industriais franceses a participarem na exposição de Londres de 1862. No ano de 1864, em França, foi criada a União central das Belas – Artes aplicadas à indústria.

A terceira Exposição Universal, em Londres, no ano de 1863, à imagem das precedentes, era um “imenso bazar platónico”<sup>230</sup>, ou seja, uma mostra de objectos que não estavam à venda; foi de certa forma, o antecedente dos grandes armazéns de cidades como Nova York, Paris e Londres.

O ministro da Instrução pública, Victor Duruy, foi, desde o ano de 1864, um apoiante incondicional da formação e educação de novos artistas. Nesse sentido, formulou um novo sistema de ensino. Fundado sobre o conceito de educação simultânea do espírito e da mão do artista, o Colégio das Belas-Artes aplicadas à indústria virou as costas ao ensino profissional clássico. Não eram permitidas as cópias de modelos, mas um contacto diário com artistas residentes e com o processo de fabrico industrial. Foi desta forma que a União central deu início igualmente, a partir de 1865, a uma série de cursos e palestras, onde participaram várias figuras proeminentes.

A Exposição de Paris de 1867 oferecia a imagem de uma verdadeira cidade. Para além de um serviço postal e de um serviço telegráfico, o público podia usufruir de salas de repouso, e de *toilette*, entre outros serviços. Um parque era já iluminado com luz eléctrica. Foi montado um museu retrospectivo na Galerie d’Histoire du travail, onde estavam expostos objectos de séculos passados produtos, resultantes já da indústria moderna.

---

<sup>230</sup>BRUNNHAMMER, *Op. Cit*, pp.17.

Sobre a Exposição de 1867, na obra “L'Art Industriel a l'Exposition Universelle de 1867, Auguste Luchet ao elencar de todos os pavilhões. Enunciava os artistas e casas comerciais presentes bem as respectivas proveniências. Os fabricantes de peças de *toilette*, de estojos e sacos de viagem, entre outros artigos pertenciam à classe 26.



Fig. 54 – Livret – Chaix, Guide du visiteur a l'Exposition Universelle de 1878. Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris.

Mostravam-se novidades, como o caso dos fabricantes *Martell* terão descoberto uma solução milagrosa para substituição dos velhos pentes de marfim, muito finos, que por terem as pontas aguçadas, picavam a cabeça e quebravam os cabelos: “ont trouvé moyen toute à la fois d'abatre les vives arêtes de la dent, en adoucissant à l'intérieur,

puis d'arrondir les pointes en goutte d'eau de façon a les rendre glissantes.”<sup>231</sup> Outro fabricante, *M. Alexandre Fontaine*, apresentava pentes de “toilette en corne, buffle, irlande, blond sans tache, etc.” Luchet também realçava a invenção de um pente articulado que se podia acondicionar no bolso, ideal para viajantes como vendedores e oficiais.<sup>232</sup>

Na *classe 26*, o visitante podia ainda encontrar a secção de *marroquinerie*, dividida em duas áreas, a pequena e a grande:” (...)la grande, comprenant les nécessaires, les trousse, les sacs de voyage, les portefeuilles; la petite, encore plus répandue sous forme de porte-monnaie, porte-cigarres, etc.”<sup>233</sup> O autor relata que neste pavilhão, se destacavam os fabricantes da cidade de Paris, pela quantidade, qualidade e variedade dos seus artigos. Seguiam-se Alemães, como a casa *M. Crestmacher* ou os irmãos *Scherf* e outros Ingleses, que também apresentavam propostas muito interessantes.

Na senda da concorrência entre a produção das duas grandes potências - França e Inglaterra -, os estojos de viagem da casa Leuchars, fabricados em Londres, eram os que mais se destacavam, a par dos de Aucoc. Surgiram igualmente estojos com funções mais específicas, como os de costura, de farmácia e de pintura, etc.<sup>234</sup>

Em 1878, na Exposição Universal de Paris, em que o Japão e o japonismo se apresentaram em força, até o stand da Casa Chistofle mostrou peças de gosto nipónico.

Em todas as Exposições Universais que abordavam as actividades humanas, as indústrias de arte tinham um lugar privilegiado. A aristocracia e a burguesia europeias, incluindo a portuguesa mostravam todo o interesse pelas industrias de luxo, das quais se tornaram consumidoras. Os ourives e *tabletiers* tinham sempre lugar de especial destaque.

Nesta época, o espírito industrial da França distinguia-se, a par de outras

---

<sup>231</sup>LUCHET, Auguste, *L'Art Industriel a L'Exposition Universelle de 1867, Mobilier-Vêtement-Aliments*, Paris, Librairie Internationale, 15, Boulevard Monmartre, 1868, pp.258, 259

<sup>232</sup>IDEM, p. 258

<sup>233</sup>IDEM, p. 258

<sup>234</sup>DION-TENEBAUM, *Op.Cit.* p.61.

potências, por um desenvolvimento das artes sem precedentes e pela necessidade da promoção da “utilidade associada ao luxo”, em todas as áreas.

#### **2.4. Os visitantes/ viajantes Reais**

O turismo ou as viagens como ocupação dos tempos livres e de puro lazer ou as deslocações para educação foram uma criação europeia, já com antecedentes no século XVIII. Desde esse período, era um complemento importante da educação dos jovens aristocratas britânicos, a realização do famoso *Grand Tour*. No século seguinte, deu-se a descoberta das termas como locais de veraneio e de terapia, para cura de várias doenças, bem como os passeios nas montanhas e os banhos de mar.<sup>235</sup>

Uma nova forma de viajar foi iniciada, no caso da corte portuguesa, com as primeiras viagens de estudo dos príncipes D. Pedro e D. Luís pela Europa, promovidas pelo seu pai. O Rei D. Fernando assumiu neste período a regência, devido à menoridade do Príncipe Real, logo após a morte de D. Maria II, sua mãe, no ano de 1853.

Essas deslocações efectuaram-se nos anos de 1854 e 1855. Desta forma, obtinham um tipo de instrução só possível se viajassem. Tratava-se de um processo em que “o desempenho de um ritual aristocrata” se reinventava a si próprio, “incorporando vários elementos (...) parte do fenómeno oitocentista do turismo.”<sup>236</sup> Ambos os príncipes visitaram as exposições Universais de Londres (1854) e Paris (1855).

Ao contrário da maioria dos viajantes, as viagens das Figuras Reais, tinham duas componentes: a pública e a privada, que frequentemente eram difíceis de separar. Os factores políticos e diplomáticos estavam quase sempre presentes ao longo dos percursos, previamente estabelecidos, com visitas e estadias programadas nas outras cortes europeias.

---

<sup>235</sup> LOUSADA, Maria Alexandre, *Viajantes e Turistas, Portugal 1850-1926*, in «Viajar, Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da Primeira República», catálogo da exposição, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, Julho 2010, p. 66.

<sup>236</sup> VICENTE, Filipa Lowndes, *Viagens e Exposições, D. Pedro V na Europa do Século XIX*, Lisboa, Gótica, 2003, p. 37.

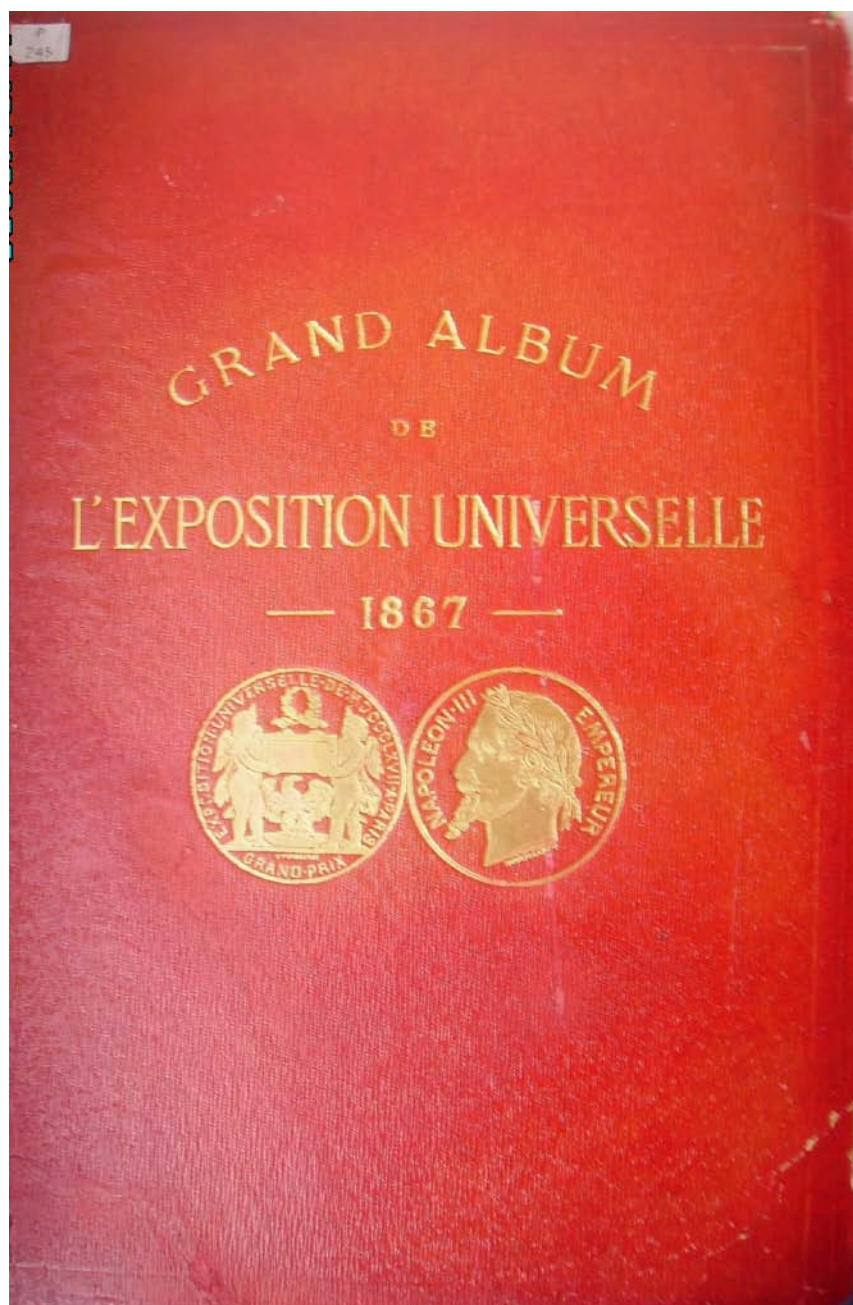


Fig.55 – *Grand Album de L'Exposition Universelle, 1867.*

Bibliothèque des Arts Décoratifs, Paris.

Os Reis de Portugal foram, entre outros soberanos europeus, convidados de honra de Napoleão III, nas cerimónias de abertura da Exposição Universal de Paris de 1867, conforme é referido nesta obra.

Mais tarde, no reinado de D. Luís, algumas deslocações chegaram a ser polémicas e até suscitaram críticas por parte dos periódicos nacionais e de certos sectores da classe política portuguesa. Foi o caso da grande viagem que a Rainha D. Maria Pia e o Rei D. Luís realizaram no ano de 1888. Naquela época, já se patenteavam na opinião pública, acusações quanto aos gastos excessivos da soberana nas suas deslocações e quanto à inoportunidade das mesmas.



Fig.56 - *Grand Album de L'Exposition Universelle*, 1867.

Bibliothèque des Arts Décoratifs, Paris.

Exposição Universal de Paris de 1867. Cerimônia de abertura presidida pelos Imperadores de França e convidados estrangeiros, com a presença dos reis de Portugal

Durante a sua permanência em Portugal, a rainha D. Maria Pia realizou 13 viagens pela Europa, tendo sido acompanhada em algumas por D. Luís. Geralmente tomava o título de Duquesa de Guimarães e era emitido um passaporte em nome da Rainha de Portugal e da comitiva, onde se requeria a colaboração das autoridades civis e militares dos países visitados, sempre que fosse necessário.<sup>237</sup> (Doc. 8, p. 177, Anexo I)

Realizou seis viagens ainda em vida do seu marido, nos anos de 1865, 1867, 1868, 1869, 1878, 1883. As restantes sete, já depois de enviuvar, ocorreram nos anos de 1893, 1896/97, 1900, 1901, 1902, 1910. A última, em 1910, foi a derradeira, a saída definitiva de Portugal, a partida para o exílio.<sup>238</sup>

<sup>237</sup>PNA, 7.2.1. (3), Passaporte passado em nome da Rainha D. Maria Pia e Comitiva, Lisboa, 2.5.1867.

<sup>238</sup> Os dados cronológicos e os percursos das viagens de D. Maria Pia foram facultados pela Dra. M. do

No conjunto de todas as deslocações, entre as cidades mais visitadas, Paris era sem dúvida a eleita. Compreensivelmente, a rainha incluiu quase sempre nos circuitos de viagem, o seu país de origem, Itália, onde visitou cidades como Turim, Roma, Veneza, Florença, Monza e Nápoles. Outras nações europeias acolheram os soberanos portugueses, como Inglaterra, Bélgica, Áustria e Alemanha.

Algumas destas deslocações coincidiram com a realização das Exposições Universais, em cidades que visitaram. D. Maria Pia e D. Luís participaram conjuntamente na Exposição Universal de Paris, em 1867, e provavelmente também na Exposição Universal de Barcelona, em 1888. A rainha poderá ainda ter conhecido a exposição realizada em Paris no ano de 1900.

Em 1867 os Reis de Portugal participaram formalmente nas sumptuosas festas de inauguração da Exposição Universal de Paris, nas Tulherias, a convite do Imperador Napoleão III. Para além dos actos de inauguração, estiveram presentes no grande baile oferecido pelo soberano francês aos chefes de estado estrangeiros.

Em Barcelona, no ano de 1888 por ocasião da viagem que realizaram pela Europa, D. Luís, presumivelmente acompanhado pela rainha, visitou a exposição que ocorria na cidade condal. Nesta deslocação, a última em vida de D. Luís, os esposos reais realizaram em parte percursos diferentes. Com a doença bastante avançada e visivelmente debilitado, D. Luís morreria no ano seguinte. Por ocasião dessa visita a imprensa espanhola noticiou a presença do rei de Portugal na mostra, publicando biografias do soberano e da sua actividade relacionada com as Artes. D. Luís recebeu de Guillermo Servas uma carta de agradecimento pela sua comparência.<sup>239</sup>

---

Rosário Jardim, investigadora do Palácio Nacional da Ajuda, a quem agradecemos toda a colaboração.

<sup>239</sup>PNA, 7.2.1. (3), Carta de Guillermo Servas a D. Luís, Barcelona, 20.02.1888, Visita de D. Luís à Exposição Universal.



Fig. 56 – Bilhete de redução de preços, da Exposição Universal de Paris de 1900. Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda

No ano de 1900, um acontecimento trágico obrigou a rainha a sair de Portugal: o assassinio de seu irmão, o rei Humberto de Itália, na cidade de Monza. D. Maria Pia deslocou-se no mês de Setembro, em direcção a Itália; seguidamente escolheu Aix-les-Bains, uma das suas estâncias de eleição e finalmente foi a Paris, onde poderá ter visitado a Exposição Universal, ainda a ocorrer.

### **III - Estojos do Palácio Nacional da Ajuda:**

#### **3.1. Estojos e malão de viagem da casa Paul Sormani:**

##### **3.1a – Serviço de toucador da rainha Maria Pia de Sabóia.**

O estojo (Inv<sup>o</sup>42480) (1.1a, Anexo I) que alberga o conjunto de 24 peças de um serviço de *toilette* (Fichas 1 a 20, Anexo I) foi fabricado em madeira de jacarandá. Tem aplicações metálicas e o seu interior está revestido a veludo, seda *moiré* de cor roxo e couro. De forma rectangular tem tampa articulada, que apresenta ao centro as armas da Casa de Sabóia, coroadas e insígnia da Ordem da Anunciada.

No seu interior, para o acondicionamento das peças, apresenta vários compartimentos, forrados a couro, veludo e seda *moiré*, de cor roxa. Tem ainda dois tabuleiros destacáveis, com asas em metal. Um deles contém duas caixas forradas a couro que acondicionam as escovas de cabelo e de fatos (Figs.1,2,3,4, pp.3,4, Anexo I). Poderão faltar pelo menos três peças, pois existe um igual número de cavidades vazias no estojo.

O conjunto de peças, em prata dourada guilhochada, cristal e marfim, que apresenta o monograma “MP” é constituído por dois grupos. O primeiro: Espelho de toucador, copo com tampa, frasco de perfume (2), frasco de perfume, jarro, castiçal (2), espelho de mão, caixa para escovas de dentes (2), caixa saboneteira, caixa de pó, caixa para pós de dentes (2) tabuleiro. O segundo grupo: escova de cabelo (2), escova de fatos, escova para sedas em pelo branco, escova de dentes em pelo branco, escova em pelo de cerda, lamparina.

O estojo contém a inscrição “P. SORMANI. Fnt – rue du temple 114 PARIS, inciso na chapa da fechadura. (Figs. 5 e 6, p. 5, Anexo I)

A casa Paul Sormani esteve estabelecida na morada inscrita no estojo (rue du Temple, 114), entre os anos 1854 e 1867, após o que se mudou para a Rue Charlot, n<sup>o</sup>10, em Paris. Este facto permite balizar a data da aquisição deste conjunto. Foi principalmente a partir do ano de 67 que se inaugurou um período pujante na casa

Sormani, pujança essa que durará ao longo de toda a 3ª República (1870-1940). O trabalho de Paul Sormani começa a ser reconhecido sobretudo a partir das Exposições Universais de 1849 e de 1855, em que o artista receberá as medalhas de bronze e de primeira classe.

Joseph Aimé foi o autor das peças em prata dourada. Era um dos ourives *garnisseurs*, ou seja, ourives especializados no fabrico de peças para *nécessaires*, que colaborava com a casa Paul Sormani. Iniciou a sua actividade em 10 de Fevereiro de 1859, no nº 12 rue du Pont-aux-Choux.<sup>240</sup> Joseph Aimé trabalhou igualmente para outras casas comerciais, como a casa Boudet, em Paris, também especializada no fabrico de sacos e estojos de viagem. A soberana portuguesa adquiriu igualmente àquele estabelecimento comercial, um grande malão de viagem, com peças de autoria de Aimé, que faz parte da colecção de ourivesaria do Palácio Nacional da Ajuda.

Este estojo por ocasião da elaboração do Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda encontrava-se na sala grande (ou arrecadação) próxima da Sala da Ceia (ou dos Jantares Grandes).<sup>241</sup>

### **Dados gerais:**

O primeiro grupo: Espelho de toucador, copo com tampa, frasco de perfume (2), frasco de perfume, jarro, castiçal (2), espelho de mão, caixa para escovas de dentes (2), caixa saboneteira, caixa de pó, caixa para pós de dentes (2) tabuleiro. O segundo grupo: escova de cabelo (2), escova de fatos, escova para sedas em pelo branco, escova de dentes em pelo branco, escova em pelo de cerda, lamparina.

Paul Sormani.

França, Paris, 2ª metade do século XIX.

Prata dourada, vidro, cristal, pêlo de cerda, marfim, pelo branco (?), couro, madeira de jacarandá, metal, veludo.

---

<sup>240</sup>ARMINJON, Catherine, BEAUPUIS, James, BILIMOFF, Michèle, *Dictionnaire des poinçons de fabricants d'ouvrages d'or et d'argent de Paris et de la Seine, 1838- 1875*, Paris, Imprimerie Nationale, 1994, p.217.

<sup>241</sup>PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 7, P'811, fs. 2.280v e ss.

Inscrições: Monograma “MP” (Maria Pia de Sabóia 1847-1911).

“P. Sormani. Fnt- rue du Temple 114 PARIS »

Marcas: Ourives: (J/Aime/uma agulha de coser curva) em perímetro losangular horizontal, ou vertical, de Joseph Aimé, reg.1859, (nº2297, Arminjon); Garantia: (cabeça de Minerva 1), França, dd.1838 para a prata de 1º título (=0,950) em id. local (nº. 187, Beuque).

Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda “P”811”.

Palácio Nacional da Ajuda.

Invº 42458-42478, 42478/A, 42479 e 42480.

Exposição “Tesouros Reais”, Lisboa, 1991 (cat.410).

180x315mm (espelho de toucador)

96Xdiâm.71mm (copo com tampa)

116X66X66mm (frasco de perfume, 2)

112X110X67mm (frasco de perfume)

260X175X90mm (jarro)

110X110X77mm (castiçal, 2)

245X99X7,5mm (espelho de mão)

40X218X39mm (caixa para escovas de dentes, 2)

37X95X64mm (caixa saboneteira, 2)

36Xdiâm.89mm (caixa de pó)

38X79X42mm (caixa de pó)

40X79X42mm (caixa de pó)

67X325X228mm (tabuleiro)

40X222X65mm (escova de cabelo, 2)

40X220X50mm (escova de fatos)

40X195X25mm (escova para sedas)

18X203X18mm (escova de dentes)

73X37X14mm (escova)

45X44X44mm (lâmparina)

215X500X360mm (estojo)

### **3.1b. Estojo com serviço de toucador em tartaruga, da rainha Maria Pia de Sabóia**

O estojo (Inv<sup>o</sup> 42122) (1.1b, p.17, Anexo I), em madeira de carvalho, de forma rectangular, tem os cantos e pegas em metal dourado. O seu interior está forrado de veludo e cetim branco e apresenta cavidades e pequenos travões de segurança para o encaixe das peças. A tampa tem inserto o monograma “MP” coroadado, correspondente a D. Maria Pia de Sabóia (1847-1911). O estojo contém um conjunto de *toilette* de dezassete peças (Fichas 21 a 35, Anexo I) em tartaruga, que apresentam o monograma “MP” coroadado, em prata dourada, ou no caso dos pentes, a coroa Real em prata dourada. E o alargador de luvas dois monogramas e duas coroas. (Fig.7 e 8, p. 17, Anexo I)

A peça poderá ter sido adquirido na viagem de D. Maria Pia pela Europa, em 1888, conforme factura de 8 de Dezembro desse ano, onde consta na lista de aquisições da soberana, “Garniture de toilette écaille cerise, chiffres MP et couronnes royales en or 2700, “<sup>242</sup> ou em 1898, ano em que a rainha terá comprado um outro estojo de toucador, cuja descrição corresponde às características que este conjunto apresenta: “Garniture de toilette ecaille cerise, Chiffres MP et couronne royales en or”, conforme consta na agenda de endereços e moradas dos diferentes fornecedores, no estrangeiro, de 1898.<sup>243</sup>

Segundo o Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, o serviço, encontrava-se em 1911, logo após a implantação da República, na Sala grande (arrecadação) próximo da sala da Ceia.<sup>244</sup>

#### **Dados gerais:**

Caixa, caixa (2), caixa, escova de fatos, escova para chapéus, escova de cabelo (2), mola para luvas, pente de cabelo, pente de lêmeas, calçadeira, espelho, pente de cabelo (médio), pente de cabelo (pequeno), mala de estojo.

Serviço de toucador de 17 peças.

Paul Sormani

---

<sup>242</sup> ANTT, AHMF, Administração da Casa da Rainha, Cx.6954.

<sup>243</sup>PNA, 5.1.34. (112), Documentação relativa a fornecedores, Adresses e moradas dos diferentes fornecedores no estegeiro [sic]1898.

<sup>244</sup> IDEM, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 6, P” 16, fs 2092 e ss.

França, Paris, Século XIX (2ª metade)

Madeira, metal, tartaruga, pêlo de cerda, prata dourada, cetim, pêlo de marta, tecido, couro.

Inscrições: Monograma “MP” coroadado.

Palácio Nacional da Ajuda

Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda: “P”6”

Invº 42122, 42122 /A a R.

100X485X365mm (caixa)

80XDiâm.90mm (caixa, 2)

41XDiâm.64mm (caixa)

37X190X45mm (escova de fatos, 2)

41X197X35mm (escova para chapéus)

37X245X80mm (escova de cabelo grande, 2)

42X184X40mm (escova de cabelo pequena)

42x190x40mm (escova de cabelo pequena)

19X230X43mm (mola para luvas)

8X220X49mm (pente de cabelo, grande)

5X193X20mm (pente de lêndeadas)

10X203X40mm (calçadeira)

13X284X117mm (espelho)

9X202X40mm (pente de cabelo)

7X180X34mm (pente de cabelo)

(mala de estojo)

### **3.1c. Malão de viagem da rainha D. Maria Pia, da casa Sormani**

O grande malão de viagem da rainha D. Maria Pia (Invº 45119/C) (1.1c, p. 26, Anexo I) contém 112 peças, agrupadas em conjuntos. (Fichas 36 a 119, Anexo I) Tem forma rectangular e asas articuladas. (Fig. 9, p.26, Anexo I), o exterior é de cor acastanhada e o interior, *grenat* (a sua cor original). A tampa articulada mostra o monograma “MP” coroadado, em prata cinzelada. No interior, de um lado, tem várias bolsas, forradas a couro, onde se encaixam o conjunto de peças de “toilette” em marfim,

o estojo com utensílios de “toilette” e manicure em tartaruga e marfim. (Fig. 10, p.26, Anexo I). Do outro lado, a mesma placa apresenta alças curvas em metal, no interior das quais encaixam os conjuntos de toucador em prata e cristal. (Fig.11, p.27, Anexo I) O interior do malão contem placas amovíveis, com alças nas extremidades e munidas de alças e correias para fixação das restantes peças, que atam com fivelas. No interior do fundo encaixam ainda um espelho de toucador, copo, peças de piquenique, estojo com serviço individual para refeição, estojo para medicamentos, utensílios de manicura e pasta de escritório. (Fig. 12, p.27, Anexo I)

As peças em prata apresentam uma decoração muito semelhante, de caneluras espiraladas ou oblíquas e grande parte das peças do malão, têm o monograma “MP” coroadado em prata cinzelada.

A casa Paul Sormani esteve estabelecida na rue du Temple, 114 entre os anos 1854 e 1867, após o que se mudou para a Rue Charlot, nº10, em Paris. Este facto permite balizar a data da aquisição deste conjunto (Rue Charlot, nº10).

Os ourives *garnisseurs* que fabricaram parte das peças, não foram identificados.

A Rainha Maria Pia encomendou o seu malão de viagem por ocasião de uma estada em Paris, conforme refere no seu caderno de apontamentos, onde, na lista das aquisições realizadas nessa cidade, se lê: “Veuve Sormani/Rue Charlot N (...)141. (...) Commandé un grand sac de voyage (cuir) et argenterie.”<sup>245</sup> Podemos observar em catálogo a variedade de oferta de artigos de viagem que a casa Sormani oferecia. Nele consta o modelo adquirido pela rainha. (Doc. Anexo I, p.)

No ano de 1901, numa estada em Paris, a rainha visitou muito provavelmente a casa Sormani, onde observou atentamente os “móveis ricos e sacos”, de acordo com os apontamentos relativos aos fornecedores franceses da rainha.<sup>246</sup>

Conforme os dados fornecidos pelo Inventário Judicial do Palácio Nacional da

---

<sup>245</sup>PNA, 5.2.35 (113). Documentação relativa a fornecedores., s.d.

<sup>246</sup>IDEM. 5.2.36 (114). Documentação relaitiva a fornecedores., 1901.

Ajuda, o malão de viagem encontrava-se, logo após a implantação da República, na primeira casa no corredor do lado norte do palácio.<sup>247</sup>

### **Dados gerais:**

Malão de viagem “MP” com vários conjuntos:

Contém 112 peças. (Fichas 36 a 119, Anexo I)

França, Paris, século XIX (2ª metade)

Paul Sormani

**a) Estojo para medicamentos e utensílios de manicura:** (Fichas 37 a 42, p.29, Anexo I)

Frasco em marfim (2), frasco (4), cabo para pedra-pomes, tesoura, pinça, estojo  
Marfim, prata, vidro, metal branco, couro, veludo e seda moiré.

(?) (frasco de marfim, 2)

92X33 mm (frasco de vidro, 4)

119X14 mm (cabo para pedra pomes)

5X140 mm (tesoura)

105X22X7 mm (pinça)

64X225X120 mm (estojo)

Invº 45016 a 45021 D

No estojo e nas peças

Marcas: Ourives: (J. ...F) em perímetro losangular vertical, não identificado .../....

Garantia: (cabeça de javali), França, dd. 1838, prata de título 0,800 (nº439, Beuque).

Insc: Monograma “MP” coroadado em prata cinzelada (Maria Pia, 1847-1911).

“SORMANI”.

(5) inciso, junto do parafuso, na tesoura.

(V.F.) inciso, em perímetro oval, no interior das hastes, não identificado.

“PAUL SORMANI 10, r. Charlot, PARIS” inciso na barra de metal junto ao fecho do estojo.

---

<sup>247</sup> PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 6, K’’73, f.1845 e ss.

**b) Serviço de piquenique:** (Fichas 43 a 51, p.32, Anexo I)

Copo, prato (2), travessa, prato, caixa (2), copo *rechaud*, lamparina, garrafa (2), chávena.

Prata, prata dourada.

88X72 mm (copo)

22X205 mm (prato, 2)

25X363X295 mm (travessa)

16X152 mm (prato)

77X214X157 mm (caixa, 2)

110X82X79 mm (rechaud)

75X70 mm (lamparina)

210X80X48 mm (garrafa, 2)

65X95X65 mm (chávena)

Marcas: Ourives: (O, um dente, ...) em perímetro losangular horizontal muito pouco perceptível, não identificado, (uma estrela/S/uma estrela) em perímetro losangular vertical, da Casa Sormani (act. 1847-1934); Garantia (cabeça de Minerva 1), Paris dd. 1838, para a prata de 1º título (=0,950) (nº.187, Beuque).

Insc.: Monograma coroadado "MP"

"P.SORMANI, PARIS".

"Eau", "Vin".

Invº nº 42704, 45022 a 45024 A, 45031 a 45033 A, 45034 a 45036

**c) Estojo com serviço individual para refeição:** (Fichas 52 a 59, p. 40, Anexo I)

Saleiro, pimenteiro, saca-rolhas, colher de sopa, garfo de carne, faca de carne, colher de sobremesa, garfo de sobremesa, faca de sobremesa, colher de chá (2), estojo.

Marfim, prata, prata dourada, metal branco, couro, flanela.

60X24,5 mm (saleiro e pimenteiro)

90X45X13 mm (saca-rolhas)

35X215X43 mm (colher de sopa)

27X213X25 mm (garfo de carne)

13X210X20 mm (faca de carne)

28X187X37 mm (colher de sobremesa)

29X184X21 mm (garfo de sobremesa)  
13X200X20 mm (faca de sobremesa)  
18X143X26 mm (colher de chá, 2)  
49X245X167 mm (estojo)

Marcas: Ourives: (um sol/HS/uma estrela) em perímetro losangular vertical, não identificado; Garantia: (cabeça de Minerva 1), França dd. 1838, para a prata de 1º título (=0,950) (nº187, Beuque) em id.local.

Inscr: Monograma “MP” coroado.

Monograma “MP”.

“POIVRE”, “SEL”.

“SORMANI”.

“PAUL SORMANI 10 R. CHARLOT PARIS”.

Invº nº 45037 a 45047 A

#### **d) Serviços de toucador:**

**Serviço de toucador em cristal e prata:** Espelho, frasco (2), frasco em cristal (2), frasco em perfume (2), frasco de perfume (2), caixa de pó, caixa de pó (2), caixa rectangular, lamparina, bandeja, frasco em cristal, relógio de transporte, frasco, caixa para pó, frasco, caixa quadrangular. (Fichas 60 a 73, p. 45, Anexo I)

Cristal, prata, couro, esmalte.

299X55 mm (max.) e 49 mm (min.) (frasco, 2)

100X72X52 mm (frasco, 2)

110X50 mm (frasco de perfume, 2)

125X68X48 mm (frasco de perfume, 2)

61X78 mm (caixa de pó)

63X71 mm (caixa de pó)

54X72X59 mm (caixa rectangular)

42X54X87 mm (lamparina)

20X189x118 mm (bandeja)

134X47 mm (frasco)

112X64X57 mm (relógio de transporte)

148X85X34 mm (frasco)  
46X90X45 mm (caixa para pó de dentes)  
100X44 mm (frasco)  
24X65X75 mm (caixa quadrangular)

Marcas: Ourives: (O, um dente, ...) em perímetro losangular horizontal, não identificado; (uma estrela/S/uma estrela) em perímetro losangular vertical, da Casa Paul Sormani (act.1847-1934); Garantia: (cabeça de Minerva 1), França dd. 1838, para a prata de 1º título (=0,950) (nº.187, Beuque) em id. Local.

Inscr: Monograma “MP” coroadado.

“P.SORMANI, PARIS”

Invº nº45048 e 45049; 45053 a 45070 A;

**Peças de toilette em marfim:** escova em pelo em cerda, escova de dentes (2), escova de cabelo (2), caixa (2), calçadeira, escova de fatos (2), escova de cabelo, escova de sedas, pinça de luvas, escova. (Fichas 74 a 83, p.55, Anexo I)

Marfim, cerda, prata, pêlo branco, metal.

29X213X35 mm (escova)  
19X212X17 mm (escova de dentes, 2)  
40X260X85 mm (escova de cabelo, 2)  
120X33 mm (caixa)  
200X43X10 mm (calçadeira)  
42X215X55 mm (escova de fatos, 2)  
41X195X45 mm (escova de cabelo)  
41X195X45 mm (escova de sedas)  
220X40X19 mm (pinça para luvas)  
41X200X33 mm (escova de pêlo branco)

Inscr:”SORMANI”.

Monograma “MP” coroadado.

Invº 45050 a 45052;

**Estojo com serviço de *toilette* e manicura, em tartaruga e marfim:** Pente de lêndeadas, pente de cabelo, pente de cabelo com duas secções, pente de cabelo com duas secções, ferro de frisar (2), espelho de mão, caixa em marfim (29, tubo de *batom* (2), polidor de unhas, lima/espátula de unhas), espátula em marfim, corta unhas (2), caixinha (2), espelho para observação de dentes, escova de unhas, pinça de pontas redondas, tesoura de unhas, tesoura em metal, lima de unhas/espátula, abotoador de luvas, espátula de unhas, agulha, tesoura de unhas, furador, furador com ponta espiralada, abotoador de luvas, frasco em marfim (2), canivete, canivete de duas lâminas, agulheiro em marfim, estojo. (Fichas 84 a 111, p. 61, Anexo I)

Marfim, tartaruga, prata, metal branco, couro, veludo, cetim.

193X21X7 mm (pente de lêndeadas)

215X45X10 mm (pente de cabelo)

186X35X8mm (pente de cabelo)

202X40X9 mm (pente de cabelo)

258X52X12 mm (ferro de frisar o cabelo)

278X114X18 mm (espelho)

23 X 35 mm (caixa, 2)

55X19X17 mm (tubo de baton, 2)

15X175X27 mm (polidor de unhas)

162X16X11 mm (lima/espátula de unhas)

110X16 mm (espátula)

116X42X9 mm (corta - unhas)

113X38,5X9 mm (corta – unhas)

18X21mm (caixinha, 2)

127X25,5X12 mm (espelho)

17X100X10 mm (escova, 2)

90X7 mm (pinça)

100X43X4 mm (tesoura)

155X48X6 mm (tesoura)

117X15X9 mm (lima de unhas/espátula)

170X15X9 mm (abotoador de luvas)

107X10X5 mm (espátula de unhas)

70X3 mm (agulha, 2)  
84X37X3 mm (tesoura de unhas)  
77X42,5X8 mm (furador)  
74X42X8 mm (furador)  
105X12X8 mm (abotoador de luvas)  
65X18 mm (frasco, 2)  
165X13,5X4 mm (canivete de uma lâmina, aberto)  
167X10,5X8 mm (canivete de duas lâminas, aberto)  
79X9 mm (agulheiro)  
55X385X250 mm (estojo)  
Inscr: "SORMANI"  
"PAUL SORMANI, 10 r.Charlot PARIS"  
Monograma "MP" coroadado  
Invº 45082 a 45119 A

**e) Pasta de escritório:** Tinteiro, sinete, caneta de aparo, faca de papel, marcador de livros, lapiseira, caderno, pasta. (Ficha 112 a 118, p. 75, Anexo I)  
Couro, prata, vidro, marfim, gorgorão de seda.

51,5X53X30mm (Tinteiro)  
100X23X25mm (Sinete)  
173X10X8mm (Caneta)  
193X13X7,5mm (Faca de papel/marcador de livros)  
160X10X8mm (Lapiseira)  
305X210X8mm (Caderno)  
255X320X60mm (Pasta)

Marcas: Garantia: (cabeça de Minerva 1), França, dd. 1838, para a prata de 1º título (=0,950) (nº187, Beuque)

Ourives: (uma estrela/S/uma estrela) em perímetro losangular vertical, da Casa Paul Sormani (act. 1847-1934); Garantia: (cabeça de javali), França, dd. 1838, para a prata de título 0,800 (nº 439, Breuque).

Insc: Monograma "MP" coroadado, relevado (Maria Pia, 1847-1911).

“SORMANI”

Invº 45025 a 45029/B

Espelho, (Ficha 119, p. 79, Anexo I), Caixa guarda-jóias, malão de viagem.

355X315X36 mm (espelho)

40X181X85 mm (caixa guarda-jóias)

360X670X420 mm (malão)

Marcas: Ourives: ilegível (O, um dente,...), em perímetro losangular horizontal, não identificado; (uma estrela/S/uma estrela) em perímetro losangular vertical, da Casa Paul Sormani (act. 1847.1934); Garantia: (cabeça de javali), França. Dd. 1938, para a prata de 1º título 0,800 (nº439, Beuque), na montagem da prata.

Inscr: “SORMANI” inciso na face lateral da moldura.

Monograma “MP” (Maria Pia 1847-1911).

”BTE SGDG”

“PAUL SORMANI, 10 r.Charlot PARIS”

Monograma “MP” coroadado.

Couro, prata, cetim, gorgorão, metal

Invº 45930, 45119/B e 45119/C

Paços Reais, Palácio da Ajuda

Arrolamento Judicial dos Paços Reais:”K”73”

Palácio Nacional da Ajuda, invº. 42704; 45016 a 45119/B

### **3.2. Estojos com serviços de toucador / *toilette*:**

#### **3.2a. Serviço de toucador da rainha Adelaide da Sardenha.**

O estojo (Inv<sup>o</sup> 45011/B) (2.2a, p. 81, Anexo I), exteriormente forrado a couro preto, apresenta na tampa o monograma “A” coroadado, (de Adelaide). O interior, com cavidades onde as 21 peças e duas tampas soltas estão acondicionadas, é totalmente forrado a veludo azul. A cavidade do espelho encontra-se vazia. Tem ainda uma mala de protecção em couro, com tampa articulada e pegas laterais. (Ficha 120 a 140, p. 81, Anexo I)

O serviço austríaco de 21 peças em prata e cristal foi fabricado, provavelmente no ano de 1840, pelos ourives da cidade de Viena, Stephan Mayerhofer e Carl Klinkosche, fornecedores da corte imperial Austro-Húngara, especialistas no fabrico de peças para estojos de viagem,

As peças de toucador são de prata e cristal lapidado. Estão decoradas com motivos vegetalistas, e apresentam o monograma “A” coroadado, circundado de uma grinalda. (Figs. 13 e 14, p. 82)

O conjunto de *toilette* foi oferecido pelo Rei de Itália, Vítor Manuel II, a sua filha, a rainha D. Maria Pia de Sabóia. Pertenceu à Rainha Adelaide da Sardenha (1822-1855), mãe da soberana, que morreu prematuramente, quando sua filha contava apenas 13 anos de idade.<sup>248</sup>

#### **Dados gerais:**

Frasco de perfume (2), frasco de perfume, tampa de rosca, caixa para escovas de dentes, espelho de mão duplo, escova para unhas, escova de dentes, castiçal (2), fosforeira, caixa de pó (2), copo em prata, escova de cabelo, caixa saboneteira, pincel, lavanda, jarro, tabuleiro, bandeja, tampa de caixa de escovas de cabelo, estojo, mala de couro, pregadeira de alfinetes.

---

<sup>248</sup>PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. P”4, fs. 2085 e ss.

Serviço de toucador com 24 peças.

Áustria, Viena, 1840.

Prata, cristal, pelo de cerda, pelo branco, couro, veludo, gorgorão, flanela

Inscrições: Inicial “A” (de Maria Adelaide de Áustria (1822-1855), mãe de D. Maria Pia).

“Chave do toucador / do campo / com firma A”, numa chapa rectangular presa na chave do estojo.

Marcas: Ourives: (M.&K. De Stephan Mayerhofer e Carl Klinkosche<sup>249</sup>, Viena), no interior da tampa; Cidade: (brasão encimado por um A/13/1840), Áustria, Viena, 1840, título e data. Para a prata de 0,812 (= 13 löthige), em id. local, (nº 1539), Beuque).

91X74X53mm (frasco, 2)

80X70X33mm (frasco)

25XDiam.29mm (tampa de rosca)

40X172X50mm (caixa para escovas de dentes)

237X93X14mm (espelho de mão)

23X192X18mm (escova para unhas)

18X130X12mm (escova de dentes)

157XDiam.94mm (castiçal, 2)

17X83X28mm (fosforeira)

83XDiam.72mm (caixa, 2)

94xDiam.69mm (copo)

49X210X45mm (escova de cabelo)

46X95X79mm (caixa saboneteira)

70XDiam.42mm (pincel)

73X342X264mm (lavanda)

263X133X220mm (jarro)

13X270X206mm (bandeja)

13X255X100mm (tampa)

173X540X365mm (estojo)

---

<sup>249</sup>NEWERVITH, Wiener Gold-und Silberschmiede und ihre Punzen 1822-1850, vol. II, p. 212

165X620X390mm (mala)

47X113X77mm (pregadeira)

Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda: “T4”

Palácio Nacional da Ajuda

Invº 44992-45011, 44994/A, 45011/A, 45011/B e 45011/C e 51890.

### **3.2b. Serviço de toucador do iate “Sírius”.**

O estojo (Invº 9834/A) (2.2b, p. 103, Anexo I), com serviço de toucador de seis peças em prata e cristal, foi adquirido à casa Leitão & Irmão, joalheiros e fornecedores da Casa Real Portuguesa. Provavelmente, fez parte do recheio da camarinha da rainha no iate “Sírius”. (Fichas 141 a 147, p.103, Anexo I)

A caixa é exteriormente forrada de couro preto e no interior de veludo, cetim e papel azul. Apresenta seis cavidades para as peças de *toilette*. No interior da tampa, está colada uma pequena etiqueta de papel, com a inscrição: “ coroa / Leitão & Irmão / Lisboa Porto”. (Ficha 141, p. 103, Anexo I)

As peças de prata e cristal incolor lapidado, de fabrico português, apresentam decoração de palmetas e motivos vegetalistas, sobre campo estriado. Todas expõem numa reserva oval, uma estrela de cinco pontas coroada, com a inscrição “Sírius” no seu interior. (Figs. 15 e 16, p. 104, Anexo I)

Existe no acervo do Palácio Nacional da Ajuda, outro serviço pertencente ao iate “Sírius”, muito semelhante a este.

A Ourivesaria Leitão foi fundada em 1822, no Porto, por José Pinto Leitão. O artista abriu a sua loja-oficina na Rua das Flores, local onde se agrupavam os estabelecimentos do mesmo ramo. Como era prática comum na época, José Pinto Leitão trabalhava as suas peças à vista dos clientes. A sua produção consistia, principalmente

em peças de joalharia de cariz popular, sobretudo as de filigrana,<sup>250</sup> técnica muito apreciada no Norte de Portugal. No ano de 1840, abriu a primeira loja da casa Leitão na mesma rua.

A firma *Leitão & Irmão*, contou com uma rede de fornecedores, fabricantes de joalharia e ourivesaria, bem como de matérias-primas, que eram conduzidas para as oficinas daquele estabelecimento.

No ano de 1877, efectuou-se o registo na contrastaria de Lisboa, (figura de efígie a encimar a letra “L”), ainda hoje em vigor.

Igualmente nesse ano, foram distinguidos pelo rei D. Luís com o título de “Joalheiros da Coroa”.

Seus filhos, Narcizo e Olindo José, deram continuidade ao negócio e alteraram a designação da firma, para *Leitão & Irmão*.

A casa Leitão foi adquirindo prestígio e destaque, dado a grande qualidade de fabrico das peças. Em 1873, D. Pedro II, Imperador do Brasil, concedeu àquele estabelecimento o título de “Ourives da Casa Imperial do Brasil”.

Em 1877, abriu a loja *Leitão & Irmão*, no Chiado, em Lisboa. Os irmãos “empreenderam o ambicioso projecto artístico de restaurar a grande tradição da ourivesaria e joalharia, inspiradas nas raízes populares portuguesas.”<sup>251</sup>

De Londres e Paris, trouxeram os melhores equipamentos e materiais, de forma a pôr em prática o seu projecto: a renovação da ourivesaria portuguesa. Para isso, contaram também com a colaboração de vários artistas, de que se destacam os nomes de Rafael e Columbano Bordalo Pinheiro, e do medalhista João da Silva. Nesse contexto, abriram igualmente estabelecimentos em Paris, no nº 50 da Rue Paradis e mais tarde no

---

<sup>250</sup>MARANHAS, Teresa, A colecção da Casa Leitão e Irmão no acervo do Palácio Nacional da Ajuda, in *Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria*, (coord. VASCONCELOS E SOUSA, Gonçalo), Porto, Universidade Católica do Porto, 2009, p. 113.

<sup>251</sup>MARANHAS, *Op. Cit.* p. 114.

nº 38 da Rue d’Hauteville, bem como em Londres, no nº 45 da Moorgate Street.<sup>252</sup>

A Casa Real Portuguesa foi a grande cliente da Casa Leitão. A mais entusiasta consumidora foi, sem dúvida, a Rainha D. Maria Pia de Sabóia. Os reis D. Fernando e D. Luís, o infante D. Augusto, e o infante D. Afonso, também eram clientes habituais.<sup>253</sup>

A colecção de ourivesaria do Palácio Nacional da Ajuda possui numerosas peças produzidas nas oficinas *Leitão & Irmão*, ou comercializadas por aquela firma.

No tempo da monarquia este estojo, designado como “estojo nº 4”, entre outras peças de “Prata do barco Syrius” encontrava-se guardado na Real Mantearia, no Real Tesouro.<sup>254</sup> Por ocasião da realização do Inventário Judicial do Palácio da Ajuda, logo após a implantação da República, encontrava-se na casa da arrecadação das pratas da Rainha.<sup>255</sup>

Em 1897, foi avaliado em 112\$000 (Reis).<sup>256</sup> Dez anos depois, os serviços pertencentes ao mesmo iate, incluindo este conjunto de toilette, foram oferecidos, pelo Rei D. Carlos, a sua mãe, a rainha D. Maria Pia.<sup>257</sup>

Numa avaliação realizada aos bens da Casa Real em 1923, o serviço foi cotado em 3.000.00. (Escudos)<sup>258</sup>

O iate “Sirius” (Figs.17 e 18, p. 111, Anexo I) foi mandado construir pelo rei D. Luís I, para substituição de um anterior, também propriedade do soberano, o “Veloz”. Grande amante do mar e do desporto da vela, o rei confiou ao seu ajudante às ordens, Carlos Augusto de Sousa Folque Possolo, a missão de planear e dirigir a construção da embarcação, ajudado por Diogo Jorge Batalha. O “Sirius” foi construído pelo mestre carpinteiro António Gonçalves do Arsenal da Marinha. Foi um iate de fabrico

---

<sup>252</sup> IDEM.

<sup>253</sup> IDEM.

<sup>254</sup> PNA. 5.2.1.(b). Real Mantieiria. Real Tesouro. Inventários pratas, louças etc.

<sup>255</sup> IDEM, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 4, f. 1248.

<sup>256</sup> IDEM, 10.2.2. Cx.2 (14) Real Tesouro. Mantieiria. Relações diversas de louças, pratas, bronzes e casquinha Christofle escolhidos pela Rainha D. Maria Pia e pelo Infante D. Afonso (15.05.1897).

<sup>257</sup> IDEM, 5.2.4.(64). Real Mantieiria. Real Tesouro. Inventários pratas, louças, etc. 1907.

<sup>258</sup> IDEM, 4.1.1. (3). República, Bens da Casa Real, Inventários e Relações, Caderno manuscrito.

exclusivamente nacional, dado que até o madeiramento e os materiais empregues para o efeito eram portugueses. O seu fabrico foi levado a cabo no Telheiro das Galeotas reais, na Junqueira e foi lançado à água em 14 de Abril de 1877, com a presença dos reis D. Luís e D. Maria Pia de Sabóia.

O “Sirius” era uma embarcação muito elegante, requintadamente decorada, tendo ao centro uma âncora com sofá em volta (um borne), aparadores e espelhos às amuradas. A estibordo, à ré, situavam-se a camarinha da rainha e o pequeno camarote da sua dama-camareira. No bordo oposto, o camarote do comandante. A vante, a estibordo, encontrava-se o camarim do rei e a bombordo, o camarote do ajudante de campo do soberano. No alojamento da proa, acomodavam-se o mestre e os sete tripulantes da embarcação. O recheio do iate, muito completo e requintado, foi criteriosamente escolhido. Para o serviço da mesa constavam, para além dos conjuntos de *toilette*, serviços de mesa em porcelana e faqueiros ingleses, um serviço de copos de cristal e os demais acessórios de mesa. As roupas, em parte ainda no acervo do Palácio Nacional da Ajuda apresentam o monograma, símbolo da embarcação.

Todo o casco submerso do “Sirius” era em cobre (para protecção dos infestantes da madeira). Armava em caïque, com duas velas bastardas, catita de bastardo e uma vela de proa.

Após as experiências de mar realizadas, em que o iate fez 11 nós com vento fresco (forte), o “Sirius” foi oferecido à rainha.

A primeira regata em que o barco participou foi a 4 de Dezembro de 1877, num percurso de 75 milhas determinado por D. Luís. Por falta de vento, a regata foi repetida a 11 de Setembro do mesmo ano, tendo sido o “Sirius” desclassificado, por transgressão ao regulamento. Mas a 15 de Agosto de 1878, numa regata promovida pela Real Associação Naval de Lisboa, venceu a prova. Em 1879, apesar de se terem realizado regatas, o “Sirius” não pôde participar, por ter um andamento muito superior às embarcações concorrentes.

A fama do iate “Sirius” passou além fronteiras, o que levou D. Luís a inscreve-lo

em regatas em Nice, uma das estâncias de veraneio de eleição da Família Real portuguesa. Mas infelizmente, devido ao mau tempo o iate não chegou a tempo das provas. Porém, no regresso a Portugal, competiu com o iate francês *Eugenie*, vencendo com uma larga margem de distância. A imprensa francesa noticiou esse acontecimento, elogiando o iate de D. Luís, chegando alguns construtores navais a examinar os detalhes de construção da embarcação portuguesa. Na mesma viagem, largou do rochedo de Gibraltar ao mesmo tempo que um poderoso iate inglês e chegou a Lisboa com grande avanço, o que levou o “Sírius” a tornar-se ainda mais conhecido. De Inglaterra vieram a Lisboa, dois dos melhores iates, a escuna *Cetónia* e o iole *Gestrude*. A 16 de Outubro de 1880, a Real Associação organizou uma regata internacional com sete iates inscritos. O “Sírius” ficou em quarto lugar.

Depois destas datas escasseiam as informações sobre o iate “Sírius”. Sabe-se contudo, que em 1887, armou em palhaborde (com um mastro adicional à ré).<sup>259</sup>

Em 17 de Setembro de 1912, foi entregue à Escola Naval, para instrução dos aspirantes, função que desempenhou até 1931. Encontra-se na posse da Marinha Portuguesa estando em exposição, desde 1984, no Museu de Marinha de Lisboa.<sup>260</sup>

### **Dados Gerais:**

Bacia, gomil, caixa de escovas, caixa saboneteira, caixa de pó de arroz, caixa de pó de dentes, estojo.

Serviço de toucador com 6 peças.

Século XIX

Prata, cristal, couro, veludo, cetim e papel.

Inscrições: “SIRIUS” gravado no interior da estrela de cinco pontas.

Apresenta uma etiqueta de papel branco com moldura azul colada no reverso do fundo com a inscrição manuscrita: “2252 Ca.../ 37 ½ 84.450/19: 49...”

Apresenta colada no interior da tampa uma etiqueta de papel branco estampilhada: “coroa /LEITÃO & IRMÃO / LISBOA PORTO:”, no estojo.

---

<sup>259</sup> Os meus agradecimentos ao meu marido, José Burnay, pelas informações técnicas prestadas.

<sup>260</sup> *Sírius* in Associação Nacional dos Cruzeiros, <http://www.ancruzeiros.pt/ancv-sirius.html>

Marcas: (P) inciso no reverso do fundo, do gomil.

104XDiâm.377mm (bacia)

305XDiâm.182X254mm (gomil)

45X180X47mm (caixa de escovas)

46X88X60mm (caixa saboneteira)

48XDiâm.81mm (caixa de pó de arroz)

88XDiâm.56mm (caixa de pó para os dentes)

315X440X515mm (estojo)

Paços Reais, Palácio Nacional da Ajuda.

Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda: N°535.

Inv° nº 9829 a 9834 e 9834 A

Gomil em prata lisa e gravada, em reserva oval, moldurada por folhagem a inscrição “Sírius”, numa estrela de 5 pontas coroada

Tampas com decoração assimétrica gravada de enrolamentos entrelaçados e motivos vegetalistas sobre campo de estrias concêntricas.

### **3.2c. Serviço de toucador com as armas de Sabóia da casa “Aucoc”**

O grande estojo em madeira, de forma rectangular, (Inv°5255/A) (2.2c, p. 112, Anexo I), contém um serviço com vinte e uma peças de *toilette*, em prata e cristal. (Fichas 148 a 161, p.112, Anexo I) Os cantos exteriores da caixa estão revestidos a metal amarelo. A tampa apresenta ao centro uma chapa de cantos recortados com as armas de Sabóia gravadas O interior do estojo é revestido com camurça, tendo várias cavidades para acomodação de todas as peças, excepto do espelho de toucador que é guardado sob um tabuleiro, no fundo do estojo.

As peças em prata, decoradas com ornatos florais, vegetalistas, volutas e concheados e apresentam as armas da casa de Sabóia coroadas, referentes à rainha D. Maria Pia. (Fig. 19, p. 113, Anexo I) Os frascos de cristal apresentam decoração de motivos vegetalistas, florais e concheados. (Fig. 20, p. 113, Anexo I)

O conjunto foi fabricado na segunda metade do século XIX, na firma parisiense “Aucoc”, para a soberana portuguesa, que adquiriu várias peças àquele estabelecimento, fazendo algumas parte do acervo do Palácio Nacional da Ajuda. Praticamente todas as peças, exceptuando as duas caixas de pó (Invº 1821 e 1822) e os frascos de cristal (Invº 2035,2036, 5252 e 5253), apresentam a marca de Jean Baptiste Aucoc (marca desde 1839 – 1856).

Segundo dados fornecidos pelo Inventário Judicial do Palácio da Ajuda,<sup>261</sup> este conjunto encontrava-se disposto sobre uma mesa, no toucador da Rainha, pelo provavelmente estaria a uso, antes da sua partida para o exílio.

A casa Aucoc também fabricou um estojo com serviço de *toilette* em *vermeil* para a corte imperial russa, recentemente vendido em leilão pela casa Christie’s (no ano de 2009).<sup>262</sup> (Fig. 21, p. 114, Anexo I)

### **Dados gerais:**

Castiçais com serpentinas de três lumes (2), espelho, caixa de pó (2), caixa guarda-jóias (2), frascos (2), espelho de mão, lavanda com jarro, bandeja, copo, caixa (2), frasco (2), caixa (2), estojo.

Serviço de toucador com 21 peças.

Jean Baptiste Aucoc\*

França, século XIX (2ª metade).

Prata, vidro, veludo, cristal, madeira, camurça, papel, tecido, metal amarelo.

Inscrições: Armas da casa de Sabóia

Marcas: Garantia (cabeça de Minerva 1) França, dd.1838.

Ourives (C.A. um galo e uma estrela\*) de Aucoc, Ainé ou AUCOC ainé à Paris;

Exportação (cabeça de Mercúrio), França, dd. 1879.

Garantia (cabeça de Minerva 1) Paris dd. 1838.

---

<sup>261</sup> PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol.3, T 110, f.715 e ss.

<sup>262</sup> [http://www.christies.com/lotfinder/lot\\_details.aspx?intObjectID=5283028](http://www.christies.com/lotfinder/lot_details.aspx?intObjectID=5283028)

\*de Jean Baptiste Aucoc (marca desde 1839 – 1856), (nº770, Arminjon, Tomo II)

450X267X160mm (castiçais, 2)

850X680X60mm (espelho)

135XDiâm.123mm (caixa de pó, 2)

130X220X157mm (caixa guarda-jóias, 2)

165XDiâm.125mm (frascos)

265X110X20mm (espelho)

38,5X25,9X10mm (lavanda)

21,5X17X32,5mm (jarro)

20X330XX223mm (bandeja)

202XDiâm.72mm (copo, 2)

83XDiâm.81mm (caixa pequena, 2)

147XDiâm.102mm (frasco, 2)

95X194X80mm (caixa, 2)

340X870X760 mm (estojo)

Palácio Nacional da Ajuda

Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda: “T 110”

Invºnº1818 a 1822, 2033 a 2036, 2085, 5245 a 5255.

Exposição: “Jóias do Quotidiano da Família Real”, Lisboa, P.N.A., cat.114.

### **3.2d. Serviço de toucador “MBV” (do Marquês de Valada).**

O estojo, de forma rectangular (Invº44991/A) (2.2d, p. 128, Anexo I), com tampa articulada, apresenta, no centro uma chapa de metal amarelo aplicada com os cantos recortados e no interior o monograma inciso “MBV” encimado por um coronel de marquês. É revestido interiormente a camurça vermelha e papel da mesma cor e apresenta, igualmente no interior da tampa e no fundo, cavidades para encaixe das respectivas peças do serviço de toucador, como o espelho e, no fundo, as restantes peças. Tem um tabuleiro amovível comprido com duas asas, onde são colocadas seis caixas. Quatro pequenas tampas amovíveis cobrem quatro cavidades vazias. Uma destas tampas é constituída por uma placa com cavidades, onde se colocam seis pequenas

peças, uma das quais omissa. (Fig. 22 e 23, p.129, Anexo I)

A caixa, vendida pela casa “Lassale et Cie”, de Paris, alberga um conjunto de vinte e seis peças de *toilette* em prata, prata dourada e cristal incolor lapidado. (Fichas 162 a 181, p. 128, Anexo I)

À excepção do gomil e da lavanda, as restantes peças de prata são decoradas com ornatos de teor vegetalista, e apresentam o monograma “MBV”, do Marquês de Valada, provavelmente D. José da Silveira e Castro (1826-1895), o anterior proprietário do serviço, que o ofertou à rainha de Portugal. As tampas dos frascos têm uma rolha amovível com montagem em prata cinzelada que apresenta um coronel de marquês.

Apenas três peças têm as marcas de ourives e uma decoração discrepante em relação ao resto do serviço: o conjunto de lavanda e gomil (Invº 44987 e 44988) e o copo (Invº 44991). De fabrico castelhano, o gomil e a lavanda (Fichas 178, 179, 179a, p. 143, Anexo I) são cronologicamente anteriores às restantes peças do conjunto – provavelmente do século XVIII – e a sua marca de ourives não foi identificada. Apresentam armas de família, possivelmente ibéricas, mas que não são as dos Marquês de Valada. (Vide Estudo heráldico, Ficha 179a, p. 145, Anexo I)

O copo (Invº44991) (Ficha 181, p. 14, Anexo I), em prata e prata dourada, tem uma decoração diferente das restantes peças: ornamentação de hastes de videira, com parras e cachos de uva, em prata dourada, sob campo estriado, em prata branca. O copo, fabricado em meados do século XIX, tem a marca de Eugène François Rion, ourives que exerceu a sua actividade entre 9 de Fevereiro de 1841 e 26 de Outubro de 1862, no nº 8 da Cour de Harlay, em Paris.

Segundo o Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, este estojo, de grandes dimensões, encontrava-se na sala grande (arrecadação), perto da sala da Ceia, no ano de 1911.<sup>263</sup>

---

<sup>263</sup>PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 6, Pº3, fs. 2082 v e ss.

### **Dados gerais:**

Espelho, garrafa (2), boião (2), garrafa (2), espelho de mão, caixa saboneteira (2), caixa para pós de dentes, caixa (2), caixa para escovas de dentes, tesoura, tesoura de unhas, abotoador de luvas, pinça, escova de cabelo, caixa para pentes, lavanda, jarro, castiçal (2), copo, estojo.

Serviço de toucador de 26 peças.

Espanha, Madrid, século XVIII.

França, século XIX.

Prata, madeira, cristal, metal, tartaruga, pêlo de cerda, marfim, couro, camurça e papel.

Inscrições: MBV (do Marquês de Valada) – José Mendes da Silveira e Castro (1826-1895) (?).

Na placa metálica da fechadura do estojo “Lassalle et Cie, Paris”. (verificar)

Marcas: Cidade: (Castelo/31) de Madrid – Corte, para 1731 (?); Ensaizador: CAS/TELO ou CAS/TRO (?); Ourives (I.AR) não identificado.

Exportação (cabeça de Mercúrio), França dd.1840-1879, para a prata de título mínimo 0,800 (nº.84, Beauque).

Ourives: (E.F.R., a serpente de Milão, representando uma serpente com uma criança na boca) em perímetro losangular vertical, de Eugène-François Rion (marca 1841-1862) (nº.1398, Arminjon, Tomo II).

590X365mm (espelho de toucador)

175XDiâm.84mm (garrafa, 2)

97XDiâm.75mm (boião, 2)

148XDiâm.70mm (garrafa, 2)

260X110X11,5mm (espelho de mão)

57X106X68mm (caixa saboneteira, 2)

58X105X50mm (caixa para pós de dentes)

58XDiâm.73mm (caixa, 2)

61X25X54mm (caixa para escovas de dentes)

161X47X7,5mm (tesoura)

116X41X6mm (tesoura de unhas)

132X16X11mm (abotoador de luvas)

78X9X6mm (abotoador de luvas)  
75X9X7mm (pinça)  
40X223X54mm (escova de cabelo)  
225X76X17 (caixa para pentes)  
49X364X268mm (lavanda)  
248X112X190mm (jarro)  
176XDiâm.112mm (castiçal, 2)  
81xDiâm.82,5mm (copo)  
200X640X487mm (estojo)

Palácio Nacional da Ajuda

Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda: “P”3”

Invº nº 44966 a 44991 – 44991/A.

#### **4. Escrivaninha de viagem:**

##### **4.1. Escrivaninha de viagem de D. Pedro**

O estojo / escrivaninha de viagem de D. Pedro IV (Invº51084/C) (3.3.1, p. 150, Anexo I), de couro castanho, em forma de maleta rectangular desdobrável, tem pega para transporte igualmente em couro, fecho e aplicações em metal dourado, gravado e cinzelado. Junto às arestas é decorado com feixe de motivos vegetalistas gravado a filete dourado.

A escrivaninha abre em quatro, constituindo a aba maior o próprio tampo. A aba lateral esquerda apresenta duas bolsas em forma de envelope, com pequeno fole, debruadas com feixe gravado e filete dourado e a do lado direito um calendário de papel atravessado por uma fita de couro com os dias da semana gravados a dourado. Nestes apresenta textos manuscritos pelo rei D. Pedro IV. O interior em madeira, apresenta uma divisória longitudinal subdividida em cinco compartimentos, dois dos quais guardam o tinteiro e o areeiro e uma outra, mais ampla, onde encaixa um tabuleiro amovível, forrada a veludo de seda vermelho com cavidades para as restantes peças, que são:

limpa-plumas, régua, marcador, borracha, pena, raspador (2), caixa (2), tesoura, compasso, furador, sinete, faca de papel, vassoura, lacre (2). (Fichas 182 a 198, p. 150, Anexo I)

Foi fabricado na casa “Alphonse Giroux et Cie” em Paris, entre os anos de 1832-34.

**Dados gerais:**

Areiro, tinteiro, limpa-plumas, régua, marcador, borracha, pena, raspador (2), caixa (2), tesoura, compasso, furador, sinete, faca de papel, vassoura, lacre (2).

Couro, prata dourada, ouro, aço, madrepérola, vidro, madeira, veludo de seda, papel mata-borrão.

França, Paris, 1832-1834.

Alphonse-Giroux (1809-1886)

Marcas: Garantia – (Cabeça de lebre), prata Paris, dd.1819-1838, título mínimo de 0,800 (nº 393 Beauque).

Insc.: «P» coroado na frente da escrivadinha; «J. Bramah», com coroa, «Paris, chez Alph. Giroux et Cie, 7 rue du Coq. St. Honoré» em volta do fecho e gravado a ouro no verso da tampa;

Inscrições várias pelo punho de D. Pedro, no estojo, na tampa direita.

“P” gravado.

“J.GILLOTT’S/(coroa)R/PATENT”, na caneta.

“P I/FUNDADOR DO IMPÈRIO DO BRASIL”, no sinete

“EXTRE FINE (coroa real) LONDON” relevado (coroa real), lacre.

“FVN SEGELLAK WELL / BRAND EN VAST: H...UD / FRY LATE JARVIS, LONDON” relevado (coroa real), lacre.

350X434X90mm (escrivadinha)

40X53X53mm (areiro e tinteiro)

30X95mm (limpa-plumas)

1,5X210X23mm (régua)

4X120X23mm (marcador)

11X 75X27mm (borracha)

168X10mm (pena)  
6X150X17mm (raspador)  
5X170X17mm (raspador)  
17X41X41mm (caixas)  
3X150X45mm (tesoura)  
3X142X11mm (compasso)  
19X130X26mm (furador)  
17X85X32mm (sinete)  
6X227X30mm (faca de papel)  
12X183X50mm (vassoura)

Paços Reais, Palácio da Ajuda

Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda: “T’ 111”

Palácio Nacional da Ajuda, Invº51067 a 51084

D. Pedro de Alcântara de Bragança, 1798-1834, Imperador do Brasil Rei de Portugal, Palácio de Queluz, Maio-Outubro, 1986 (cat.448).

*Tesouros Reais*, Lisboa, PNA, 1990, (cat. 452).

*Indispensables nécessaires*, Musée national des chateaux de Malmaison et du Bois-Préau, 2007/2008,(fig.1).

### **Contextualização Histórica:**

D. Pedro deixou o Brasil a 12 de Abril de 1831 rumo à Europa, em defesa da liberdade constitucional. Após uma viagem de 57 dias, com paragem nos Açores para reabastecimento, desembarcou finalmente no porto britânico de Falmouth. Nessa altura, já a sua segunda mulher, D. Amélia de Beauharnais, que o acompanhava, se encontrava grávida. Por ter abdicado do trono brasileiro em favor de seu filho, D. Pedro II, o sinete (Invº51081) da escrivania de viagem, apresenta as armas de D. Pedro I, Duque de Bragança, e de “Fundador do Império do Brasil”. (Ficha 195a, p. 159, Anexo I - estudo heráldico do sinete).<sup>264</sup>

Desde que pisou solo europeu, D. Pedro viajou entre Paris e Londres, a fim de

---

<sup>264</sup> Os nossos agradecimentos ao Dr. Jorge Fialho, pelo estudo heráldico realizado.

legitimar e ganhar adeptos para a implantação da causa liberal. Em Paris, D. Amélia deu à luz a princesa D. Maria Amélia de Bragança, em 1 de Dezembro de 1831.

Terá sido neste período que adquiriu a escrivinha de viagem à casa Giroux, que veio a utilizar durante a guerra civil portuguesa.

A 10 de Fevereiro de 1832, partiu com uma esquadra para os Açores, onde permaneceu nas ilhas de São Miguel e Terceira, tendo sido entusiasticamente recebido.<sup>265</sup>

É bem possível que o rei D. Pedro IV tenha escrito a sua filha D. Maria II, já regente, na sua escrivinha de viagem, a partir da Ilha de São Miguel, a 10 de Junho de 1832, onde se encontrava antes de partir para a cidade do Porto. Nela demonstra a sua preocupação pela educação da filha, como futura rainha constitucional, e fundamenta as suas razões, reconhecendo que uma boa educação, fora uma lacuna na sua formação pessoal:

“Minha querida Maria. Recebi a tua cartinha de 10 de Maio, escripta hum pouco mal para a tua idade e adiantamento. Parece-me que tu não tens cuidado muito de estudares, e enquanto a Maman me não mandar dizer que tu te aplicas como no meu tempo eu não deixarei de mostrar sempre que tenha ocasião, o meu desfazer: quando tu chegares a huma idade mais avançada tu não deixarás de conhecer que eu tinha muita razão de te desejar ver instruida. O defeito de não ter recebido uma educação conveniente eu tenho sentido. (...)

Espero que tu estudes d’hora em diante, como convem a quem tem de reger huma Nação que precisa de bons exemplos e de huma Rainha assaz instruida p a poder felicitar ajudada do sisthema constitucional sem a qual jamais, minha filha queira ser rainha . Nos governos mais absolutos nunca são os reis os que mandão mais. Ora se hão de mandar pessoas que nenhum interesse tenham senão o seu, desprezando o geral /como sempre aconteceu em Portugal / então é melhor que a Nação representada tome parte ,

---

<sup>265</sup>SANTOS, Eugénio, *D. Pedro IV, Liberdade, Paixões, Honra*, Reis de Portugal, Mem Martins, Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2006, p. 224 e ss.

no que lhe pertence de direito, que vigiar pela sua estabilidade, independência, segurana e bem estar. Nenhum Monarca deve dezejar mais poder que aquelle que lhe foi necessário para engrandecer e felicitar a sua Nação. P<sup>a</sup> este fim a Carta Contitucional te concede bastante e portanto minha filha, quando chegares a governar, Carta e mais Carta, e nada de Absolutista que só podia servir para te desilustrar aos olhos do mundo, infelicitar-te e à tua Nação.

Basta de seca mas peço-te que tenhas esta seca sempre em vista e que todo o tempo te lembres dos meus conselhos que te são dados com o coração nas mãos.

(...)

Teu saudozo Pai e Amigo que bem depreça espera ver-te.

C.S. D.Pedro.”<sup>266</sup>

A 27 de Junho de 1832 partiu rumo ao continente, onde desembarcou a 8 de Julho. No dia seguinte entrou na cidade do Porto, onde permaneceu durante cerca de um ano.

As inscrições feitas pelo punho de D. Pedro, já no continente, na tampa direita (Ficha 182, p. 151, Anexo I) são as seguintes:

«Lundi – Pagamento dos Manifestos para legaçoins; Mardi/Hichofer/17 de Setembro de 1832 & M<sup>a</sup> V. Monsenhor 3 idem D.ana 6 idem – Mercredi- officiais que quizerem ficão - / vão 100 franceses pelo menos 60. Revista para ver q.m. está em estado de resestir; Jeudi - Vasconcellos tomar posse - / Retirar Azeredo -/ Tarimbas [?] Vendredi - Orçamento exacto nas duas Ipotheses / de ficarem ou não officiais / Academicos já p.or S.am Miguel; Samedi – Jose Maria 17 – 7bro / D. Marianna 6 idem / Monsenhor 3 idem; Dimanche – Conta de 16 de Março a id-/ou (?) ou 20:600 em 2/pag. 10\$000 logo a 10000 com in/[ter]vallo, de 15 ou 20 dias.”<sup>267</sup> Manuscrito no interior.

Os acontecimentos mais marcantes do mês de Setembro foram: 8 a 11, os

---

<sup>266</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.7321, Carta de D. Pedro IV para a Rainha D. Maria II.

<sup>267</sup> Agradecemos a transcrição, ao Dr. João Vaz, conservador da colecção de pintura do Palácio Nacional da Ajuda.

ataques à Serra do Pilar e ao Porto pelos Miguelistas, repelidos pelos liberais; ocupação de Gaia pelo exército de D. Miguel; o princípio dos bombardeamentos; a 16, surtida constitucional liderada pelos liberais com a consequente ocupação do Cerro das Antas; no final do mês, os miguelistas atacaram novamente o Porto, acabando por ser repelidos definitivamente pelo exército liberal liderado por D. Pedro. A guerra civil terminou dois anos mais tarde, em Maio de 1834, com a derrota do exército miguelista e a consequente assinatura da Convenção de Évora Montel e exílio de D. Miguel.

Segundo informações prestadas por Pedro Dias, particular do paço no reinado de D. Luís, durante a realização do Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, a escrivãzinha encontrava-se, em vida de D. Luís, nos seus aposentos, tendo permanecido aí até à sua morte,<sup>268</sup> prova de que nutria especial afeição por esta peça.

---

<sup>268</sup>PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol.5, T' 111, f.1570 v.

## Considerações finais

Embora em tempo de austeridade, numa cidade delapidada pelo grande terramoto de 1755 e em reconstrução, D. Maria I continuou a embelezar, adornar e enriquecer e a sua residência, a Real Barraca. De acordo com a documentação consultada referente a esse período, foram contratados artistas para esse fim com bastante assiduidade e adquiridas muitas peças de ourivesaria para as necessidades diárias.

As encomendas realizadas por ocasião da vinda de D. Carlota Joaquina para Portugal permitiram-nos identificar - através da consulta de autores nacionais internacionais - as peças de uso diário no quarto: “a prata do quarto”, alguns desses objectos foram expostos ao longo deste estudo. Ficaram por identificar outros, que pela sua designação associada à nomenclatura do século XVIII, não conseguimos ainda transferir para os nossos dias. Restam peças que apesar de reconhecidas, não nos foi permitido ainda encontrar, seja em museus nacionais, seja em colecções particulares. É um trabalho a consumir, de forma a completar o estudo das tipologias a uso naquele período.

Para além do embelezamento do Paço com as armações de Pedro Alexandrino Nunes, existem muitas alusões aos cuidados com a manutenção dos aposentos e à aquisição e conserto das peças de uso diário, relacionadas com a higiene, e *toilette*. Os lavatórios, selhas, bacias e regadores, também eram fabricados em materiais menos nobres como Folha-de-flandres, por Pedro Gualberto de Carvalho.<sup>269</sup> Este artesão também procedia ao conserto dos canos de chumbo da Real Barraca.

Outras actuações, relacionadas com a conservação dos espaços e o conforto diário nos aposentos reais eram a substituição dos vidros dos candeeiros e dos quartos, que se quebravam frequentemente, pelo vidraceiro Joaquim dos Reis,<sup>270</sup> e o fabrico e substituição das esteiras nos aposentos, pelo Mestre esteireiro, António José Jorge.<sup>271</sup>

---

<sup>269</sup> ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 3118, 23 de Junho de 1781.

<sup>270</sup> IDEM, Cx. 3124, 15 de Março de 1783.

<sup>271</sup> IDEM, Cx. 3122, *Despesas de Novembro de 1782*.

Por vezes, na aquisição de artefactos novos, os ourives eram remunerados em parte com a “prata velha”; as peças possivelmente já inutilizadas, dado o desgaste causado pelo uso frequente, sempre pelo “preço mais cómodo” que podia ser, prova de que se vivia num período de contenção de despesas.

As alterações importantes relativas ao conforto e à higiene, que transformaram os hábitos dos cidadãos no século XIX, reflectiram-se nas constantes remodelações dos aposentos privados no Paço Novo, por ocasião da chegada de D. Maria Pia e durante a sua permanência naquela residência: a instalação de água canalizada, de gás e a aquisição de peças, como modernas mobílias de casa de banho e acessórios para os cuidados de limpeza corporal diária. Apesar de termos efectuado uma abordagem neste estudo, temos a percepção que é um tema ainda a aprofundar.

As fontes consultadas, nomeadamente os inventários de despesas, e correspondência dos períodos abordados, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Palácio Nacional da Ajuda, constituíram uma fonte essencial para o nosso estudo e para as considerações sobre a higiene e a *toilette* em Portugal, nomeadamente na corte portuguesa.

O século XIX foi marcado pelas grandes Exposições Industriais e Universais que constituíram um balanço do estado das indústrias na Europa e as indústrias de Arte foram também tributárias de novas tecnologias. Os artistas enveredaram por novos caminhos, associando-se às Artes de utilidades. Nessas grandes mostras exibiam as últimas criações, resultado da conjugação da beleza e da utilidade, para satisfação da clientela de luxo. Foi o caso de Alphonse Giroux, Aucoc, Paul Sormani, dos austríacos Stephan Meyerhofer e Carl Klinkosh e dos ourives da casa Leitão & Irmão, fabricantes dos conjuntos de toucador e escritório que apresentamos.

O núcleo de estojos da colecção de ourivesaria do Palácio Nacional, único em Portugal, pela sua diversidade de tipologias e qualidade excepcional, é expressivo do gosto oitocentista. Dos serviços existentes no acervo do museu, efectuámos uma selecção seguindo um critério de qualidade, autoria, diversidade de materiais, tipologias e valor histórico.

Temos consciência que a abordagem realizada neste trabalho, pela vastidão e novidade do tema - por demais sedutor -, pela diversidade de matérias que se entrecruzam, poderá evidenciar algumas lacunas, nomeadamente na área da ourivesaria, por não ser esse o principal objectivo do nosso estudo. No entanto, ousamos afirmar terem sido lançadas novas pistas que poderão ter utilidade para trabalhos mais aprofundados.

## Fontes e Bibliografia

### 1) Fontes manuscritas

#### Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda:

PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol.3, T 110, f.715 e ss.

PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 4, f. 1248.

PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol.5, T'111, f.1570 v.

PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 6, P''3, fs. 2082 v e ss.

PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 6, K''73, f.1845 e ss.

PNA, Inventário Judicial do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 7, P''811, fs. 2.280v e ss.

PNA, Inventário Judicial Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 8, 28 de Fevereiro, 1 de Março de 1912, ff.2656,

PNA, Inventário Judicial Palácio Nacional da Ajuda, Vol 8, 28 de Fevereiro, 1 de Março de 1912, ff.2656, 2658, 2662 v, 2671v,2697v,

PNA, 4.1.1., República. Bens da Família Real; Inventários e Relações - Bloco de 24 páginas com o nome das salas. Descrição das peças, avaliação e data das mesmas.

PNA.4.1.1.(3)., República, Bens da Casa Real, Inventários e Relações, Caderno manuscrito.

PNA, 4.1.1.,(8), Doc.227, Inventários e Relações. *Relação de todos os objectos existentes no Palácio Nacional da Ajuda julgados dispensáveis, mas de algum valor, mandado organizar pelo processo 980,lº 38*, [Lisboa], 4.1.1938.

PNA. 4.2.2. Documentos Pessoais Diversos. Apontamentos para a pintura dos cabelos da Rainha D. Maria Pia.

PNA, 4.2.2.(2), Doc. 213, Documentos Pessoais Diversos,

PNA, 4.2.2.(2), Doc. 2137, Documentos pessoais diversos., Diário de viagem da Rainha D. Maria Pia (escrito pela dama camareira). 1901

PNA, 4.2.2.(2), Doc. 2233, Bilhete de redução de preços, da Exposição Universal de Paris de 1900.

PNA, 5.1.34.(112), Documentação relativa a fornecedores, *Adresses e moradas dos diferentes fornecedores no estegeiro[sic]1898*.

PNA. 5.2.1.(b). Real Mantieiria. Real Tesouro. Inventários pratas, louças etc.

PNA. 5.2.4.(64). Real Mantieiria. Real Tesouro. Inventários pratas, louças, etc. 1907.

PNA. 5.2.36.(114), Documentação relativa a fornecedores.

PNA, 5.2.38. (116), Documentação relativa a fornecedores

PNA, 6.2.2., (3), Relações diversas, catálogos, Casa Paul Sormani, Catálogo, Artigos de viagem, bronzes, artigos de toilette, Paris, 1889.

PNA, 7.1.1. (85), Documentos relativos a receitas e despesas. Factura do Dentista F.R.A. Justus D.D.S, Cirurgiões Dentistas Americanos, 15 de Julho de 1902.

PNA. 7.1.1.(85), Documentos relativos a receitas e despesas. Factura da Perfumaria Thomaz Mendonça e Filhos, Lisboa, da conta da Rainha D. Maria Pia, Lisboa, 13 de Janeiro de 1908.

PNA, 7.1.1, Doc. 41, Documentos relativos a receitas e despesas, Factura da Papelaria Palhares da conta da rainha D. Maria Pia, Lisboa, 2 de Novembro de 1895.

PNA, 7.2.1.(3), Passaporte passado em nome da Rainha D. Maria Pia e Comitiva, Lisboa, 2.5.1867.

PNA, 10.2.2. Cx..2 (14) Real Tesouro. Mantieiria. *Relações diversas de louças, pratos, bronzes e casquinha Christofle escolhidos pela Rainha D. Maria Pia e pelo Infante D. Afonso (15.05.1897).*

### **Arquivo Nacional da Torre do Tombo:**

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3096, *Despesas de Maio a Dezembro de 1771.*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3011, *Despesas de Maio de 1778*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3118, *Despesas de Junho de 1781.*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3122, *Despesas de Novembro de 1782.*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3124, *Despesas de Fevereiro de 1783.*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3127, *Despesas de Julho de 1783.*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3127, *Despesas de Agosto de 1783.*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3126[1], *Despesas de Maio de 1783.*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3130, *Despesas de Dezembro de 1783.*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3131, *Despesas de Fevereiro de 1784.*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3131, *Despesas de Maio de 1784.*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3132, *Despesas de Maio de 1784*

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 3133, *Despesas de Julho de 1784*.

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.3134, *Despesas de Setembro de 1784*.

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx. 3137, *Despesas de Março de 1785*.

ANTT, AHMF Casa Real, Cx.3139, *Despesas de Junho de 1785*.

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.7321.

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.7331, *Relações*.

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.6898, Despesa de 10 de Junho de 1899. (Doc. cedido por M. Rosário Jardim).

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.7107, *Documentação de despesa da Rainha D. Maria Pia de 1875 a 1892. Despesas de 1889*.

ANTT, AHMF, Casa Real, Cx.7321, Carta de D. Pedro IV para a Rainha D. Maria II.

### **Biblioteca Nacional de Évora:**

BNE., CXXX/1-17..f.232, Frei Manuel do Cenáculo, Diário, *Cópia de Instrução, e Ordens que Sua Magestade foi servido para dar para se observarem no Quarto do Príncipe Nosso Senhor*.

### **2) Fontes Impressas**

*Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, Documentos, III, Lisboa, 1938.

*Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*, Documentos, VI, Lisboa, 1948.

*Boletim da Academia Nacional de Belas- Artes*, Documentos, VII, Lisboa, 1956.

LAROUSSE, Pierre, *Grand Dictionnaire Universel du XIXe Siècle, Français, Historique, Géographique, Mythologique, Bibliographique, Littéraire, Artistique, Scientifique, etc.*, Paris, Administration du Grand Dictionnaire Universel, 1876, Tome quinzième.

### **Biblioteca da Ajuda:**

*Vocabulário Português e Latino (...)* pelo Padre Rafael Bluteau, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1712, Tomo I, p.273.

*Vocabulário Português e Latino (...)* pelo Padre Rafael Bluteau, Coimbra, Colégio das

Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1712, Tomo II, p.592.

*Vocabulário Português e Latino (...)* pelo Padre Rafael Bluteau, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1716, Tomo V, p .165.

*Vocabulário Português e Latino (...)* pelo Padre Rafael Bluteau, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1720, Tomo VII, p.310.

*Vocabulário Português e Latino (...)* pelo Padre Rafael Bluteau, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1720, Tomo VII, pp.470, 471.

*Vocabulário Português e Latino (...)* pelo Padre Rafael Bluteau, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1721, Tomo VIII, p.223.

### **Bibliothèque des Arts Décoratifs, Paris**

*Catalogue du très beau service de toilette...Louis XIV, ayant appartenu à S.M. Marie-Anne d'Autriche, Reine de Portugal...: vente...Hôtel Drouot...13 Juin 1889.* Paris, Imprim. De L'art, 1889.

*Grand Álbum de L'Exposition Universelle, 1867, Paris, M. Lévy Frères, 1868.*

LUCHET, Auguste, *L'Art Industriel a L'Exposition Universelle de 1867, Mobilier-Vêtement, Aliments*, Paris, Librairie Internationale, 15, Boulevard Monmartre, 1868.

MME. CELNART, *Manuel des Dames, ou L'Art de la Toilette, suivi de L'art du Modiste et du Mercier-Pesementier*, Paris, 1827.

*Livret – Chaix, Guide du visiteur a l'Exposition Universelle de 1878*, Paris, Imprimerie et Libairie des Chemins de Fer, A. Chaix et Cie, 6<sup>ème</sup> edition augmenté, 1878.

### **3) Fontes iconográficas**

#### **Bibliothèque du Musée des Arts Décoratifs de Paris :**

Collection Iconographique Maciet, 330/30.

Collection Iconographique Maciet, 356/3.

Collection Iconographique Maciet, 384.

### **4) Estudos**

#### **4.1) Artigos**

ANDRADE, Maria do Carmo, « O Mobiliário de Napoleão III nas Colecções do Palácio Nacional da Ajuda», in *Separata de Mobiliário Português, Actas do 1º Colóquio de*

*Artes Decorativas*, Lisboa, 27 e 28 de Setembro de 2007, Museu de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo, Escola Superior de Artes Decorativas, Lisboa, Fundação Ricardo Espírito Santo, 2007.

ANDRADE, Rebelo de, Maria do Carmo, «Paul Sormani e o estilo Luís XV. Os móveis preferidos da Rainha D. Maria Pia», in «Revista de Artes Decorativas», Universidade Católica do Porto, Porto, Escola das Artes, 2009, nº 3, p.198 e ss.

BURNAY, Maria João ; PORTUGAL, Mafalda Castro, «A família Real na Ajuda no século XIX e o gosto pela natureza», in *Património, Estudos*, Lisboa, IPPAR, Ministério da Cultura, 2005, nº8.

D'OREY, Leonor, «Mestres Ourives de Lisboa que trabalharam para a casa Real, Séculos XVIII e XIX», in *Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria*, (coord. VASCONCELOS E SOUSA, Gonçalo), Porto, Universidade Católica do Porto, 2009, pp. 106.

MARANHAS, Teresa, «A colecção da Casa Leitão e Irmão no acervo do Palácio Nacional da Ajuda», in *Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria*, (coord. VASCONCELOS E SOUSA, Gonçalo), Porto, Universidade Católica do Porto, 2009, p. 113.

SADOUX, Isabelle, «L'Utilité des nécessaires», in *Gazette de l'Hôtel Drouot*, nº 39, Nov, 1991, p.106. (Obra consultada na Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris).

SANTANA, Francisco, «Feira da Ladra», in *Revista Olisipo*, Lisboa, Boletim do Grupo "Amigos de Lisboa", II série, nº 26, Janeiro/ Junho de 2007, p. 96.

#### **4.2) Obras impressas**

AA.VV., *A Baixela de Sua Magestade Fidelíssima, Uma Obra de François Thomas Germain*, Palácio Nacional Da Ajuda, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Ministério da Cultura, 2002.

AAVV., *L'Art de Vivre, Deux Cents Ans de Création en France 1789-1989*, Tolède, Flammarion, 1989.

AA.VV., *Principe d'analyse scientifique; Objets civils domestiques, Vocabulaire, Inventaire General des monuments et des richesses artistiques de la France*, Paris, Ministère de la culture, 1984.

ABECASIS, Maria Isabel Braga, *A Real Barraca, A Residência na Ajuda dos Reis de Portugal após o Terramoto (1756-1794)*, Tribuna da História, Lisboa, 2009.

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges, *História da Vida privada, Da Revolução à Grande*

Guerra, Edições Afrontamento, 1990.

ARMINJON, Catherine, BEAUPUIS, James, BILIMOFF, Michèle, *Dictionnaire des poinçons de fabricants d'ouvrages d'or et d'argent de Paris et de la Seine, 1838- 1875*, Paris, Imprimerie Nationale, 1994.

ARMINJON, Catherine, BLONDEL, Nicole, *Objets civils domestiques, vocabulaire typologique*, Inventaire Général des Monuments et des Richesses Artistiques, Paris, Monum, Éditions du patrimoine, 2002.

BEAUTHEAC, Nadine, *L'Art de Vivre au Temps de Proust*, Paris, Flammarion, 1999. (Obra consultada na Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris).

BRAGA, Piedade, RODRIGUES, Teresa, NOGUEIRA, Margarida Sá, *Lisboa Setecentista vista por estrangeiros*, Lisboa, Livros Horizonte, 1996.

BRUNNHAMMER, Yvonne, *Le Beau dans l'Utile, un musée pour les arts décoratifs*, Découvertes Gallimard, Union Des Arts Décoratifs, Evreux, Mémoire des Lieux, 1992.

CHEVALIER, Bernard, *L'Art de Vivre au Temps de Josephine*, Paris, Flammarion, 1998. (Obra consultada na Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris).

CLAYTON, Michael, *The collector's Dictionary of the Silver and Gold of Great Britain and North América*, Suffolk, Antique Collectors' Club, 1984.

D'OREY, Leonor, *A baixella da Coroa Portuguesa*, Lisboa, Inapa, 1991.

D'OREY, Leonor, *Ourivesaria*, Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, Museu Escola de Artes Decorativas Portuguesas, 1998.

DUBY, Georges, PERROT, Michelle, *História das Mulheres, O Século XIX*, Porto, Edições Afrontamento, Lda., 1994, Vol. IV.

FRANCO, Carlos, *O Mobiliário das elites de Lisboa na segunda metade do Século XVIII*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

GARY, Marie-Nöel de, MUSIN, Geneviève, *Objets d'usage et de goût, dans les premières années du XIXe siècle, Un Album de dessins*, Union Centrale des Art's Décoratifs, Paris, Réunion e Musées Nationaux, 1993.

GIRARD, Sylvie, *Histoire des objets de cuisine et de gourmandise*, Barcelona, Collection Passions, 1991.

GLANVILLE, Philippa, *Silver in England*, Economic History Series, Taylor Francis, Oxon, 2006.

GRUBER, A., *L'Argenterie de Maison du XVIe au XIXe siècle*, Fribourg, Office du Livre SA, 1982.

LA VARENDE, Jean Viconte de, *Anne d'Autriche*, Flammarion, Paris, 1938.

LEDOUX-LEBARD, Denise, *Le Mobilier Français du XIXe, 1795-1889, Dictionnaire des Ébénistes et des Menuisiers*, Les Éditions de l'Amateur, Paris, 1984

LEDOUX-LEBARD, Denise, *Les Ebenistes parisiens du XIXe siècle (1795-1870). Leurs oeuvres et leurs marques*, Paris, Librairie Grund, 1951, p.204. (Obra consultada na Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris)

LE COLLEN, Eric, *Objets d'écriture*, Paris, Flammarion, 1998. (Obra consultada na Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris) .

NEUWIRTH, *Wiener Gold-und Silberschmiede und ihre Punzen 1822-1850*, vol. II.

NEWMAN, Harold, *An Illustrated Dictionary of Silverware*, London, Thames & Hudson, 1987.

PEREIRA, Ângelo, *D. João VI Príncipe e Rei: A retirada da família real para o Brasil (1807)*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, (4 v.). Lisboa: 1953-1958.

PERRIN, Christiane, *François Thomas Germain, Orfèvre des Rois*, Saint- Rémi-en-L'Eau, Editions d'Art Monelle Hayot, 1993.

SCHRODER, Timothy, *The National Trust Book of English Domestic Silver, 1500-1900*, Middlesex, Pengouin Books in association with The National Trust, 1989.

THORTON, Peter, *L'Époque et son Style, La décoration intérieure 1620-1920*, Paris, Flammarion, 1986.

VICENTE, Ana, *As mulheres Portuguesas vistas por viajantes estrangeiros (Séculos XVII, XVIII e XIX)*, Lisboa, Gótica, 2001.

VICENTE, Filipa Lowndes, *Viagens e Exposições D. Pedro V na Europa do século XIX*, Gótica, Braga, 2003.

SANTOS, Eugénio, *D. Pedro IV, Liberdade, Paixões, Honra*, Reis de Portugal, Mem Martins, Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2006.

SILVEIRA, Luís Nuno Espinha e FERNANDES, Paulo Jorge, *D. Luís*, Mem Martins, Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2006.

WINOCK, Michel, *La Belle Epoque, La France de 1900 a1914*, Paris, Éditions Perrin, 2003.

#### **4.3) Catálogos de Exposições**

AA.VV., *António Firmo da Costa, Um Ourives de Lisboa, através da sua Obra*, Exposição, Casa – Museu Dr. Anastácio Gonçalves, Janeiro – Maio, 2000, Lisboa,

Instituto Português de Museus, Ministério da Cultura, 2000, p

AA.VV., *Conceber as Artes Decorativas, Desenhos Franceses do Século XVIII*, catálogo da exposição, Museu Calouste Gulbenkian, Outubro de 2005 a Janeiro de 2006.

AA.VV., *D. Luís, Duque do Porto e Rei de Portugal*, Palácio Nacional da Ajuda, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, 1990.

AA.VV., *Indispensables Nécessaires*, Musée national dès châteaux de Malmaison et de Bois-Preau, Reunion des Musées Nationaux, Octobre 2007-Janvier 2008.

AA.VV., *Les Heures do Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à la République*, Musée National Magnin, Dijon, Exposition du 19 Novembre 2009 au 14 février 2010, Paris, Réunion des Musées Nationaux, 2009.

AA.VV., *Ourivesaria do Norte de Portugal*, Cat. Exposição, Porto, Casa do Infante, 1987.

AA.VV., *Tesouros Reais*, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1990.

AA.VV., *Viajar, Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da Primeira República*, catálogo da exposição, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da Republica, Julho 2010, p. 66.

AA.VV., *Viennese Silver Modern Design, 1780-1918*, Exhibition : Kunsthistorisches Museum Wien (2003-2004), Neue Galerie, Museum for Germany and Austrian Art, New York (2004-2005), Hatje Cantz Publishers.

#### **4.4) Fontes on line:**

A Napoleon III Ormolu-Mounted Ivory and Fruitwood Marquetry Four-Piece Desk Set. The Marquetry by Fernand Duvinage, Paris, Retailled By Alphonse-Gustave Giroux, Third Quarter 19<sup>th</sup> Century, Lote 63, Sale 7614,  
[http://www.christies.com/LotFinder/lot\\_details.aspx?intObjectID=5115152](http://www.christies.com/LotFinder/lot_details.aspx?intObjectID=5115152)

Directory of Austrian silver marks  
<http://www.silvercollection.it/AUSTRIANMMM.html>

L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers.  
<http://diderot.alembert.free.fr/T.html>

Associação Nacional de Cruzeiros, Sírius.  
<http://www.anCasa Realzeiros.pt/ancv-sirius.html>

Christie's, Nécessaire de toilette en vermeil, Par Aucoc ainé, Paris, vers 1860-  
[http://www.christies.com/lotfinder/lot\\_details.aspx?intObjectID=528302](http://www.christies.com/lotfinder/lot_details.aspx?intObjectID=528302)

## Origem das Imagens

Fig. 1 – Wikimedia commons. D. José I Rei de Portugal.  
[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:D.\\_Jos%C3%A9\\_I\\_de\\_Portugal.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:D._Jos%C3%A9_I_de_Portugal.jpg)

Fig. 2 – O Portal da História. D. Maria I e D. Pedro III.  
<http://www.arqnet.pt/portal/imagemsemanal/marco0203.html>

Fig.3 Wikimedia commons, Retrato de D. João ainda infante, Século XVIII.  
[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:An%C3%B4nimo\\_-\\_Retrato\\_de\\_Dom\\_Jo%C3%A3o\\_VI\\_-\\_s%C3%A9culo\\_XVIII.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:An%C3%B4nimo_-_Retrato_de_Dom_Jo%C3%A3o_VI_-_s%C3%A9culo_XVIII.jpg)

Fig. 4 – Royalty Guide. D. Carlota Joaquina de Bourbon.  
<http://www.royaltyguide.nl/images-families/bourbon/bbspain1/1775%20Carlota.jpg>

Fig. 5 – Portugal em postais antigos. Palácio da Ajuda.  
[http://postaisportugal.canalblog.com/albums/region\\_lisboa/photos/1484186-mar26202.html](http://postaisportugal.canalblog.com/albums/region_lisboa/photos/1484186-mar26202.html)

Fig. 6  
D. Luís e D. Maria Pia – Foto arquivo PNA.

Fig. 7 – Blogue “Rua dos dias que voam”. O Passeio público.  
<http://diasquevoam.blogspot.com/2007/07/o-passeio-pblico.html>

Fig. 8 - AA.VV. *António Firmo da Costa, Um Ourives de Lisboa através da sua Obra*, Exposição, Casa - Museu Dr. Anastácio Gonçalves, Instituto Português de Museus, Ministério da Cultura, Lisboa, p.145.

Fig. 9 - AA.VV, *Tesouros Reais*, Palácio Nacional da Ajuda, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, 1990, Cat. 404, p. 260.

Fig. 10 – Matrizpix.  
<http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=1&REGPAG=50&CRITERIO=bule&IDFOTO=84979>

Fig. 11 – Matrizpix.  
<http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=1&REGPAG=50&CRITERIO=chocolateira&IDFOTO=5195>

Fig 12 - AA.VV. *Les Heures do Jour, Dans l'Intimité d'une famille de la haute société, de Louis XIV à la République*, Musée National Magnin, Dijon, Exposition du 19 Novembre 2009 au 14 février 2010, Paris, Réunion des Musées Nationaux, 2009.

Fig. 13 - PNA, Documentos pessoais diversos. 4.2.2.(2) Doc.2137, Diário de viagem da Rainha D. Maria Pia (escrito pela dama camareira), 1901.

Fig. 14 – L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers.  
<http://diderot.alembert.free.fr/T.html>

Fig. 15 – Histoire de l'Anesthésie et de la Réanimation.  
<http://www.histanestrea-france.org/SITE/Traite-de-la-Saignee>

Fig. 16 - Jeune femme a sa toilette, Lavreince. Musée du Louvre, Département des Arts graphiques.  
<http://arts-graphiques.louvre.fr/fo/visite?srv=mipe&paramAction=actionGetImage&idImgPrinc=1&idFicheOeuvre=111712&provenance=mlo&searchInit=>

Fig. 17 - Fotografia - Maria João Burnay.

Fig. 18 – The Artchive.  
<http://www.artchive.com/artchive/C/cassatt/toilette.jpg.html>

Fig. 19 – Matrizpix.  
<http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=1&REGPAG=50&CRITERIO=esquentador&IDFOTO=43492>

Fig. 20 – Heilbrunn Timeline of Art History.  
<http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/16.2.2>

Fig. 21 - Fotografia Maria João Burnay.

Fig. 22 - Fotografia Maria João Burnay.

Fig. 23 - Fotografia Maria João Burnay.

Fig. 24 - PNA.7.1.1 (85), Documentos relativos a receitas e despesas. Factura da Perfumaria Thomaz Mendonça e Filhos, Lisboa, da conta da Rainha D. Maria Pia, Lisboa, 13 de Janeiro de 1908.

Fig. 25 – Matrizpix.  
<http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=1&REGPAG=50&CRITERIO=toucador&IDFOTO=20007>

Fig. 26 – The National Gallery.  
[http://www.nationalgallery.org.uk/paintings/william-hogarth-marriage-a-la-mode-4-the-toilette/\\*/x/327/y/185/z/2](http://www.nationalgallery.org.uk/paintings/william-hogarth-marriage-a-la-mode-4-the-toilette/*/x/327/y/185/z/2)

Fig. 27 - Fotografia Maria João Burnay.

Fig. 28 – Utpictura 18 – Base de données iconographiques.  
<http://galatea.univ-tlse2.fr/pictura/UtpicturaServeur/GenerateurNotice.php?numnotice=A4383>

Fig. 29 - The Artchive.

[http://www.artchive.com/artchive/D/degas/degas\\_toilette\\_pastel.jpg.html](http://www.artchive.com/artchive/D/degas/degas_toilette_pastel.jpg.html)

Fig. 30 – The Enigm – Art.

<http://enigm-art.blogspot.com/2010/07/la-mouche-dans-la-peinture.html>

Fig. 31 – A chegada da corte lusitana ao Brasil.

<http://familiaareal.blogspot.com/>

Fig. 32 – Ruphus – cucullatus, blogue.

<http://raphus-cucullatus.blogspot.com/>

Fig. 33 - Fotografia Maria João Burnay.

Fig. 34 - Collection Iconnographique Maciet, 356/3, Bibliothèque du Musée des Arts Décoratifs de Paris.

Fig. 35 – Matrizpix.

<http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=1&REGPAG=50&CRITERIO=escrivantina&IDFOTO=45987>

Fig. 36 – Louvre, site officiel-

[http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car\\_not\\_frame&idNotice=3633](http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=3633)

Fig. 37 – artfinding.com

<http://www.artfinding.com/Artwork/Writing-painting-and-drawing/Encrier-depoque-Louis-XIV/38.html?LANG=po>

Fig. 38

Fotografia Maria João Burnay

Fig. 39, 40 e 41

*Catalogue du très beau service de toilette...Louis XIV, ayant appartenu à S.M. Marie-Anne d'Autriche, Reine de Portugal: vente, Hôtel Drouot, 13 Juin 1889, Paris, Imprim. De L'art, 1889, pag. 4 (Obra consultada na Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris)*

Fig. 42 V&A Search the collections.

<http://collections.vam.ac.uk/item/O81341/tazza-calverley-toilet-service/>

Fig. 43 - AA.VV, *Indispensables Nécessaires*, Musée national des châteaux de Malmaison et de Bois- Preau, Reunion des Musées Nationaux, Octobre 2007-Janvier 2008, Fig. 3, p. 14.

Fig. 44 – Matrizpix.

<http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=1&REGPAG=50&CRITERIO=durand&IDFOTO=1038>

Fig. 45 – Matrizpix.

<http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=2&EGPAG=50&CRITERIO=germain&IDFOTO=4358>

Fig. 46 – Matrizpix.

<http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=2&EGPAG=50&CRITERIO=germain&IDFOTO=4362>

Fig. 47 – Matrizpix.

<http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=2&EGPAG=50&CRITERIO=germain&IDFOTO=4357>

Fig. 48 – L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers.  
<http://diderot.alembert.free.fr/T.html>

Fig. 49 – L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers.  
<http://diderot.alembert.free.fr/T.html>

Fig. 50 - L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers.  
<http://diderot.alembert.free.fr/T.html>

Fig. 51 - AA.VV, *Indispensables Nécessaires*, Musée national dès châteaux de Malmaison et de Bois- Preau, Reunion des Musées Nationaux, Octobre 2007-Janvier 2008, Fig. 2, p. 37.

Fig. 52 - AA.VV, *Indispensables Nécessaires*, Musée national dès châteaux de Malmaison et de Bois- Preau, Reunion des Musées Nationaux, Octobre 2007-Janvier 2008, Cat. 60, p. 54.

Fig.53 - Fotografia Maria João Burnay

Fig. 54 - *Livret – Chaix, Guide du visiteur a l'Exposition Universelle de 1878*, Paris, Imprimerie et Librairie des Chemins de Fer, A. Chaix et Cie, 6<sup>ème</sup> edition augmenté, 1878.

Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris.

Fig. 55 - Fotografia Maria João Burnay

Grand Álbum de L'Exposition Universelle, 1867, Paris, M. Lévy Frères, 1868.  
Bibliothèque des Arts Décoratifs, Paris.

Fig.56 - Fotografia Maria João Burnay

Grand Álbum de L'Exposition Universelle, 1867, Paris, M. Lévy Frères, 1868.  
Bibliothèque des Arts Décoratifs, Paris.

Fig. 57 - Fotografia Maria João Burnay

PNA, 4.2.2. (2), Doc. 2233, Bilhete de redução de preços, da Exposição Universal de Paris de 1900.